

Universidade Federal de Uberlândia
Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e
Matemática

Renê Aparecido Santos

AS MANIFESTAÇÕES DA CONGADA E A EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA ANTIRRACISTA

Ituiutaba

2024

Renê Aparecido Santos

**AS MANIFESTAÇÕES DA CONGADA E A EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA ANTIRRACISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Leandro de Oliveira Souza

Ituiutaba

2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S237 Santos, Renê Aparecido, 1995-
2024 As Manifestações da Congada e a Educação Matemática
Antirracista [recurso eletrônico] / Renê Aparecido
Santos. - 2024.

Orientador: Leandro de Oliveira Souza.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em Ensino de Ciências e
Matemática.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.374>

Inclui bibliografia.

1. Ciência - Estudo ensino. I. Souza, Leandro de
Oliveira, 1980-, (Orient.). II. Universidade Federal de
Uberlândia. Pós-graduação em Ensino de Ciências e
Matemática. III. Título.

CDU: 50:37

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1A, Sala 207 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3230-9419 - www.ppgecm.ufu.br - secretaria@ppgecm.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM)				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional / Produto Educacional				
Data:	17/04/2024	Hora de início:	10:00	Hora de encerramento:	12:06
Matrícula do Discente:	12112ECM019				
Nome do Discente:	Renê Aparecido Santos				
Título do Trabalho:	As manifestações da congada e a Educação Matemática antirracista				
Área de concentração:	Ensino de Ciências e Matemática				
Linha de pesquisa:	Formação de Professores em Ciências e Matemática				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Um estudo etnomatemático por meio de um grupo de Congado Afro-Brasileiro				

Reuniu-se, por vídeo conferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, assim composta: Prof. Dr. Leandro de Oliveira Souza (FACED/UFU) - orientador; Profa. Dra. Cristiane Coppe de Oliveira (ICENP/UFU) e Prof. Dr. José Ivanildo Felisberto de Carvalho (UFPE). Iniciando os trabalhos o presidente da mesa apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu o discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa. A seguir, o presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu os conceitos finais. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

Aprovado

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O componente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Leandro de Oliveira Souza, Professor(a) do Magistério Superior**, em 17/04/2024, às 12:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane Coppe de Oliveira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 17/04/2024, às 12:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jose Ivanildo Felisberto de Carvalho, Usuário Externo**, em 17/04/2024, às 17:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5346195** e o código CRC **DB82B445**.

Referência: Processo nº 23117.026881/2024-62

SEI nº 5346195

Dedico este trabalho a minha mãe **Marilza Divina dos Santos**, por sempre me apoiar e me incentivar a ir em busca dos meus sonhos, **minha esposa, família e amigos.**

Agradecimentos

Primeiro eu gostaria de agradecer a **Deus** por me permitir realizar meus sonhos e me manter firme na caminhada.

A minha esposa **Nayara Cristina Alves de Oliveira**, por estar comigo me apoiando e me incentivando a nunca desistir.

A minha mãe **Marilza Divina dos Santos** por sempre acreditar em meu potencial e por estar comigo em todos os momentos, e a toda a **minha família**.

Agradeço ao meu orientador, **Leandro de Oliveira Souza**, por toda contribuição e orientação durante esses anos de estudos e ensinamentos.

Agradeço a todos os meus amigos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, em especial **Igor Gabriel Santos de Sousa** e **Ana Roberta Amorim Barros** por estarem comigo nessa caminhada do mestrado.

Agradeço, a toda a **comunidade congadeira** que mantém as manifestações da congada ativa para a sociedade. Agradeço ainda aos congadeiros que participaram como integrantes da pesquisa.

Agradeço ao **Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT**, pela valiosa colaboração, tanto pelo incentivo financeiro durante a realização do projeto intitulado Etnomatemática, Modelagem Matemática e formação de professores: possibilidades de implementação da lei 10.639/03 no ensino de matemática no período da graduação, com um pro-labore como pesquisador, quanto pelas discussões que contribuíram significativamente para ampliar meu entendimento sobre a temática racial.

Agradeço as contribuições e sugestões do **Grupo de pesquisa Equidade na Educação Matemática, Estatística e Científica - GEMEC**, que me ajudou com as discussões durante todo o processo, desde a elaboração do projeto até o momento da defesa.

Agradeço aos **estudantes** da Escola Municipal Aureliano Joaquim da Silva – CAIC, que participaram da validação das propostas pedagógicas, e das contribuições para este estudo.

Agradeço as contribuições dadas pelos professores Doutores **José Ivanildo Felisberto de Carvalho** da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE) e **Cristiane Coppe de Oliveira** da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) que foram membros da banca de defesa da dissertação e do produto educacional.

Sou Congo Real, sou Congo Real, São Benedito abençoou nossa coroa,
em nosso navio Mamãe do Rosário vem na proa.

Resumo

Nesta dissertação apresenta-se os resultados de uma pesquisa de características etnográfica que investigou relações dos saberes da cultura da congada com o ensino da Matemática. Nesse estudo toma-se como problemática a inquietação do autor na busca de propostas pedagógicas para implementação da Lei 10.639/2003. Por isso, o estudo debruçou-se sobre as manifestações afro-brasileiras da congada na busca por levantar conteúdos de Matemática que fazem parte das práticas dos participantes. A investigação recai sobre a seguinte questão: Como a Matemática existente nos instrumentos percussivos do Congado e em outros artefatos poderiam auxiliar professores de Matemática na busca por uma educação Antirracista? A pesquisa foi conduzida com foco em três etapas: (a) estudar os saberes e os fazeres das manifestações da congada na cidade de Ituiutaba-MG; (b) observar de forma participativa os encontros, leilões e ensaios dos ternos ao realizar as manifestações e (c) buscar relações a partir da produção de dados entre as teorias do Programa Etnomatemática e as teorias Decoloniais. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com oito integrantes distribuídos entre as confrarias da congada. A análise se deu na interpretação das narrativas e pela observação participativa durante a realização dos encontros, ensaios e leilões dos ternos. O estudo nos possibilitou compreender como as manifestações da congada na cidade de Ituiutaba - MG vem resistindo no decorrer do tempo com os fazeres e os saberes compartilhados tradicionalmente dos mais velhos aos mais novos. As manifestações da congada tornaram-se um patrimônio cultural da cidade. Por fim, práticas matemáticas realizadas durante as manifestações foram identificadas de modo que contribuiu para a elaboração do Guia Prático para professores como produto educacional dessa investigação. Esse produto teve como meta auxiliar professores de matemática a irem em busca de uma educação antirracista e a reconhecer a matemática que está associada a cultura africana e afro-brasileira da congada.

Palavras-chave: Congada. Etnomatemática. Decolonialidade. Pensamento Crítico. Etnografia.

Abstract

This dissertation presents the results of an ethnographic research that investigated the relationship between the knowledge of the congada culture and the teaching of Mathematics. In this study, the author's concern in the search for pedagogical proposals for the implementation of Law 10,639/2003 is considered problematic. Therefore, the study focused on the Afro-Brazilian manifestations of the congada in the search to identify Mathematics content that is part of the participants' practices. The investigation focuses on the following question: How could the Mathematics found in Congado's percussive instruments and other artifacts help Mathematics teachers in the search for Anti-Racist education? The research was conducted focusing on three stages: (a) studying the knowledge and practices of congada demonstrations in the city of Ituiutaba-MG; (b) observe in a participatory way the meetings, auctions and suit rehearsals when carrying out the demonstrations and (c) seek relationships from the production of data between the theories of the Ethnomathematics Program and Decolonial theories. Data were collected through semi-structured interviews with eight members distributed among the congada confraternities. The analysis took place through the interpretation of narratives and through participatory observation during meetings, rehearsals and suit auctions. The study enabled us to understand how the congada manifestations in the city of Ituiutaba - MG have resisted over time with the practices and knowledge traditionally shared from the oldest to the youngest. The congada demonstrations have become a cultural heritage of the city. Finally, mathematical practices carried out during the demonstrations were identified in a way that contributed to the preparation of the Practical Guide for teachers as an educational product of this investigation. This product aimed to help mathematics teachers to seek anti-racist education and recognize mathematics that is associated with the African and Afro-Brazilian congada culture.

Keywords: Congada. Ethnomathematics. Decoloniality. Critical Thinking. Ethnography.

Lista de Figuras

Figura 1 – Organograma dos ternos da cidade de Ituiutaba-MG	66
Figura 2 – Núvem de Palavras	110
Figura 3 – Núvem de Palavras	125
Figura 4 – Núvem de Palavras	126
Figura 5 – Núvem de Palavras	127

Lista de Imagens

Imagem 1 – Capoeira	34
Imagem 2 – Folia de Reis	38
Imagem 3 – Carimbó	39
Imagem 4 – Frevo	39
Imagem 5 – Carnaval	42
Imagem 6 – Terno Congo Real – Festa em Ituiutaba – MG/2023	49
Imagem 7 – Moçambique Camisa Rosa	68
Imagem 8 – Moçambique Camisa Rosa	69
Imagem 9 – Congo Camisa Verde	73
Imagem 10 – Congo Camisa Verde	73
Imagem 11 – Congo Real	78
Imagem 12 – Congo Real	78
Imagem 13 – Moçambique Lua Branca	83
Imagem 14 – Moçambique Lua Branca	83
Imagem 15 – Moçambique Águia Branca	87
Imagem 16 – Congo da Libertação	88
Imagem 17 – Congo Filhos da Luz.....	89
Imagem 18 – Marinheiro de Santa Luzia	91
Imagem 19 – Marinheiro de Santa Luzia	92
Imagem 20 – Catupé Capão de Ouro	97
Imagem 21 – Catupé Capão de Ouro	98
Imagem 22 – Congo Raízes de São Benedito	102
Imagem 23 – Congo Raízes de São Benedito	103
Imagem 24 – Marujo de São Benedito	105
Imagem 25 – Marujo de São Benedito	108

Lista de Quadros

Quadro 1 – Pesquisa envolvendo Matemática e Capoeira	35
Quadro 2 – Pesquisa envolvendo Matemática e Capoeira	36
Quadro 3 – Pesquisa envolvendo Matemática e Frevo	40
Quadro 4 – Pesquisa envolvendo Matemática e Carnaval	43
Quadro 5 – Dimensões do Programa Etnomatemática	51
Quadro 6 – Pergunta 6 da entrevista semiestruturada	112
Quadro 7 – Pergunta 11 da entrevista semiestruturada	114
Quadro 8 – Pergunta 12 da entrevista semiestruturada	116
Quadro 9 – Pergunta 6 – Fragmentada	120
Quadro 10 – Pergunta 11 – Fragmentada	121
Quadro 11 – Pergunta 12 – Fragmentada	122
Quadro 12 – Categorias emergentes	128
Quadro 13 – Galeria de Simetrias	134
Quadro 14 – Processo de construção das vestimentas dos congadeiros	135
Quadro 15 – Processo de construção das vestimentas dos congadeiros	135
Quadro 16 – Designer das vestimentas dos congadeiros	136
Quadro 17 – Aplicação das atividades	137
Quadro 18 – Aula explicativa sobre o cilindro e seus elementos	138
Quadro 19 – Aula prática sobre o cilindro e seus elementos	139
Quadro 20 – Feedback dos alunos sobre as atividades	140

Lista de Siglas

CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEERT	Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICENP	Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal
NEAB	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros
NUPEM	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática
PET	Programa de Educação Tutorial
PIBID	Programa Institucional de Iniciação à Docência
PIES	Programa de Inclusão ao Ensino Superior
PIVIC	Projeto de Iniciação Científica Voluntária
PPGECM	Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática
RP	Residência Pedagógica
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

Sumário

1.	APRESENTAÇÃO	16
1.1	– Trajetória Acadêmica do Pesquisador	17
2.	INTRODUÇÃO	24
3.	PORQUE REALIZAR PESQUISAS ENVOLVENDO AS MANIFESTAÇÕES DA CONGADA	27
4.	TEORIAS DECOLONIAIS CONTEMPORÂNEAS NUMA PERSPECTIVA ANTIRRACISTA E AS INFLUÊNCIAS NA CULTURA AFRO-BRASILEIRA .	30
4.1	– Teorias Decolonias Contemporâneas numa perspectiva Antirracista.....	30
4.2	– Algumas influências na cultura Afro-brasileira	33
4.2.1	- Capoeira	34
4.2.2	- Folia de Reis	37
4.2.3	- Carimbó	38
4.2.4	- Frevo	39
4.2.5	– Carnaval	41
5.	AS MANIFESTAÇÕES DA CONGADA COMO MOVIMENTO CULTURAL, COMPORTAMENTOS E CRENÇAS	45
6.	O PROGRAMA ETNOMATEMÁTICA E SUAS CONTRIBUIÇÃO	51
7.	PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	59
8.	AS MANIFESTAÇÕES DA CONGADA EM ITUIUTABA- MG	64
8.1	– As Confrarias da Congada Existentes em Ituiutaba -MG	65
8.2	– Nuvem de Palavras	110
9.	ANÁLISE DOS DADOS	111
10.	PRODUTO EDUCACIONAL	132
10.1	– Sobre o Produto	132
10.2	– Validação do Produto Educacional	133
10.3	– Discussão Breve sobre a Aplicação	139
11.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
12.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	146
13.	ANEXOS	152
13.1	– Termo de consentimento livre e esclarecido	152
13.2	– Roteiro da entrevista semiestruturada	154
13.3	– Artigo	155
13.4	– Produto Educacional	155

1. APRESENTAÇÃO

Convido vocês leitores, a embarcarem nessa viagem que foi a construção e desenvolvimento deste trabalho de pesquisa no qual teve como objetivo, utilizar conhecimentos das manifestações da congada interligadas com a matemática, possibilitando subsídios para uma Educação Matemática Antirracista. Diante desse contexto, utilizamos como fundamentação teórica as teorias do Programa Etnomatemática e teorias decoloniais.

O texto em questão se encontra organizado em treze seções. Para iniciar, apresentaremos aos leitores, a trajetória acadêmica do pesquisador no qual é possível verificar os desafios e conquistas enfrentados até o momento da escrita desta dissertação, em que foi ponderado questões sobre a relação do pesquisador com a matemática sendo possível viabilizar a aproximação do leitor com a temática. A segunda seção traz a introdução da dissertação no qual apresenta de forma sucinta os pressupostos deste trabalho de pesquisa, abordando a temática, e as técnicas utilizadas no desenvolvimento.

Na seção três apresentamos justificativas que nos deram subsídios para realizar enfatizar o porquê de estarmos utilizando as manifestações da congada como elemento de pesquisa. Na seção seguinte, descrevemos o contexto nas teorias Decoloniais contemporâneas e algumas influências da cultura afro-brasileira, nessa seção apresentaremos alguns estudos envolvendo as manifestações culturais relacionadas com a matemática. Na seção cinco, trazemos as manifestações da congada como movimento cultural afro-brasileiro, comportamentos e crenças. Apresentamos os pressupostos dessa manifestação, a importância para o movimento negro, além disso, os saberes e fazeres que vem resistindo no decorrer dos anos.

Na próxima seção, é apresentado o contexto e as teorias do Programa Etnomatemática e suas contribuições para o ensino e aprendizagem de matemática. A seção sete, traz a trilha metodológica da pesquisa, nesta seção abordamos o contexto acerca do planejamento e

execução acerca do processo de obtenção de dados por meio das técnicas da Etnografia, a elaboração e aplicação das propostas pedagógicas utilizadas no estudo, além disso é apresentado todo o passo a passo da execução dessa pesquisa.

Na seção oito, é apresentado o contexto das manifestações da congada na cidade de Ituiutaba-MG, apresentando o surgimento do movimento, e a história dos ternos utilizando a fala das congadeiros entrevistados. Tivemos oito participantes que descrevem como as manifestações da congada acontecem na cidade. Já na seção nove, utilizamos a análise descritiva sobre os dados coletados durante a realização desta pesquisa, que possibilitou realizar abordagens para a obtenção dos objetivos principais desta pesquisa.

A seção seguinte, apresenta uma síntese sobre o produto educacional elaborado a partir dos dados desta pesquisa, intitulado de “Saberes Etnomatemáticos da Congada: contribuições para uma educação matemática antirracista”. Trata-se de um Guia sobre a temática das manifestações culturais da Congada interligadas com a matemática, voltado para docentes, pesquisadores e leitores, sobre como abordar à temática no ambiente escolar. Nele estão disponibilizados subsídios e estratégias para que os leitores possam estar capacitados para trabalhar conteúdo da cultura afro-brasileira com os conteúdos específicos da matemática.

Ao final são trazidas as considerações finais sobre as nossas reflexões sobre o desenvolvimento da pesquisa, as referências bibliográficas que foram utilizadas durante o processo de pesquisa por último a seção contento todos os anexos utilizados.

1.1 – Trajetória Acadêmica do Pesquisador

A concepção da escrita deste trabalho me fez refletir o quão minha experiência de vida e prática profissional influenciou minha história como pesquisador. Descrever a trajetória acadêmica me faz refletir sobre os desafios enfrentados até chegar no atual momento, um pesquisador da área de ensino de Ciências e Matemática. Sou filho mais velho de uma mãe solteira, negra e guerreira, que com todas as dificuldades criou três filhos biológicos e ajudou a criar mais três não biológicos. Fez isso enquanto todo o sistema atuava contra o nosso desenvolvimento. O que minha mãe mais nos incentivava era sobre a permanência na escola, sempre dizia que os estudos ninguém nos poderia tirar.

Cresci sendo orientado a não desistir da minha educação. Minha inserção na escola se deu aos quatro anos de idade quando minha mãe precisava trabalhar e deixava a gente na creche.

Ela nos pegava de tardezinha quando saía do serviço, praticamente eu morava na creche. Com sete anos de idade iniciei a primeira série do ensino fundamental, do qual lembro que sempre tinha tarefa de casa. Minha mãe, mesmo cansada depois de um dia de trabalho, sempre ajudava e me explicava algumas coisas das quais eu tinha dúvidas. Não importava se ela tinha cursado apenas até sétima série do ensino fundamental.

Ainda quando estava no ensino fundamental nos mudamos para a zona rural. Minha mãe acreditava que o custo de vida lá era mais baixo e que por isso seria mais fácil criar seis crianças. Lembro-me da escola que estudava, nela tinha poucos alunos e era bem acolhedora, íamos de Van para a escola. A escola recebia alunos até a quinta série do ensino fundamental, por isso, fiquei somente um ano por ali. Diante disso, no ano seguinte passei a estudar novamente na zona urbana, porém como ainda morava na zona rural, acordava as quatro horas da manhã para conseguir chegar na cidade antes do início das aulas. Esse trajeto diariamente era cansativo, porém não gostava de faltar nem um dia sequer nas aulas.

Sempre gostei de estudar, lembro-me que até em dias chuvosos eu queria ir para escola, mesmo com o cansaço e desgaste eu me mantinha firme. Estudei quatro anos nessa escola durante o ensino fundamental, lá o apreço pela docência começou a brotar dentro de mim. Até então, quando me perguntavam qual a profissão eu gostaria de seguir não tinha nada em mente. No ensino fundamental minha relação com a matemática começou a se fortalecer. Essa era a matéria que eu mais me destacava durante as aulas. Gostava de ensinar, dominava com facilidade o conteúdo e cheguei a ser até monitor da disciplina.

Iniciei meu ensino médio ainda residindo na zona rural. Como já era jovem e estava interessado em participar de alguns programas escolares, comecei a permanecer na cidade durante boa parte do dia. Assim, pude participar de aulas extras-classes de aprofundamento de estudos, aula de espanhol, e outros projetos ofertados pela escola. Cada vez mais ia me desligando da zona rural, até que certo momento minha mãe resolveu retornar para a zona urbana. Ela queria que eu e os meus irmãos aproveitássemos as oportunidades escolares.

Com o retorno para a zona urbana, mudei-me de escola e finalizei os meus estudos no período correto, no mesmo ano prestei o meu primeiro Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, com o intuito de entrar em uma universidade no Rio de Janeiro para cursar Tecnólogo em Gastronomia. Cozinhar era meu primeiro sonho, como minha mãe sempre trabalhou, eu como filho mais velho aprendi os afazeres de casa para ajudá-la com meus irmãos menores.

Acredito que diante disso, no ano de 2012, a nota do meu resultado do ENEM não foi suficiente para ingressar em nenhuma universidade pública. Por isso resolvi trabalhar e ajudar a minha família nas despesas de casa. Consegui um emprego que pagava um pouco menos de meio salário-mínimo na época. Com o trabalho, decidi a princípio deixar os estudos um pouco de lado, pois os dois juntos, trabalho e estudo, naquele momento eram impossíveis conciliar.

Posteriormente, consegui um emprego em Supermercado da cidade, e lá fiquei por três anos. Foi o meu primeiro emprego de carteira assinada. Como o trabalho era em horário comercial eu ficava das sete às cinco e meia da tarde, foi então que parei para refletir sobre o meu futuro. Meus patrões sempre me incentivaram a voltar os meus estudos. Diante do incentivo e das reflexões quis voltar a estudar e me preparar para que pudesse novamente tentar conseguir uma nota no ENEM. No ano de 2015 fiquei sabendo por terceiros que a Universidade Federal de Uberlândia no Campus Pontal ofertava um curso preparatório para vestibulares para pessoas com vulnerabilidade financeira. O programa era oferecido de forma gratuita na época, o nome era Programa de Inclusão ao Ensino Superior – PIES.

Esse programa foi um divisor de águas na minha vida acadêmica. Como ele era ministrado no período noturno continuei a trabalhar normalmente e depois do trabalho eu ia para a UFU ter aulas neste cursinho. Mesmo trabalhando e ainda com pouco tempo para estudar, segui em busca do meu sonho que naquele momento era de ingressar em uma universidade pública no Rio de Janeiro. Mas com os pés no chão, vi que não conseguiria sair da minha cidade sem reservas e sem ter familiares que residiam lá, resolvi permanecer na minha cidade e tentar entrar em um curso aqui em Ituiutaba – MG.

Como sempre tive facilidade para ensinar conteúdos de Matemática, me inscrevi no curso de Licenciatura em Matemática. Ingressei no ano de 2016 e iniciei meus estudos. Fiquei quase três anos fora da escola, por isso, tive dificuldade em acompanhar as disciplinas e o conteúdo. Achava que o curso forneceria uma Matemática semelhante a que eu havia apreendido na escola, porém veio o primeiro baque, na Universidade era bem diferente. Tive algumas reprovações no primeiro semestre, pois ainda trabalhava e não conseguia me dedicar como achava ser necessário. Pensei várias vezes em desistir do curso e de não permanecer na universidade pelo cansaço e pelas dificuldades. O pior, na minha perspectiva, era a dificuldade que eu tinha em acompanhar os estudos e trabalhar ao mesmo tempo.

Como ainda tinha que ajudar com as despesas de casa, me senti bastante frustrado por não conseguir acompanhar a turma. Foi então que conheci, no segundo período, o Programa

Institucional de Iniciação à Docência – PIBID, que é um programa que incentivava a formação docente e proporcionava a inserção dos licenciandos nas escolas como forma de prepará-los para carreira de professor. Além disso, o programa fornecia uma bolsa como incentivo financeiro, a bolsa era equivalente a quatrocentos reais, e servia como auxílio aos pibidianos.

Nesse programa vi a possibilidade de deixar meu emprego. Assim, consegui um tempo maior para me dedicar aos estudos da graduação e aprendi a estudar de forma mais adequada. Desde então não tive mais reprovações, segui no curso com um bom rendimento, e contava com o auxílio financeiro para ajudar a minha mãe nas despesas da casa.

Depois de permanecer como bolsista no PIBID por dois anos, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que financiava o programa resolveu encerrar o edital e lançar um outro programa descrito como Residência Pedagógica que tinha um papel semelhante ao PIBID. Porém, na Residência o foco era licenciandos a partir do quinto período de curso enquanto o PIBID agregava licenciandos com menor tempo nos cursos. Ambos os programas se voltavam para a formação do futuro professor, por meio das experiências vivenciadas em sala de aula.

No quarto período do curso, tive uma disciplina chamada Metodologia Científica, na qual comecei a traçar as minhas possíveis linhas de pesquisa. No curso de Licenciatura em Matemática do Campus Pontal, temos quatro disciplinas de Educação Matemática que nos coloca em contato com as seis tendências do ensino de Matemática, dentre elas temos: o recurso aos jogos; modelagem matemática; tecnologias; a etnomatemática; a resolução de problemas e a história da matemática.

Dentre essas seis tendências, a que me chamou mais atenção foi a etnomatemática, pois quase não via a sua utilização nos diversos ambientes escolares, tanto que só fui conhecê-la mediante a minha inserção no ensino superior. Dessa forma, ao me matricular na disciplina de Metodologia Científica, resolvi voltar meus estudos para essa questão. Queria saber quais eram os motivos que levavam os professores de matemática do ensino básico à não utilizarem essa tendência em sala de aula. Foi aí então que em conversas com o professor que ministrou a disciplina resolvemos desenvolver um estudo em que tinha como foco a etnomatemática.

No primeiro momento, vi que a etnomatemática ia muito mais além do que uma simples tendência, dessa forma, enxerguei a possibilidade de uma articulação da matemática com a cultura afro-brasileira, cultura da qual me identifico e estou inserido. Desse modo, sobre orientação do professor Leandro desenvolvi um projeto de Iniciação Científica voluntária –

PIVIC por um ano. Investiguei como poderíamos interligar a ciência matemática com saberes e fazeres etnomatemáticos da cultura da Congada. Esse projeto transformou-se no meu trabalho de conclusão de curso intitulado “O Congado Vive em Mim: Um Estudo sobre a Etnomatemática Presente nas Manifestações Culturais Afro-brasileiras¹” e em um artigo científico intitulado “Etnomatemática E Congado: Possibilidades Pedagógicas Para o ensino de Matemática²” na revista Educação Matemática em Revista – RS.

Enquanto fazia o Trabalho de Conclusão de Curso, no meu último ano, e com o encerramento do edital de dezoito meses da Residência Pedagógica, para me manter no curso consegui uma bolsa de extensão pela UFU. Tornei-me estagiário dos laboratórios de Informática do Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), e a minha função era possibilitar auxílio e utilização dos equipamentos de informática aos demais alunos da universidade e proporcionar assim a população acadêmica um ambiente adequado para estudos.

Com os resultados obtidos na pesquisa desenvolvida na Iniciação Científica, no trabalho de conclusão de curso, identifiquei e descrevi algumas possibilidades de se utilizar para fins pedagógicos os saberes e fazeres da cultura, interligando alguns conceitos matemáticos para atender a Lei 10.639/003. Desenvolvi atividades pedagógicas e práticas que poderiam ser aplicadas em sala de aula, saberes esses advindos de meus antepassados.

Defendi o trabalho de conclusão de curso e me formei em Matemática - Licenciatura no ano de 2020. Apresentei na pesquisa algumas atividades lúdicas pedagógicas possíveis de serem aplicadas em sala de aula. Como resultado dessa pesquisa realizei várias ações que deram visibilidade aos estudos nessa temática. Além do artigo para a Revista Educação Matemática Em Revista (2020), posteriormente, desenvolvi um capítulo de livro intitulado “Conhecendo a congada em Ituiutaba-MG: história, musicalidade e etnomatemática, junto com a discente do curso de história da UFU, Lúcia Helena Dos Santos Oliveira em um projeto de extensão financiado pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT.

O Projeto financiado pelo CEERT foi desenvolvido sob a coordenação da professora Doutora Cristiane Coppe de Oliveira, intitulado Etnomatemática, Modelagem Matemática e formação de professores: possibilidades de implementação da lei 10.639/03 no ensino de

¹ <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/28639/3/CongadoViveEm.pdf>

² https://www.researchgate.net/publication/343066027_EDUCACAO_MATEMATICA_EM_REVISTA_RS_ETNOMATEMATICA_E_CONGADO_POSSIBILIDADES_PEDAGOGICAS_PARA_O_ENSINO_DE_MATEMATICA_Etnomatematics_and_congado_pedagogical_possibilities_for_teaching_mathematics

matemática que foi aprovado pela CEERT no edital Equidade Racial na Educação Básica em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática da UFU (NUPEM). A primeira etapa do projeto constitui-se de uma formação de professores denominada "Por uma Educação Matemática Antirracista".

O projeto teve duração de dezoito meses, contendo três etapas de execução, a primeira contou com a formação para professores sobre a temática étnico-racial, em seguida com a elaboração de propostas de ensino, além de cursista, pude contribuir com a aula sobre as manifestações da congada em Ituiutaba-MG, fui bolsista pro-labore recebendo uma bolsa auxílio durante todo o período de execução do projeto. Em seguida teve a realização das visitas técnicas em centros históricos e pôr fim a elaboração dos produtos educacionais como a confecção do livro e do caderno de propostas elaboradas por atividades dos cursistas.

Depois realizei uma entrevista para o site Comunica UFU falando um pouco sobre a pesquisa desenvolvida, no qual fui entrevistado por uma estagiária do curso de jornalismo da UFU. Ministrei uma aula em forma de um minicurso de extensão para o grupo PET-Matemática para alunos do curso de Matemática sobre a etnomatemática no contexto da congada, além disso, realizei várias outras atividades relacionadas a questões étnico-raciais.

Considero importante relatar a minha participação como membro da comissão de Assuntos Estudantis que compôs a coordenação estudantil do NEAB/UFU no período de 2021 a 2023 sob a portaria de pessoal UFU Nº 2447, de 24 de junho de 2021. Lá pude participar de diversos debates sobre as questões étnico-raciais. Finalizada essa etapa resolvi então me inscrever no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECEM, mestrado profissional da Universidade Federal de Uberlândia que no ano de 2021 ingressei.

Dessa forma, ao dar continuidade nos estudos, agora de forma mais ampla, esse trabalho se guia pela seguinte inquietação: *Como a Matemática existente nos instrumentos percussivos do Congado e em outros artefatos poderiam auxiliar professores de Matemática na busca por uma educação antirracista?* Realizei então a construção de um Guia prático para professores como produto educacional, visto que esse auxiliará professores a trabalharem a questão da etnomatemática em uma perspectiva para a Educação Matemática antirracista.

Essa pesquisa em de nível de pós-graduação é um dos mais importantes trabalhos realizados por mim. Reflito sobre o quão gratificante é a construção da minha identidade enquanto pesquisador. Olhar para traz, rever meus feitos, perceber onde estou é um grande

marco não só para mim, mas para as pessoas que lutaram ao meu lado para que o meu acesso e permanência na Universidade se tornasse possível.

Vários obstáculos dificultam a entrada e a permanência de pessoas negras nas universidades. Isso se dá pelo fato de que ser negro no Brasil ainda é um grande desafio. Temos que estar sempre em provação para a sociedade, quando vamos em busca do que é nosso por direito somos criticados, um exemplo disso são as políticas afirmativas (cotas). Por mais que digam que a escravidão dos negros acabou, o que permaneceu foi o racismo sendo ele manifestado de diversas formas. O racismo estrutural acontece quando uma discriminação racial está ligada a organizações sociais, dando privilégio a uma raça em detrimento de outra. Hoje ser uma pessoa negra, congadeira, professor de matemática e Mestre, me faz refletir sobre o lugar onde eu estou e quero estar.

Por isso, essa pesquisa volta-se para um estudo no contexto de pessoas que vivenciaram/vivenciam histórias e dificuldades parecidas com as enfrentadas por mim, e que hoje, compreendem a necessidade de valorizar nossa cultura e identidade.

2. INTRODUÇÃO

Nesse estudo, além das teorias do Programa Etnomatemática trazemos as teorias da decolonialidade. Essa teoria nos possibilita reconstruir saberes e dar visibilidade aos povos que tiveram sua história apagada. Devido ao eurocentrismo que predomina em todo o nosso sistema de ensino e em nossas escolas, estudar outros contextos é uma forma de compartilhar outras percepções e representações sobre determinado conceito, reforçando assim uma variedade de identidades, técnicas, saberes e fazeres que contribuíram para a formação da nossa sociedade.

Entendemos, portanto, o eurocentrismo como ideologia e paradigma que durante muito tempo – invisibilizou e silenciou a presença e a história de povos e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas no Brasil. Invisibilidade está presente em todos os aspectos societários da população brasileira, mas especialmente na educação (SOUZA e PAIM, p.46, 2019).

Dessa forma, realizar pesquisas voltadas para questões étnico-raciais se tornou um recurso para o combate ao racismo. Esse movimento, além da pesquisa de resistência, visa fortalecer os indivíduos por meio do estudo de suas identidades, de suas histórias e de suas culturas para que tenham a oportunidade de expressar suas opiniões e adentrar aos espaços que deveriam ser direito.

Um dos meus motivos para adentrar a essa pesquisa foi minha aproximação com a temática. Sou homem cisgênero negro e estou inserido nas manifestações da cultura da Congada na cidade de Ituiutaba - MG. Além disso, entendo essa pesquisa como uma oportunidade de me posicionar no movimento de empoderamento cultural afro-brasileiro. Pesquisar e tornar os resultados públicos seria uma forma de evidenciar as nossas práticas, saberes e fazeres advindos de nossos ancestrais. Dessa forma, poder adentrar em uma pesquisa sobre os saberes da Congada voltados para o ensino de Matemática me faz refletir sobre a minha própria identidade enquanto professor e pesquisador.

Um dos questionamentos que tenho atualmente, se deu diante das minhas primeiras experiências enquanto docente, ao não presenciar a utilização da tendência da etnomatemática nas aulas de nenhuma forma. Pude conhecer uma parte apenas em uma disciplina que fiz durante a graduação. Dessa forma, comecei a buscar subsídios e estratégias para articular a questão da utilização da etnomatemática nas minhas aulas.

Busquei compreender como seria possível a implementação por meio da Lei 10.639/03, que inclui, no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Africana e Afro-Brasileira". Portanto, comecei a estudar a possibilidade de ensinar Matemática por meio dos instrumentos percussivos da música e dos artefatos manipulados durante as manifestações da Congada. Para isso foram feitas entrevistas com a comunidade congadeira para descrever como as manifestações como movimento cultural e um estudo de campo nos espaços onde as manifestações são realizadas, com o objetivo conhecer e descrever as particularidades dos costumes e das tradições da cultura da Congada na cidade de Ituiutaba – MG.

Esta pesquisa foi estruturada para aprofundar estudos relacionados à Matemática existentes nas manifestações da Congada. Listamos os objetivos, no qual um é de caráter geral e outros cinco de caráter específicos. Como objetivo geral: *i*) investigar as possibilidades de ensinar Matemática por meio dos instrumentos percussivos da música e dos artefatos manipulados nas manifestações da Congada. Já os objetivos específicos são: *i*) identificar e compreender os comportamentos, as crenças, os costumes e outras características de uma comunidade envolvida com manifestações religiosas da congada; *ii*) Identificar e categorizar práticas etnomatemáticas a partir das manifestações de Congado e dos seus artefatos; *iii*) examinar as categorias etnomatemáticas em busca de suas relações com as práticas de trabalho docente em aulas de matemática; *iv*) elaborar um Guia para professores (as), a partir da cultura afro-brasileira, atendendo às formalizações da Lei 10.639/2003 e *v*) propiciar a docentes de Matemática subsídios e estratégias que possibilitem a interdisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, para responder à pergunta problemática dessa investigação e alcançar os objetivos descritos acima, foram feitas entrevistas e um estudo de campo com o objetivo compreender as particularidades, os costumes e as tradições da cultura da Congada na cidade de Ituiutaba – MG, ainda, as crenças, os saberes e os fazeres durante a realização das manifestações.

Esse estudo se deu por meio de pressupostos e técnicas metodológicos da pesquisa etnográfica (ANGROSINO, 2009) e o foco no estudo de temas relacionados à cultura afro-brasileira e a multidisciplinaridade no ensino-aprendizagem de Matemática a partir da Congada. Com base na pergunta geradora deste estudo foram desenvolvidas ações que contribuíram para compreender as manifestações da cultura, os saberes, as práticas, e as concepções compartilhadas.

Neste sentido, a análise das narrativas proporcionadas pelas entrevistas e observações, contribuiu para a compreensão do movimento enquanto patrimônio cultural. Os estudos de conceitos etnomatemáticos sobre os fazeres, foram fundamentais para elaboração de um Guia para professores que se configura como produto educacional oriundo dessa investigação. Espera-se que o material desenvolvido nessa pesquisa possa colaborar para desenvolver uma linha de raciocínio crítico e auxilie professores a relacionar a Matemática com atividades práticas que façam uso de instrumentos percussivos e artefatos utilizados nas manifestações da Congada.

3. POR QUE REALIZAR PESQUISAS ENVOLVENDO AS MANIFESTAÇÕES DA CONGADA?

Uma das justificativas para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, que visa estudar saberes etnomatemáticos da cultura afro-brasileira na Congada está associada a representatividade, a busca por entender minha própria identidade e a luta pelo empoderamento de classe. Sou indivíduo negro, professor e integrante das manifestações festivas da cultura da Congada. Desde a graduação vi e vejo, por meio de minhas experiências, possibilidades de realizar articulações entre os estudos da matemática, da educação matemática e da cultura na qual estou inserido.

Trazer a cultura da Congada como elemento de pesquisa em educação matemática está sendo algo desafiador. Possibilitar a representatividade para a comunidade congadeira é uma forma de compartilhar seus ensinamentos, suas práticas, seus fazeres, de modo que o patrimônio cultural e imaterial, tenha maior visibilidade e reconhecimento da nossa cidade, estado e país, além de possibilitar que a congada seja usada como ferramenta de ensino.

Assumir a identidade negra no Brasil pode ser um processo extremamente doloroso, uma vez que os modelos ditos positivos da identidade negra são pouco divulgados, se comparados aos modelos de pessoas brancas. Em contrapartida os modelos negativos do negro são facilmente observados em nossa sociedade: basta olharmos para as ruas, presídios, hospitais psiquiátricos, favelas e outros contextos, em geral, negativos (SOUZA, et. al, p.9, 2018).

Em concordância com a citação anterior, poucos são os modelos positivos da comunidade negra. As manifestações da congada são possibilidades de se entender e de ver a identidade negra de forma positiva. A identidade negra da congada é construída mostrando a realza negra, uma identidade negra que se potencializa com o belo, onde os traços negros são destacados, e que a gente pode se ver enquanto povos bonitos, com cores vibrantes, vestir roupas com cores

vibrantes, os cortes de cabelo, as tranças, dentre outros elementos. Por fim a congada é um ambiente positivo para comunidade negra onde se manifesta a música, a estética e a religiosidade.

Dessa forma, a partir deste estudo a meta foi fornecer subsídios para que professores de matemática utilizem recursos para desenvolverem atividades em sala de aula e assim atender a Lei 10.639/2003 (Brasil, 2003), possibilitando estratégias para desenvolver uma Educação Matemática Antirracista. A lei aponta o dever de incluir no currículo escolar, conteúdos referentes a história da cultura africana e afro-brasileira nos conteúdos específicos, dessa forma, o programa etnomatemática de D'Ambrósio fornece subsídios para o estudo. O autor apresenta que a matemática contextualizada pode ser vista como um meio adicional para resolver novos problemas, e que nascidos de outra cultura, requerem as ferramentas intelectuais dessa outra cultura. (D'AMBROSIO, 2011).

Mediante ao processo forçado de escravidão, os povos Africanos tiveram seus costumes, suas crenças, suas identidades ofuscadas pelo regime imposto. Adiante, com a imposição e predominância do eurocentrismo houve a tentativa do apagamento dos saberes, dos fazeres e das culturas advindas dos povos africanos.

Entre 1500 e 1900, a colonização europeia movimentou 18 milhões de africanos escravizados pelo mundo. Antes do começo desse colonialismo, a África e a Ásia eram regiões relativamente ricas e produtivas, enquanto a Europa era economicamente pouco importante. No entanto houve uma reversão da situação, em que a Europa tornou-se relativamente rica, e a África e a Ásia tornaram-se locais com problemas crônicos de pobreza. Essa reversão não é efeito apenas da extração dos recursos dessas regiões, mas também da destruição de estruturas econômicas e sociais tradicionais (BENTO, p.25, 2022).

Dessa forma, o fato de possibilitar e compreender diversos conhecimentos e práticas diferentes das tradicionais, torna nosso estudo importante para a sociedade. “A valorização da cultura negra no Brasil ocorreu juntamente com a formação dos movimentos de minorias, entre os quais o movimento negro, nas suas mais diferentes manifestações, avivando-se para os afrodescendentes a questão da origem e da identidade” (PRANDI, p.64. 2000).

Um outro fato que justifica essa pesquisa é a ancestralidade, saber quem somos e de onde viemos faz refletir sobre quem podemos ser e onde podemos chegar. Ao falar sobre ancestralidade, Bento (2022) aponta que:

A herança escravocrata que vem sendo transmitida através do tempo, mas silenciada, pode auxiliar as novas gerações a reconhecer o que herdaram

naquilo que vivem na atualidade, debater e resolver o que ficou no passado, para então construir uma outra história e avançar para outros pactos civilizatórios (BENTO, p.25, 2022).

Diante disso, trazer concepções da cultura afro-brasileira da congada é uma forma de manter viva a cultura e as lutas que nossos antepassados vivenciaram. Desde as lutas durante o período da escravidão até os dias de hoje, pois continuamos vivendo em um mundo preconceituoso, onde ser negro ainda é um desafio. Continuamos a ser tratados como minoria, mesmo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE trazendo em 2020 a informação³ de que o Brasil é composto por 54% da população de negros (pretos e pardos).

³ JORNAL DA USP. Disponível em: < <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-enegra/#:~:text=Dados%20do%20IBGE%2D%20Instituto%20Brasileiro,a%20mais%20que%20mulheres%20e%20negras> >. Acesso em: 10 abr.2024.

4. TEORIAS DECOLONIAIS CONTEMPORÂNEAS NUMA PERSPECTIVA ANTIRRACISTA E AS INFLUÊNCIAS NA CULTURA AFROBRASILEIRA

4.1 – Teorias Decoloniais Contemporâneas Numa Perspectiva Antirracista

Eu, eu falo de milhares de homens sacrificados na construção da linha férrea da Congo-Ocean. Falo daqueles que no momento em que escrevo, estão cavando com suas mãos o porto de Abiyán. Falo de milhões de homens desarraigados de seus deuses de sua terra, de seus costumes, de sua vida, da vida, da dança, da sabedoria. Falo de milhões de homens aos quais sabiamente se lhes inculcou o medo, o complexo de inferioridade, o temor, o pôr-se de joelhos, o desespero, o servilismo. Obscurecem-me com toneladas exportadas de algodão ou cacau, com hectares plantados de oliveiras ou uvas (CÉSAIRE, p.28, 2020).

O trecho acima está presente na segunda parte do livro *Discurso sobre o colonialismo* de Aimé Césaire, poeta e político de esquerda da Martinica, foi um dos precursores do que entendemos hoje como o debate decolonial. Em seu “discurso”, ele nos faz refletir quanto a contradição das políticas coloniais, que ao pautar uma ideia de civilização desumaniza povos e culturas diferentes, do que entendemos como ocidental, com a finalidade de obter poder e lucro.

As consequências desse processo desumanizador, para pessoas negras, indígenas e amarelas, é a miséria, fome, desamparo, além alterações na própria psique. Tratando, principalmente, desse último aspecto para afro diaspóricos que o autor, também martinicano, e outrora aluno de Césaire, o psicanalista Frantz Fanon (2020) vai abordar que aqueles indivíduos que passaram pela experiência colonial, que retira sua identidade e o animaliza acaba por ingressar em um processo de auto ódio, pleiteando tornar-se o mais próximo possível daquele que o animalizou, tendo como fim a tentativa de inserção em uma sociedade que não foi pensada para ele. Nesse processo, esse indivíduo acaba adquirindo “máscaras” que esconde a sua identidade, mas também lhe causa uma automutilação.

Entretanto, a colonização não é danosa apenas para os colonizados, como nos aponta Césaire (2020):

[...] a ação colonial, a empreitada colonial, a conquista colonial, fundada sobre o desprezo do homem nativo e justificada por esse desprezo, tende inevitavelmente a modificar aquele que a empreende; que o colonizador, ao habituar-se a ver no outro a besta, ao exercitar-se em tratá-lo como besta, para acalmar sua consciência, tende objetivamente em transformar-se ele próprio em besta (CÉSAIRE, p.25, 2020).

Para que essa empreitada colonial fosse possível durante séculos foram utilizados vários artifícios de legitimação, dentre eles o epistemológico, com a produção de vários trabalhos que se diziam científicos, reproduziam o racismo e o genocídio imperialista. Tendo em vista que a decolonidade passa pela produção de conhecimento, intelectuais como Grada Kilomba (2024) em sua palestra *Descolonizando o conhecimento* vai defender que sejam ouvidas as vozes dos “outros” que foram silenciados no processo colonizatório, pois o “conhecimento está intrinsecamente relacionado a raça, gênero e poder”.

É nessa perspectiva que o Movimento Negro, como nos aponta Gomes (2012), desde o seu surgimento vai lutar pela inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira, luta essa que está concretizada na Lei Federal nº 10.639/2003. Pois ao pautar a os saberes afro-brasileiros dentro da sala de aula promovemos o rompimento da hierarquização de conhecimentos, culturas e povos.

Assim, ao trabalharmos a Congada nas aulas de Matemática, além de romper com a estrutura colonial, difundimos os saberes ancestrais da cultura afro-brasileira, apresentando para os alunos outras formas de se compreender a sociabilidade e outras filosofias de civilização que contrapõe o imaginário eurocêntrico. Essa abordagem não contribui apenas na construção identitária de jovens negros, que raramente se vê representados de forma positiva no currículo escolar, mas também contribui com a formação de jovens brancos, rompendo com a universalidade que frequentemente lhe é dada.

A educação decolonial é um processo de cura de feridas históricas que ainda estão abertas na memória não só do brasileiro. Aprender com a corporeidade, na dança, na música, nas cores, alimentação, entre outros, é uma forma de descobrir na prática como são múltiplas as formas de obtenção de conhecimento.

Na perspectiva do colonialismo, a professora Bárbara Carine em seu livro “Como ser um educador antirracista” discute o conceito de colonialidade do saber, no qual aponta que os documentos que regiam a maioria das nossas escolas, quase todas tinham um viés eurocêntrico. Segundo a autora:

Colonialidade do saber, uma vez que o currículo era pensado e reproduzido a partir de uma perspectiva eurocêntrica, na qual pessoas brancas fundaram todas as formas de conhecimento – apenas elas tinham ancestrais potentes (pensadores cientistas, reis e rainhas); pessoas negras, mesmo sendo as primeiras humanas, tinham suas histórias barradas nos últimos quatro séculos de subserviência programada dentro da lógica escravista moderna, pessoas indígenas colocadas em um entendimento de selvageria, destituída de territórios, de história, de narrativa (PINHEIRO, p.26, 2023).

A tentativa ao apagamento da cultura afro refere-se ao processo histórico e contínuo de marginalização, desvalorização e supressão das contribuições culturais, históricas e sociais das populações de origem africana. Esse fenômeno está intimamente ligado ao racismo estrutural e à perpetuação de hierarquias raciais e sociais. Durante os séculos de escravidão transatlântica e colonização europeia, as culturas africanas foram sistematicamente suprimidas e marginalizadas. Os africanos escravizados foram desumanizados e forçados a abandonar suas tradições, línguas, religiões e práticas culturais. Essa violência cultural tinha como objetivo não apenas controlar fisicamente os escravizados, mas também apagar sua identidade cultural e sua conexão com sua terra natal (LOPES, 2019).

Mesmo após o fim formal da escravidão, o apagamento da cultura afro continuou e continua até os dias de hoje. As populações afrodescendentes vêm sendo submetidas a segregação racial, discriminação e exclusão social em muitas sociedades ao redor do mundo. Suas culturas e contribuições foram minimizadas, ignoradas ou apropriadas sem reconhecimento adequado. De acordo com Gomes e Chisté (2019) esse apagamento cultural é evidente em diferentes aspectos da sociedade, como na educação, nos meios de comunicação, nas artes e na política. Por exemplo, a história africana e afrodescendente muitas vezes é negligenciada nos currículos escolares, perpetuando a marginalização dessas culturas. Além disso, estereótipos negativos e imagens distorcidas da cultura afro são frequentemente difundidos pelos meios de comunicação, reforçando preconceitos e desigualdades.

A escravidão não é uma prática recente. Desde que houve a superação, por volta da revolução neolítica, das carências individuais de alimentos com técnicas agrícolas e de pecuária, surgiu a possibilidade de, numa guerra, não mais “apenas” matar o outro, mas escravizá-lo sem que se tornasse uma boca a mais para alimentar em um processo de luta pela sobrevivência. (PINHEIRO, p.48, 2023).

É fundamental combater o apagamento da cultura afro para promover a valorização, o respeito e a celebração das contribuições culturais afrodescendentes. Isso envolve a inclusão de perspectivas afrocentradas nos currículos escolares, a promoção de artistas e intelectuais

afrodescendentes, a valorização das tradições culturais e religiosas afro, e a conscientização sobre a história e as lutas das populações afrodescendentes (GOMES e CHISTÉ, 2019).

4.2 –Algumas Influências na Cultura Afro-Brasileira

Ao falar das manifestações culturais presentes no Brasil na atualidade, devemos nos remeter a nossa ancestralidade e a formação do povo brasileiro. Nosso país, por meio de sua construção histórica é composto por um encontro de etnias. A concepção do povo brasileiro se fez por meio de um grande processo de mestiçagem de diversas etnias sofrendo influências que nos permitiram ter uma mistura de raças e crenças que temos hoje em dia.

Antes da sua colonização, o Brasil já tinha os indígenas como primeiros habitantes que viviam com seus costumes e crenças. Com a colonização do nosso país, no ano de 1500, o Brasil se tornou colônia de Portugal e desde então houve os indícios de trocas de experiências, tendo como predominância o eurocentrismo.

O Brasil é certamente um dos países mais diversificados do mundo, pelas misturas étnicas, culturais e a diversidade de pessoas que convivem no mesmo espaço. O nosso país era habitado por diferentes grupos indígenas e quando os portugueses chegaram, dominaram alguns desses grupos e dizimaram a população de nativos através de batalhas desiguais, considerando a existência de uma grande diferença entre as armas utilizadas pelos portugueses e as armas mais simples dos indígenas e em função das doenças trazidas pelos europeus, contra as quais os indígenas não possuíam qualquer forma de imunidade (SOUZA et. al, p.3, 2018).

Outra civilização que contribuiu de para a construção do nosso país foram os Africanos. Eles foram trazidos para o Brasil contra a sua vontade para serem escravizados, forçados a trabalharem em situações críticas, sem direito, tendo seus costumes e crenças ofuscados, além de serem tratados como objetos de trocas. De acordo com Souza (2018), os africanos colaboraram para a cultura brasileira em diversos aspectos, por meio das danças, musicalidades, religiosidade, comidas típicas e o dialeto. Essas influências estão presentes nas diversas regiões do nosso país, como o estado da Bahia, do Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Diante disso, nesta seção apresentaremos algumas dessas contribuições culturais, tendo como foco ¹⁶ elementos da cultura afro-brasileiras existentes somente no nosso país, no qual sofreram influências dos índios que viviam no Brasil, dos europeus (os colonizadores) e dos povos africanos trazidos para o Brasil no período da escravidão. A ideia aqui é falar de algumas

influências da cultura africana, indígena e europeia que veio resistindo ao longo dos anos sendo tratados como movimentos de minorias, no qual faremos um breve contexto sobre suas características e costumes, no qual essas manifestações fazem parte da representatividade cultural brasileira.

4.2.1 – Capoeira

A capoeira, é uma expressão cultural que contempla elementos culturais e de luta e foi desenvolvida pelos africanos e afro-brasileiros durante o período da escravidão do Brasil. Essa manifestação é caracterizada por movimentos e ritmos e ágeis no qual se assemelham a uma coreografia. “A capoeira é oriunda da experiência sociocultural de africanos e seus descendentes no Brasil. Conta em sua trajetória histórica a força da resistência contra a escravidão e a síntese da expressão de diversas identidades étnicas de origem africana” (OLIVEIRA e LEAL, p.43, 2009).

Imagem 1 – Capoeira



Fonte: Disponível em: < <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/capoeira-a-arte-renegada.phtml> >. Acesso em: 17 jan. 2023.

A capoeira é uma manifestação que contempla luta e dança que utilizam alguns instrumentos musicais, que possuem um ritmo acompanhadas pelas palmas. Os instrumentos utilizados na capoeira são, o berimbau, chocalho, pandeiro, atabaque e dentre outros. “A capoeira foi, durante muito tempo, disfarçada e escondida dos senhores de engenho e feitores. Hoje é considerada uma manifestação cultural nascida da luta dos negros pela liberdade” (FONTOURA e GUIMARÃES, p.149, 2002). Um exemplo da relação entre a matemática e a

capoeira pode ser observado na monografia de Thays de Lima Oliveira (2022)⁴, intitulada “PASSA PÉ NA COLONIALIDADE: Capoeira angola, saberes afrodiaspóricos e o ensino da matemática” no qual a autora apresenta um diálogo sobre essa articulação ao abordar a matemática presente nos elementos da capoeira. A seguir o resumo da pesquisa que mostra essas relações.

Quadro 1: Pesquisa envolvendo Matemática e Capoeira.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as percepções de um grupo de licenciandos em matemática sobre as possibilidades e articulações didáticas entre os instrumentos e atividades da Capoeira e o ensino de matemática. A Capoeira é uma arte de luta e resistência e se instituiu como uma sabedoria afrodiaspórica. Este estudo se constitui no âmbito das pesquisas do Grupo Aya-Sankofa de Educação Matemática. Metodologicamente foi realizado, inicialmente, um estudo da literatura e das produções acadêmicas em artigos e periódicos com perspectiva decolonial que resgatam as contribuições da cultura africana no campo da Educação Matemática; na sequência, na fase exploratória, a pesquisa foi direcionada para realização de uma atividade aplicada junto aos licenciandos da disciplina de Metodologia do Ensino de Matemática III, do sétimo período, do Curso de Licenciatura em Matemática da UFPE- CAA. Para aplicação dos procedimentos de campo, se fez necessário a participação de um professor de Capoeira angola do Centro de Prática e Pesquisa N’Golo Capoeira Angola. Por meio desta pesquisa foi possível promover importantes reflexões entre conceitos de matemática e os instrumentos e atividades da Capoeira, coletando como resultado, as percepções dos alunos sobre o ensino da matemática a partir da discussão de saberes da cultura africana.

Fonte: Disponível em: <

<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/49919/4/TCC%20%20Thays%20de%20Lima%20Oliveira.pdf> >. Acesso em: 19 nov. 2023.

Neste trabalho, a pesquisadora teve como objetivo geral: “analisar as percepções de um grupo de licenciandos do Curso de Licenciatura em Matemática da UFPE- CAA, sobre as possibilidades e articulações entre os instrumentos e atividades da Capoeira e o ensino de Matemática”, e os objetivos específicos foram: “Identificar a percepção dos estudantes sobre ensino de Matemática e a Capoeira; verificar as possibilidades de atividades relacionadas ao ensino de Matemática e a Capoeira; e analisar as compreensões dos estudantes sobre a matemática, seu ensino e a Capoeira. Sua pesquisa foi aplicada com 14 alunos do curso de

⁴ OLIVEIRA, Thays de Lima. **Passa pé na colonialidade: capoeira angola, saberes afrodiaspóricos e o ensino da matemática**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso.

licenciatura em matemática, no qual estavam matriculados na disciplina de Metodologia do Ensino de Matemática III, e o diálogo se deu mediante a 5 etapas didáticas.

A autora aponta que durante os estudos:

foi possível constatar que a musicalidade da Capoeira abriu discussões sobre religião de matriz africana, onde os discentes também pontuaram a importância de que estes temas sejam abordados em sala de aula, para proporcionar acolhimento e reconhecimento do povo negro, além de permitir diferentes manejos para contextualização da matemática como instrumento produtor de cultura, proporcionando o rompimento dessa falsa normalidade cultural que traz a Hegemonia Europeia e suas influências como a única forma de aprendizagem válida.” (OLIVEIRA, p.48, 2023).

Em uma de suas considerações finais a autora ressalta que: “No decorrer desta pesquisa foi possível proporcionar momentos de atividades coletivas, onde os discentes pontuaram questões sobre o enfrentamento ao racismo, a importância de que seja abordado temas transversais nas aulas de matemática” (OLIVEIRA, p.48, 2023).

Outro exemplo da relação entre a matemática e a capoeira pode ser mostrada na Tese de Doutorado do aluno Kleber Willian Alves da Silva intitulada “GIRO CURRICULAR: Decolonialidade, Epistemologias do Sul e o Programa Etnomatemática na Roda de Capoeira⁵”. A seguir, mostraremos o resumo da tese.

Quadro 2: Pesquisa envolvendo Matemática e Capoeira.

Este é um trabalho de pesquisa artesanal, e não foi feito como numa espécie de linha de produção acadêmica. Houve, em cinco anos, escolhas de materiais, ferramentas, transformações, pandemia, ajustes, mudanças de rotas, dificuldades, rotas de colisão e muitas descobertas. A presente pesquisa procurou compreender de que modo o Programa Etnomatemática, a teoria decolonial e a filosofia da capoeira, colocadas em composição, poderiam apontar caminhos que permitam um Giro Curricular. Esboçar esse Giro implica numa mudança de rota curricular, colocando em pauta e, de fato, em prática, as Leis nº 10.639/03 e 11.645/08, que tornam obrigatório o estudo da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino. Para a realização da pesquisa, procuramos, primeiramente, traçar um panorama das teorias curriculares e dos documentos curriculares nacionais. Para melhor compreender a filosofia da capoeira, realizamos entrevistas-diálogos com cinco mestres de capoeira, um de cada região brasileira, e que são presidentes das federações de capoeira de seus estados. Em diálogo com as Epistemologias do Sul, lançamos mão de aproximações com metodologias não-extratvistas para olharmos

⁵ SILVA, Kleber Willian Alves da. **Giro curricular: decolonialidade, epistemologias do sul e o programa etnomatemática na roda de capoeira**. 2023. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: < <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48136/tde-23052023-110228/en.php> . Acesso em 29 abr. 2024.

para os diálogos estabelecidos com os Mestres de Capoeira. Estas entrevistas diálogos possibilitaram identificar que no entrelaçamento dos saberes da filosofia da capoeira, do Programa Etnomatemática, das teorias decoloniais e das Epistemologias do Sul surgem possibilidades de uma organização curricular que não seja pautada apenas na tradição cientificista eurocêntrica, mas que, por meio de um Giro Curricular, permita caminhos para enfrentamento do racismo estrutural.

Fonte: Disponível em: < https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48136/tde-23052023-110228/publico/KLEBER_WILLIAM_ALVES_DA_SILVA_rev.pdf >. Acesso em: 29 abr. 2023.

Nesta pesquisa, o autor teve como objetivo geral “Compreender de que modo o Programa Etnomatemática, a teoria decolonial e a Filosofia da Capoeira, colocadas em composição, apontam caminhos que permitam um Giro Curricular” e como objetivos específicos “identificar, na Filosofia da Capoeira, elementos que possibilitam um Giro Curricular; e Investigar de que modo o Programa Etnomatemática e a decolonialidade podem se colocar como um projeto político-pedagógico que faça frente à organização curricular pautada tão somente na tradição cientificista eurocêntrica”.

O autor em uma de suas considerações, aponta que:

Para escrever esta tese, tivemos que pesquisar e conhecer melhor a capoeira, não a partir dos livros, mas a partir das bibliotecas vivas da capoeira, que são seus mestres, griôs, que com sua sabedoria ancestral, nos possibilitaram co-autorias e dar visibilidade à capoeira, transpondo uma visão folclórica e exótica, para uma expressão cultural, histórica, mítica que se configura como um ato político contra a discriminação, o preconceito. O conhecimento dos Mestres e seus ensinamentos nos indicam caminhos possível para práticas antirracistas e decoloniais (SILVA, p.171, 2023).

Por fim o autor destaca que foi possível ao longo deste trabalho apresentar a capoeira como uma potência que surge das manifestações realizadas pelos africanos e afro-brasileiros que colocam em curso direção um Giro Curricular pelo fato de ser realizadas nas rodas mudanças que inspiram ações contra o racismo estrutural.

4.2.2 – Folia de Reis

A Folia de reis é uma manifestação cultural que rememora a chegada dos três reis magos ao visitar o menino Jesus, é uma manifestação espanhola trazida para o Brasil que simboliza o trajeto de doze dias até chegar em Belém.

Para essas festas são organizados verdadeiros roteiros, que consistem na visitação das casas de devotos e simpatizantes, que se incluem numa grande lista pois, as mesmas serão visitadas. Os alimentos ficam por conta do dono da casa ou responsável, que faz verdadeiros banquetes para os foliões. O mesmo também faz doações, que podem ser de diversas formas como: roupas, alimentos, dinheiro, remédios e outras coisas, que no final dos festejos, os responsáveis pelo recolhimento devem repassar para outras folias ou igrejas de sua região (MACEDO VARELLA, p.16, 2018).

Imagem 2 – Folia de Reis



Fonte: Disponível em: < <https://www.todamateria.com.br/folia-de-reis> >. Acesso em: 17 jan. 2023

Uma das principais características é que todos os integrantes têm uma função em específico: um mestre ou embaixador, um contramestre, os foliões, os três Reis Magos, os palhaços e os alfeires. Cada grupo de folia de Reis possui suas bandeiras e suas danças, comidas típicas variam de acordo com cada região. A comemoração se dá em forma de cortejo, musicalidade realizada pelos instrumentos de percussão como a sanfona, violão, pandeiro e chocalho.

4.2.3 – Carimbó

O Carimbó é uma manifestação folclórica de origem africana que sofreu influências indígenas e europeias presentes em regiões do estado do Pará.

O carimbó, gênero de música e dança popular da região Norte do Brasil, tem origem no sincretismo entre as culturas indígena, africana e ibérica. Em vários aspectos do ritmo, do instrumental e do bailado, o carimbó confunde até os brincantes mais nativos quando perguntados sobre sua mais marcante origem étnica (GABBAY, p.2, 2002).

O nome carimbó é em homenagem a um instrumento indígena feito de madeira que significa tambor artesanal feito a mão ou que é usado nas apresentações.

No que diz respeito aos instrumentos do carimbó, são citados os “tabaques”, “carimbós” ou “curimbós”, que seriam a base percussiva da música. Dada sua força, os tambores sobrepujavam os demais instrumentos do conjunto. Em relação às origens étnico-raciais do carimbó, dizia Menezes: “Estava viva a maneira do toque indígena no instrumento, que tem ressonâncias africanas”, o que o levava a concluir o seu caráter mestiço (COSTA, p.3, 2015).

Imagem 3 – Carimbó



Fonte: Disponível em: < <https://www.todamateria.com.br/carimbo/> >. Acesso em: 18 jan. 2023.

Essa dança é realizada utilizando vestimentas bastante coloridas no qual a mulher utiliza roupas bastante volumosas e saias rodadas, elas fazem movimentos rotativos e os homens usam roupas semelhantes de um trabalhador rural.

4.2.4 – Frevo

O frevo é uma manifestação cultural brasileira de origem pernambucana que teve influências da capoeira. É uma dança ritmada por passos, pulos, utilizando elementos alusivos à música, cheios de cores.

Imagem 4 – Frevo



Fonte: Disponível em: < <https://www.todamateria.com.br/frevo/> >. Acesso em: 18 jan. 2023.

Da junção da capoeira com o ritmo do frevo nasceu o passo, a dança do frevo. As sombrinhas coloridas são uma estilização das utilizadas inicialmente como armas de defesa dos passistas que remetem diretamente a luta, resistência e camuflagem, herdada da capoeira e dos capoeiristas, que faziam uso de porretes ou cabos de velhos guarda-chuvas como arma contra grupos rivais (MARQUES, p.133, 2003).

De acordo com Freitas (2007) a utilização das sombrinhas como símbolo do frevo, se deu pelo fato de que muitos desses símbolos eram utilizados como armas brancas. Essas armas serviam como instrumentos de defesa durante as manifestações carnavalescas, devido que antigamente essas práticas eram consideradas proibidas. Hoje em dia o frevo é tombado como patrimônio cultural brasileiro.

Um exemplo dessa relação entre matemática e o Frevo está presente no o artigo em questão intitulado de “Lives no Instagram envolvendo matemática no dia a dia: contribuições do projeto “Sem mais nem menos on-line” para estudantes e professores da Educação Básica⁶”.O texto descreve a aplicação de um projeto de extensão intitulado de “Sem mais nem menos” desenvolvido no período de 2016 a 2019 que teve a finalidade de incentivar o apreço pela matemática dentro e fora do contexto da disciplina e fora da sala de aula.

Quadro 3: Pesquisa envolvendo Matemática e Frevo

Neste artigo descrevemos atividades elaboradas pelo projeto de extensão da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) “Sem mais nem menos”, as quais foram adaptadas para serem apresentadas a estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, por meio de lives no Instagram e com acompanhamento de seus professores. O projeto fez parte do Programa Círculos Comunitários de Atividades Extensionistas (ProCCAExt) da Ufal de 2016 a 2019, com o objetivo de mostrar a matemática fora do contexto da própria disciplina e da sala de aula. O projeto original foi reformulado em 2020 para este momento de pandemia, tornando-se o projeto de extensão pela Ufal Conectada “Sem mais nem menos on-line”, possibilitando a participação de estudantes e professores de vários estados do país. As lives exploraram as temáticas matemática na cultura alagoana, matemática nas disciplinas e matemática nas estações do ano.

Fonte: Disponível em: < https://web.archive.org/web/20210225092242id_/http://pmo.sbm.org.br/wp-content/uploads/sites/16/dlm_uploads/2021/02/art4_PMO_Chamada_Tematica_2020_SBM.pdf>.

Acesso em: 23 nov. 2023.

⁶ DE OLIVEIRA SANTOS, Viviane et al. Lives no Instagram envolvendo matemática no dia a dia: contribuições do projeto “Sem mais nem menos on-line” para estudantes e professores da Educação Básica.

A princípio o projeto foi pensado para ser aplicado de forma presencial, porém com a chegada inesperada da pandemia da covid-19, a projeto teve que ser reformulado para ser aplicado de forma remota. Dessa forma foram pensados em *lives* contendo diversas temáticas sobre a cultura alagoana, matemática nas disciplinas, e matemática nas estações do ano. A primeira Live apresentada, descrita como “O Compasso do Frevo” levou os estudantes a se apropriarem do conceito de geometria num contexto cultural ao realizar a planificação da sombrinha utilizada nas festividades do frevo.

Os materiais necessários para a construção da sombrinha foram: folha de papel A4, régua, lápis, lápis para colorir, borracha e compasso. Mas, considerando que nem todos os estudantes possuíam esses materiais, propusemos materiais alternativos tais como: folha de caderno ou papelão; canetas esferográficas, hidrocores e marca-textos; barbante ou clipe para papel; e qualquer material que proporcionasse traçar linha reta. A base para a construção da sombrinha foi um octógono regular, partindo de uma circunferência. Depois de formado um octógono regular com oito triângulos isósceles, utilizando lápis para colorir (ou seus alternativos), os estudantes deveriam escolher quatro cores e colorir quatro desses triângulos consecutivos, cada triângulo de uma cor. Na outra metade do octógono, precisariam colorir cada um dos triângulos da mesma cor que o seu triângulo oposto, tendo assim o desenho da sombrinha de frevo planificada. Após a construção, alguns questionamentos foram propostos aos estudantes (DE OLIVEIRA SANTOS et. al, p.74, 2020).

Segundo os autores, essa atividade além de possibilitar viabilizar uma matemática presente no contexto dos alunos, proporcionou o manuseio de elementos de medições, além de aprimorar os conteúdos de ponto, segmentos de retas, ângulos, polígonos regulares e outros elementos presentes na figura da sombrinha.

Em uma de suas considerações finais, os autores enfatizam a importância do projeto para os alunos uma vez que foi possível proporcionar atividades matemáticas em diversos contextos, desmitificando a ideia de uma matemática que só é vista em sala de aula.

4.2.5 – Carnaval

O carnaval é uma manifestação cultural que traz em sua comemoração elementos alusivos à dança e a música. Essa manifestação representa a entrada no calendário quaresmal. Trazido pelos portugueses e europeus o carnaval era conhecido como “entrudo” que significa brincadeira e zombaria.

No Brasil, começou com uma festa trazida pelos portugueses no século XVII, denominada “entrudo” (de “introitus”, que é “começo, entrada” para as solenidades litúrgicas da Quaresma). O entrudo era uma comemoração alegre, mas suja e violenta, que envolvia brincadeiras como andar pelas ruas e jogar água, farinha, barro, fuligem, goma, lixo e até urina nas pessoas. Depois as brincadeiras ficaram mais amenas e passou-se a usar laranjinhas-de-cheiro e borrachas com água perfumada. O entrudo era praticado por todos – inclusive escravos –, nas várias regiões do país, e perdurou entre nós até meados do século XIX, apesar das inúmeras tentativas das autoridades em proibi-lo (ARANTES, p.8 e 9, 2013).

Imagem 5 – Carnaval



Fonte: Disponível em: < <https://www.iped.com.br/materias/evento-turismo-e-hotelaria/origem-carnaval.html> >. Acesso em: 18 jan. 2023.

Hoje em dia o carnaval sofreu uma mistura de etnias e crenças. Utilizam-se fantasias que relembram alguns personagens, tem os enredos que são músicas feitas para homenagear alguns temas e pessoas. Hoje o carnaval é comemorado de diversas formas, nas ruas com os bloquinhos, pessoas fantasiadas, e tem o grande desfile das famosas escolas de samba. É possível perceber nos enredos musicais toda uma ancestralidade presente nas letras, a religiosidade e o movimento de pertencimento, tonando o movimento do carnaval como um ato de resistência.

Um exemplo dessa relação entre a matemática e o carnaval, é a dissertação de Zulma Elizabete de Freitas Madruga (2012)⁷, intitulada “A criação de alegorias de carnaval: das relações entre modelagem matemática, etnomatemática e cognição”. A seguir apresentamos o resumo da pesquisa que mostra essas relações.

⁷ MADRUGA, Zulma Elizabete de Freitas et al. **A criação de alegorias de carnaval: das relações entre modelagem matemática, etnomatemática e cognição**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2012.

Quadro 4: Pesquisa envolvendo Matemática e Carnaval.

Nesta pesquisa fez-se uma análise comparativa entre os processos de criação de alegorias de carnaval, os procedimentos de modelagem matemática, modelos mentais e etnomatemática. Constatou-se, por meio de entrevistas com o carnavalesco, pessoa responsável pela criação e construção de carros alegóricos para um desfile de escola de samba, que estes procedimentos possuem estreita ligação. Indicou-se ainda caminhos para se utilizar como prática pedagógica a modelagem matemática e as tecnologias da informação e comunicação com esse grupo social identificável, no intuito de valorar sua cultura, ou seja, sua etnomatemática. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi o mapeamento da pesquisa educacional, conforme Biembengut (2008), a qual foi dividida em quatro etapas: mapa de identificação, onde constam os objetivos desta pesquisa etnográfica, bem como justificativas e procedimentos metodológicos; mapa teórico, onde se fundamentou a pesquisa por meio de teorias e definições acerca de modelos mentais, modelagem matemática e etnomatemática; mapa de campo, no qual se relatou o trabalho realizado no barracão de uma escola de samba do grupo especial do município de Porto Alegre (RS) onde os dados, coletados por meio de observações e entrevista foram explicitados; mapa de análise, no qual esses dados foram estudados, mostrando que os objetivos geral e específicos previamente estabelecidos foram alcançados. Considerações e recomendações acerca da educação sugerem maneiras de se utilizar o tema em questão em sala de aula, por meio de modelagem e etnomatemática.

Fonte: Disponível em: < <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/3426>>. Acesso em: 23 out. 2023.

A autora descreve sobre a importância da valorização da cultura, uma vez que a pesquisadora está inserida nas manifestações do carnaval, o intuito da pesquisa objetiva conhecer o processo de criação das alegorias e posteriormente utilizar desses conhecimentos e levar para a sala de aula utilizando os conceitos de modelagem matemática e etnomatemática (MADRUGA, 2012).

Durante a realização da pesquisa, a autora buscou atender os seguintes objetivos, o geral: “ compreender de que modo e em que medida os processos de criação de alegorias de carnaval são similares aos de modelo mental, modelagem matemática e etnomatemática”, e como objetivos específicos: “ identificar o processo de criação das alegorias de carnaval; comparar o processo de criação de alegorias com o processo mental e os procedimentos de modelagem e da etnomatemática, indicar alternativa pedagógica para a Educação Básica que se utilize da modelagem como método de ensino sob uma perspectiva etnomatemática (MADRUGA, 2012).

Segundo a autora, em suas considerações finais, afirma que o processo de construção das alegorias se assemelha ao processo de investigação da modelagem matemática. A autora ainda afirma que:

Ao longo de toda pesquisa, desde a coleta de dados no barracão, as entrevistas com o carnavalesco e a análise dos dados – elaboração deste mapa de análise que o objetivo geral dessa pesquisa foi atingido, pois se constatou por meio de

dados que o processo de criação de alegorias de carnaval é similar aos procedimentos de modelagem matemática e aos processos cognitivos, sob uma perspectiva etnomatemática, e, conforme identificação dos passos de criação de alegorias e comparação com a 97 modelagem, que o carnavalesco pensa por meio de modelos que são externalizados nos esboços e desenhos. Esses esboços e desenhos são materializados por muitas pessoas, professores do carnaval, virando fantasias e alegorias que ilustram e encantam milhares de pessoas (MADRUGA, p.96 e 97, 2012).

Todas essas manifestações citadas acima são vistas como patrimônio cultural e imaterial do nosso país, uma vez que sofreram influências dos africanos, dos povos indígenas e europeus e dentre outros. Todos esses grupos étnicos contribuíram de diversas formas, por meio das tradições, culinária, religiões, seus saberes e fazeres, assim como as manifestações da congada que é tema gerador dessa pesquisa, e que será descrita com mais profundidade nas próximas seções. Seguindo um paralelo com as influências citadas acima, desenvolveremos a seguir, nossos estudos voltados para a matemática e a manifestações da congada.

5. AS MANIFESTAÇÕES DA CONGADA COMO MOVIMENTO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO, COMPORTAMENTOS E CRENÇAS

Na contemporaneidade utilizamos o termo cultura para nos referir a tudo que caracteriza o “modo de vida de um povo, de uma comunidade, de uma nação ou de um grupo social” (HALL, p.19, 2016), ele também refere-se aos valores compartilhados por uma comunidade. O autor fala sobre a forma que um grupo ou sociedade dá significados para sentimentos, produz emoções, a ideia de pertencimento, organizam e regulam práticas sociais e influenciam condutas individuais. Ou seja, a cultura gira em torno de tudo aquilo que permeia a sociedade diferenciando o elemento “humano” daquilo que é biologicamente determinado (HALL, 2016).

Seja para o campo de produção das ciências sociais ou da educação, a cultura vai abordar as questões de vivências dos indivíduos, as diversas formas de compreender o mundo, “às particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social” (GOMES, p.75, 2003). As identidades humanas são construídas através das semelhanças e diferenças que podem unir ou separar um grupo de pessoas. A autora Gomes (2003), ao defender a ideia de cultura negra vai pautar que as experiências históricas, sociais e, deste modo, culturais vividas por um povo, no caso os afrodescendentes, que passaram por um processo de subjugação de caráter político e ideológico adquiriram um elemento incomum que os unem.

A cultura negra pode ser vista como uma particularidade cultural construída historicamente por um grupo étnico/racial específico, não de maneira isolada, mas no contato com outros grupos e povos. Essa cultura faz-se presente no modo de vida do brasileiro, seja qual for o seu pertencimento étnico. Todavia, a sua predominância se dá entre os descendentes de africanos escravizados no Brasil, ou seja, o segmento negro da população (GOMES, p.77, 2003).

A cultura negra só pode ser compreendida posta em relação as outras culturas existentes na sociedade brasileira. Ela possibilita para os afrodescendentes a construção de um “nós”, de uma consciência social, corporal, musical e estética da vivência da negritude. Ou seja, ela permite a essa população a criação de identidade marcada pelo processo de recriação de uma africanidade cultural. (GOMES, 2003). É nesse cenário que a cultura da Congada se insere, dentro da cultura negra brasileira, ao rememorar a coroação do rei congo, pautando a história dos reinados africanos a cultura congadeira contribui para construção de uma identidade positiva em um grupo que historicamente teve suas características desumanizadas.

Essa festa ancestral é aparada por rezas, danças coreografadas, musicalidade com diferentes ritmos, cores, celebrações e cantigas por meio das quais são difundidas as memórias da negritude brasileira. As memórias compartilhadas vão desde a ancestralidade africana, com mensagens sobre reis e rainhas que lutavam pelo seu povo, rebeliões travadas na defesa de seus ideais, a importância da fé, mas também são enunciadas mensagens de tristeza que remontam a experiência da escravidão que ainda ecoa em nossa sociedade. De acordo com Jeremias Brasileiro (p.22, 2016), esse rememorar traz consigo a mensagem de “que os africanos e seus descendentes não se deixaram escravizar mentalmente”.

Mesmo que essas festividades tradicionalmente estejam vinculadas ao catolicismo, com suas manifestações centradas na devoção a São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, que são os santos padroeiros dos pretos. Possuindo, inclusive, na narrativa de adoção de tais santos a justificativa que especifica as obrigações e posições das diferentes confrarias durante a procissão/reinado (OLIVEIRA; SANTOS, p.190, 2022), que é o momento ápice da festa.

De acordo com Zamith (1995), por tratar-se de uma cultura viva, um patrimônio imaterial, a Congada é marcada por permanências e rompimentos, a caracterizando como um uma expressão cultural que se repensa a todo momento. Esse refazer-se também atinge o âmbito religioso, que historicamente é marcado pelo processo colonizatório. Autores como Brasileiro (2016), vão defender que a festa da Congada é marcada pela coexistência cultural e também religiosa. Tendo em vista que, o escravismo colonial trouxe para o Brasil diversos povos, como os bantos, jeje, fon, e yorubá, cada um com os seus costumes e tradições e religiosidades, as negritudes brasileiras possuem em sua ancestralidade uma diversidade cultural que será revisitada pelos seus descendentes na festa da congada.

Os diversos ritmos presentes em cada tipo de confraria é um aspecto que evidencia a união de vários povos. Fazem parte das confrarias da Congada o Congo, Moçambique, Catupé, Marujo/Marinheiro, Caboclinho, Vilão e Candombi, que se diferenciam por seus instrumentos, modo de dançar e cantar. Outro aspecto de variação está nas cores que cada grupo/terno possuem, que estão presentes nos adereços de seus dançadores, instrumentos, bandeira e estandarte, “os ternos possuem em média três cores que fazem parte de sua identidade, obtendo relação com a mensagem que querem passar” (OLIVEIRA; SANTOS, p.197, 2022).

Na vivência da Congada se faz presente vários aspectos das filosofias africanas e nas suas formas de passar o conhecimento para os mais novos, que geralmente ocorre através da oralidade, do “aprender fazendo”, onde os saberes são passados nos quartéis/barracões enquanto se borda uma roupa, se constrói um instrumento ou se cozinha um alimento que será compartilhado com o grupo.

A Congada, assim como a cultura negra em geral, contribui com o processo de “cura” das feridas coloniais ao propiciar a apreciação da corporeidade negra, que muitas vezes foi tolhida pela sociedade ocidental. Sendo “o corpo o primeiro instrumento percussivo de um congadeiro” (BRASILEIRO, p.22, 2016.), ao propiciar a vivência corpórea, o vestir-se com cores vibrantes, o explorar com os mais distintos penteados, cortes e enfeites as formas do cabelo crespo, essa cultura rompe com o racismo.

A educação pode desenvolver uma pedagogia corporal que destaque a riqueza da cultura negra inscrita no corpo, nas técnicas corporais, nos estilos de penteados e nas vestimentas, as quais também são transmitidas oralmente. São aprendizados da infância e da adolescência. O corpo negro pode ser tomado como símbolo de beleza, e não de inferioridade. Ele pode ser visto como o corpo guerreiro, belo, atuante presente na história do negro da diáspora, e não como o corpo do escravo, servil, doente e acorrentado como lamentavelmente nos é apresentado em muitos manuais didáticos do ensino fundamental. (GOMES, p.81, 2003).

A festa de congo, assim como o Movimento Negro, é educadora ao mostrar outras formas de encarar o mundo e experienciar a religiosidade. Tendo um grande potencial pedagógico e humanístico para toda sociedade, essa cultura ainda possui inúmeros aspectos a ser estudados e apreendidos, seja no íntimo que cada terno traz consigo, nas variações que ela apresenta em cada região do Brasil, e nos sentimentos que ela desperta.

A congada é uma manifestação cultural afro-brasileira que tem elementos alusivos à dança e a música. Ela hoje representa a luta e os desafios dos negros durante o período da

escravidão no Brasil. De acordo com Dos Santos (2020) a congada é uma manifestação que caracteriza e exemplifica o processo de retorno aos ancestrais, em forma de memórias, afirmando o presente e, ao mesmo tempo, construindo possibilidades de futuro proveniente das experiências negra. A autora apresenta duas terminologias que se remetem as manifestações, ela diz que:

Adotam-se para esta reflexão as terminologias Congado e Congada. A primeira diz respeito à manifestação cultural e religiosa em si, que representa a celebração do reinado africano no Brasil, e que se manifesta de formas variadas conforme a região. A segunda corresponde ao ritual de celebração da herança ancestral, a festa, que ocorre mediante a manifestação dos elementos dos ritos ancestrais africanos e ao mesmo tempo dos ritos do catolicismo popular (DOS SANTOS, p.17, 2020).

De acordo com as pesquisas realizadas por Brasileiro (2018), a definição de congada vinda diretamente dos integrantes das manifestações conceitua que o movimento é uma conceptualização ligada à memória da dominação africana por meio de celebrações, festas, festividades que incluem procissões, coroações, desfiles de grupos, guardas, bandas contendo elementos alusivos. Nas manifestações se realizam novenas, novenários, missas de rua, ações como almoços comunitários, cortejos, e outras movimentações associadas ao contexto da festa que é chamada de Congada.

Segundo Silva (2009), essas manifestações antigamente eram tidas como festividades de origem negra, hoje, com o passar dos anos se tornou um ritual Inter étnico, no qual tem a presença de negros, brancos e mestiços de diferentes classes sociais, com o intuito de louvar os santos padroeiros. O autor ainda ressalta que:

Esses folguedos se espargiram em praticamente todas as regiões do país difundindo a ritualização de um passado feito presente, por meio de dramatizações coreografadas nas quais as sequências de desafios, de lutas e de reconciliações são representadas nas figuras de um Rei e/ou Rainha Congos, de sua corte e de seu exército de guerreiros, em ambientes essencialmente urbanos (SILVA, p.40, 2009).

A cultura congadeira é dos movimentos negros que envolvem a ancestralidade e os valores culturais afro-brasileiros, sendo uma das maiores manifestações de Minas Gerais. Essa cultura é mantida por gerações como uma tradição familiar originária da história de povos africanos. Nogueira (2021) ressalta que a Congada é uma mistura de manifestações que combinam a cultura dos povos negros escravistas, ancestrais e religiosidade, sua estrutura nos traz música, dança, arte, cores e vida, nos contando o que é ser afro-brasileiro.

Para Rezende (2011) o Congado se constitui em espaço de resistência e de reformulação de identidades. Almeida (2008) destaca que a realização destas festividades culturais, apropriam-se do território e atribuem significado a ele. Esses territórios são marcados pelas realidades, valores que perpassam o material financeiro, onde destacam-se as marcas da materialidade e destacam-se aspectos simbólicos. Por sua vez, as manifestações organizam-se em um contexto de sociabilidade, marcado pela divisão de classes, exigindo diversas articulações e estratégias a fim de garantir sua continuidade.

Imagem 6 – Terno Congo Real – Festa em Ituiutaba-MG/2023



Fonte: Acervo pessoal do autor

Os conhecimentos dos congadeiros estão ligados a oralidade. Esses conhecimentos são passados dos mais velhos para os mais novos, por meio das histórias, contos e cantos, que são realizados o ano inteiro por meio das ações nos quârtéis. Os quairtés são espaços destinados a reuniões e encontros para cada grupo e configuram-se, de acordo com Cruz (2007), como espaços de referência identitária e de tomada de consciência socioespacial de pertencimento.

Compreender a cultura da Congada foi objetivo de pesquisa dos trabalhos de Naves e Katrib (2012), Rezende (2011) e Brasileiro (2012). De modo contextualizado esses pesquisadores trazem uma visão nacional da cultura e tradição. Nos achados há uma valorização da produção de festividades culturais e das dinâmicas sociais que se estabelecem na construção de uma irmandade que valoriza os saberes, fazeres, memória e ancestralidade negra, com conhecimentos e saberes de África e da diáspora, conhecimentos esses trazidos mediante a imigração forçada durante o período de escravidão.

Segundo Maia (1999) as relações que são construídas com os espaços das festividades, a igreja, a praça e os quarteis, perpassam questões ligadas ao contexto que o cerca, reafirmam uma cultura negra e toda uma questão de resistência e resiliência. Nesses espaços reafirmam histórias de luta, dor e sofrimento, sob a ótica das pessoas negras que ainda enfrentam o racismo diariamente.

6. O PROGRAMA ETNOMATEMÁTICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES

O Programa Etnomatemática realiza suas pesquisas com implicações pedagógicas, que reconhece e valoriza as práticas matemáticas presentes nas diferentes culturas e contextos sociais. Ela questiona a ideia de que a matemática é uma disciplina universal e objetiva, e destaca a diversidade de formas de pensar e utilizar os números, os padrões, as formas e estruturas matemáticas em diferentes comunidades.

Aqui apresentaremos o Programa Etnomatemática em sua integridade, no qual segundo D'Ambrósio (2005) em seu livro "Etnomatemática: elo entre tradição e modernidade"⁸ apresenta que a Etnomatemática está dividida em dimensões. O quadro a seguir elaborado pelo autor contempla todas as dimensões: a dimensão educacional, epistemológica, política, os desafios do cotidiano, a dimensão cognitiva, histórica e a conceitual.

Quadro 5: Dimensões do Programa Etnomatemática

Dimensão	Significado Segundo D'Ambrósio (2005)
Educacional	Não se trata de ignorar nem rejeitar a matemática acadêmica, simbolizada por Pitágoras. Por circunstâncias históricas, gostemos ou não, os povos que, a partir do século XVI, conquistaram e colonizaram todo o planeta, tiveram sucesso graças ao conhecimento e comportamento que se apoiava em Pitágoras e seus companheiros da bacia do Mediterrâneo. Hoje, é esse conhecimento e comportamento, incorporados na modernidade, que conduz nosso dia-a-dia. Não se trata de ignorar nem rejeitar conhecimento e

⁸ D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. - 2. ed. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

	<p>comportamento modernos. Mas, sim, aprimorá-los, incorporando a ele valores de humanidade, sintetizados numa ética de respeito, solidariedade e cooperação. Conhecer e assimilar a cultura do dominador se torna positivo desde que as raízes do dominado sejam fortes. Na educação matemática, a etnomatemática pode fortalecer essas raízes (D'AMBRÓSIO, p.42 e 43, 2005).</p>
Epistemológica	<p>A crítica que faço à epistemologia é o fato de ela focalizar o conhecimento já estabelecido, de acordo com os paradigmas aceitos no tempo e no momento. Mas a dinâmica de geração do conhecimento, de sua organização intelectual e social, de sua difusão e, conseqüentemente, do retorno desse conhecimento àqueles responsáveis pela sua produção, constitui um ciclo indissolúvel e as tentativas de estudar esse ciclo isolando seus componentes é inadequado para sistemas de conhecimento não-ocidentais (D'AMBRÓSIO, p.37, 2005).</p>
Política	<p>A etnomatemática se encaixa nessa reflexão sobre a descolonização e na procura de reais possibilidades de acesso para o subordinado, para o marginalizado e para o excluído. A estratégia mais promissora para a educação, nas sociedades que estão em transição da subordinação para a autonomia, é restaurar a dignidade de seus indivíduos, reconhecendo e respeitando suas raízes. Reconhecer e respeitar as raízes de um indivíduo não significa ignorar e rejeitar as raízes do outro, mas, num processo de síntese, reforçar suas próprias raízes (D'AMBRÓSIO, p.42, 2005).</p>
Desafios do cotidiano	<p>Uma das coisas mais importantes no nosso relacionamento com o meio ambiente é a obtenção de nutrição e de proteção das intempéries. Conhecendo o meio ambiente, temos condições de fazer com que a capacidade de proteger e nutrir dependa menos de fatores como o tempo (D'AMBRÓSIO, p.34, 2005).</p> <p>A matemática começa a se organizar como um instrumento de análise das condições do céu e das necessidades do cotidiano. Eu poderia continuar descrevendo como, aqui e ali, em todos os rincões do planeta e em todos os tempos, foram se desenvolvendo ideias matemáticas, importantes na criação de sistemas de conhecimento e, conseqüentemente, comportamentos, necessários para lidar com o ambiente, para sobreviver, e para explicar o visível e o invisível (D'AMBRÓSIO, p.35, 2005).</p>
Cognitiva	<p>As ideias matemáticas, particularmente comparar, classificar, quantificar, medir, explicar, generalizar, inferir e, de algum modo, avaliar, são formas de pensar, presentes em toda a espécie humana. A atenção dos cientistas da cognição vem sendo crescentemente dirigida a essa característica da espécie. O surgimento do pensamento matemático em indivíduos, e na espécie humana como um todo, tem sido objeto de intensa pesquisa. O cérebro já está bem conhecido e sabemos muito sobre a massa craniana. Pretendeu-se até privilegiar lóbulos cranianos para ações específicas! Mas onde está a capacidade de preferir uma cor à outra, a razão por que um cheiro desperta emoções? Entre mente e cérebro há uma diferença fundamental (D'AMBRÓSIO, p.30 e 31, 2005)</p>
	<p>Vivemos no momento o apogeu da ciência moderna, que é um sistema de conhecimento que se originou na bacia do Mediterrâneo, há cerca de 3.000 anos, e que se impôs a todo o planeta. Essa rápida evolução é um período</p>

Histórica	pequeno em toda a história da humanidade e não há qualquer indicação que será permanente. O que virá depois? Sem dúvida, como sempre aconteceu com outros sistemas de conhecimento, a própria ciência moderna vai desenvolvendo os instrumentos intelectuais para sua crítica e para a incorporação de elementos de outros sistemas de conhecimento (D'AMBRÓSIO, p.28, 2005).
Conceitual	A matemática, como o conhecimento em geral, é resposta às pulsões de sobrevivência e de transcendência, que sintetizam a questão existencial da espécie humana. A espécie cria teorias e práticas que resolvem a questão existencial. Essas teorias e práticas são as bases de elaboração de conhecimento e decisões de comportamento, a partir de representações da realidade. As representações respondem à percepção de espaço e tempo. A virtualidade dessas representações, que se manifesta na elaboração de modelos, distingue a espécie humana das demais espécies animais (D'Ambrósio, p.27, 2005).

Fonte: Elaborado pelo autor

Segundo Clareto (2003), a etnomatemática reconhece que os sistemas de conhecimento matemático são construídos social e culturalmente, e que, cada cultura desenvolveu suas próprias formas de resolver problemas, organizar informações quantitativas, realizar medições, estabelecer relações espaciais, entre outras práticas matemáticas. Essas práticas podem incluir, por exemplo, técnicas de contagem, sistemas de numeração, geometria indígena, métodos de divisão, sistemas de medidas tradicionais, entre outros.

A abordagem etnomatemática busca promover uma educação matemática mais inclusiva e contextualizada a partir da valorização do conhecimento e das experiências dos estudantes. Ela enfatiza a importância de incorporar saberes locais e práticas culturais dos alunos no ensino da matemática, tornando-a mais significativa e relevante para suas vidas. Além disso, a etnomatemática tem uma dimensão crítica, questiona as relações de poder presentes na produção e difusão do conhecimento matemático. Ela busca desafiar a hegemonia de certos saberes matemáticos, muitas vezes associados a culturas dominantes, e assim promove a valorização e o respeito pelas diferentes formas de conhecimento matemático.

O programa etnomatemática é uma abordagem da Educação Matemática, em que se dedica a entender a matemática que está relacionada intrinsecamente aos grupos culturais, suas práticas e costumes, com foco em compreender de que maneira a espécie humana desenvolveu seus meios para sobreviver em sua realidade natural.

A ideia do Programa Etnomatemática surgiu da análise de práticas matemáticas em diversos ambientes culturais e foi ampliada para analisar

diversas formas de conhecimento, não apenas as teorias e práticas matemáticas. E é um estudo da evolução cultural da humanidade no seu sentido amplo, a partir da dinâmica cultural que se nota nas manifestações matemáticas (D'AMBROSIO, p. 102, 2005).

Surgiu na década de 70, com as contribuições do professor Ubiratan D'Ambrosio, o Programa Etnomatemática faz abordagens para um ensino que não compreenda as contribuições culturais de saberes e fazeres matemáticos existentes em outras organizações sociais de grupos culturais, como povos indígenas, povos africanos, povos antigos, dentre outros. Esta teoria nasce como uma contraposição ao ensino tradicional de uma educação eurocêntrica que nega a influência de grupos não brancos.

Para D' Ambrósio (2005) a Etnomatemática é hoje uma área do conhecimento que faz correspondência com a Antropologia e as Ciências da Cognição e estabelece cientificamente uma dimensão política da Etnomatemática. O autor explica a terminologia da palavra, com o objetivo de exemplificar a aplicabilidade da Matemática:

(...) 'etno', do grego, referente a contexto cultural, 'matema', também do grego, significa entender/conhecer/explicar e 'tica' sugerida pela palavra techne que é a mesma raiz de arte e técnica. Assim, poderíamos dizer que Etnomatemática é a arte ou técnica de explicar, de conhecer, de entender em diversos contextos culturais (D'AMBRÓSIO, p.5, 1998).

Os contextos culturais apontados fazem parte da vivência na prática por artesãos, pescadores, pedreiros, costureiras, comerciantes ambulantes, entre outros, em sua própria leitura de mundo por meio dessa ciência, as práticas nascem de sua atuação diária e fazem conexões com a matemática. Este movimento de repensar o ensino de matemática etnicamente referenciado, tem ganhado destaque nas produções acadêmicas e eventos científicos a nível local, regional e nacional. O movimento traz à tona debates que estão centrados em reconhecer as contribuições dos povos originários, povos indígenas e das comunidades negras com ênfase e destaque nestas temáticas.

A popularização da linha de pesquisa Etnomatemática tem ganhado força nas últimas décadas, e se aproxima da educação básica, em um crescente de práticas pedagógicas no ambiente escolar. Isso se torna um fator produtivo para um ensino de matemática contextualizado que compreenda o espaço que os alunos estão inseridos.

A valorização do saber cultural frente aos grupos étnicos ainda possui um papel coadjuvante, no que tange a educação indígena e étnico-racial ambas são amparadas por nossa constituição sendo estas a lei: Lei nº 10639/03, Brasil (2003) e Lei nº 11645/08, Brasil (2008).

Apesar de esforços para sua implementação ainda encontramos barreiras no que tange curricularização de propostas que abarquem realmente saberes étnico-culturais nas instituições de ensino.

A pesquisadora Coppe-Oliveira (2012) se debruça sobre os estudos da Etnomatemática no Brasil com forte atuação na região sudeste. A referida autora destaca que é preciso compreender a Etnomatemática como um movimento de descolonização do saber matemático, dos moldes do que a consideramos como ciência. Para ela é preciso dar ênfase ao trabalho da comunidade negra e dos saberes de africanos e afro-brasileiros para as construções matemáticas que são ensinadas como saber europeu. Seus estudos se pautam em uma forte atuação no fortalecimento da aplicabilidade da Lei nº10639/03, Brasil (2003) nos currículos da educação básica, reestabelecendo conexões com a Etnomatemática junto a formação de professores e a prática docente.

Coppe-Oliveira (2012) faz alertas sobre o racismo e a necessidade de implementação das políticas já existentes, considerando a Etnomatemática como a interlocutora de um diálogo entre o ensino já estabelecido na matemática e nas comunidades, resguardando suas tradições, memórias e jeitos de saber, fazer e sentir. Os estudos consideram as desigualdades históricas seculares que coloca a população africana e afro-brasileira em condições desiguais principalmente em relação ao contexto educacional.

Repensando a lógica de preservação dos saberes ancestrais e culturais os autores D'Ámbrosio e Rosa (2016) acrescentam que:

A etnomatemática pode ser definida como a matemática praticada pelos membros de grupos culturais distintos, que podem ser identificados como sociedades indígenas, associação de trabalhadores, classes profissionais e grupos de crianças de uma determinada faixa etária (D'AMBROSIO; ROSA, p. 17, 2016).

No que tange o ensino de Matemática na vertente destas Leis em consonância as afirmações de D'Ámbrosio e Rosa (2016) o Programa Etnomatemática é um grande contribuinte para esta implementação da Lei 10.639/03. O programa é responsável por subsidiar um ensino de matemática ao propor uma fundamentação histórico-cultural que valorize o saber e o fazer destes povos, o pensar matemático, suas manifestações artísticas, ritos e mitos culturais, frente à construção de saberes de comunidades e povos em geral. O desenvolvimento de propostas em sala de aula com estas temáticas contribuí para abandonar

preconceitos e estigmas adquiridos durante nossa existência. Adequar as propostas desenvolvidas a perspectivas multi e interculturais acaba se tornando um desafio para docentes, pois, estamos nos referindo a uma proposta jovem que não faz parte de todos os currículos universitários.

No contexto que vivenciei, no processo de graduação, a disciplina de Matemática e Cultura Etnomatemática foi ofertada como optativa, e durante o curso poucas foram as propostas que dialogaram com as relações de grupos culturais e matemática. Sendo assim, considero relevante o destacar os três únicos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) que se encontram no repositório da Universidade Federal de Uberlândia, produzidos entre 2019 e 2021 no Campus Pontal que elucidam esta discussão e trazem a materialização de pensar a Etnomatemática como proposta didática para o ensino de matemática.

Em ordem cronológica início com a proposta de Oliveira (2019), defendida no segundo semestre de 2019, intitulada *Hidden Figures: um estudo na perspectiva da Etnomatemática acerca de mulheres negras*, que traz a etnomatemático junto ao movimento de mulheres negras docentes de matemática. O autor destaca que o compromisso de seu trabalho está intimamente ligado à sua formação docente, e busca nesta perspectiva incentivar o espírito investigativo em que fomenta a pesquisa na educação básica. Considera o ambiente natural dos alunos como possibilidade para novas aprendizagens aliado as novas tecnologias, em que se destaca a relevância da Lei nº. 10639/03, Brasil (2003). Como resultado de sua pesquisa define que a Etnomatemática será um caminho para uma educação renovada, capaz de preparar novas gerações a construir uma civilização feliz.

Posteriormente meu TCC, intitulado: *O Congado vive em mim: Um Estudo sobre a Etnomatemática Presente nas Manifestações Culturais Afro-brasileiras* (SANTOS, 2019), defendido no segundo semestre de 2019, construído por mim, com foco em propostas contextualizadas de ensino de matemática voltado a elementos da cultura congadeira. Em minhas considerações relato que é necessário a abordagem de diversos grupos para que se possa ensinar e valorizar as culturas que chegam até o ambiente escolar, ocasionando uma ampla variedade de conceitos e saberes no que tange o ensino de matemática, realizando abordagens matemáticas presenciadas no cotidiano dos indivíduos, Santos (2019).

O último trabalho é de Nogueira (2021), intitulado *Etnomatemática e Afrocentricidade: o que pensam os estudantes cotistas do curso de Matemática do ICENP/UFU*. Sua pesquisa apresenta a trajetória formativa de cotistas raciais no curso de

Matemática, compreendendo suas representações sociais, o que seria uma formação neste curso com êxito. O trabalho enfatiza a necessidade da decolonização do ensino de matemática e a descolonização de práticas.

A perspectiva decolonial da escravização no Brasil apresentada pela Etnomatemática sob a perspectiva do professor Ubiratan D'Ambrósio me abriu horizontes e contextualizou para as áreas do conhecimento que temos maior familiaridade nas exatas um modo de reconhecer esta dominação, compreendendo que haja uma responsabilidade social em conhecer a cultura negra e suas potencialidades (NOGUEIRA, p. 88, 2021).

O referido autor destaca em sua obra que a descolonização abre caminho para resistir e desconstruir os padrões impostos por um ensino tradicional, e traz a Afrocentricidade como caminho para a proliferação de perspectivas decolonias, enfatizando que a Etnomatemática é um dos dispositivos de efetivação destas teorias, pois, une a teoria do pensamento e prática docente.

Alertar para a ausência de mais diálogos como os propostos por Oliveira (2019), Santos (2019) e Nogueira (2021), nos faz refletir sobre a proposta que a universidade fornece como formação inicial de professores de matemática. Mesmo que sejam ainda poucos trabalhos com a temática, destaco que os autores citados, encontram-se em progressão de suas pesquisas inseridos nos programas de pós-graduação dando continuidade ao proposto em suas pesquisas com a Etnomatemática. Contextualizar este ambiente que vivenciei em minha formação é o relato de uma rede de compartilhamento de saberes fundantes para que possamos entender não somente o papel da etnomatemática na educação que vivencio, mas as motivações e aspirações que estão imersas em meus lócus e me conectam a esta pesquisa.

Sobre o viés do exposto acima, considero relevante destacar que a Etnomatemática é uma fonte viva, que pulsa em constante processo de transformações, pois, se origina de um saber popular que se modifica diariamente. Ela valoriza as culturas e o saber de grupos que em grande parte são socialmente excluídos e não são considerados como detentores do saber nos moldes eurocêtricos. Poderia resumir que realizar este processo de pesquisa consiste na equidade do pensar matemático frente às construções históricas.

Repensar o ensino nesta vertente me leva a refletir sobre nossa postura docente como professores de matemática dentro e fora do espaço escolar. A contextualização do ensino de matemática pode ser uma maneira eficaz de conseguir se aproximar da realidade dos educandos proporcionando ações que colaborem com uma aproximação da realidade vivenciada por nossos alunos. Esta perspectiva compreende o saber/fazer e os conhecimentos

prévios, em conjunto com as reflexões construídas em sala de aula, permitem entender as relações que ocorrem entre a teoria e prática, no qual contribui para ser um grande aliado na construção de conceitos matemáticos.

Dentre as distintas maneiras de fazer e de saber, algumas privilegiam comparar, classificar, quantificar, medir, explicar, generalizar, inferir e, de algum modo, avaliar. Falamos então de um saber/fazer matemático na busca de explicações e de maneiras de lidar com o ambiente imediato e remoto. Obviamente, esse saber/fazer matemático é contextualizado e responde a fatores naturais e sociais. (D'AMBROSIO, p.22, 2011).

Saber lidar com o com o ambiente imediato e a concretização das reflexões sobre a prática na aprendizagem em matemática. A análise dos contextos, das aspirações, das crenças dos valores faz parte de uma redoma de conhecimentos que está imersa e fatores naturais e sociais que se expressam de maneira orgânica. É o saber fazer, a aplicabilidade da matemática e a valorização do pensamento pautado nos ideais da comunidade, em uma educação que realmente seja voltada para preparar o aluno para o mundo, para as questões que são relativas e significativas para a comunidade, de conhecimentos e práticas que entrelaçam o saber acadêmico ao social/cultural na construção de uma proposta de educação emancipatória, reflexiva e crítica.

Indivíduos e povos têm, ao longo de suas existências e ao longo da história, criado e desenvolvido instrumentos de reflexão, de observação, instrumentos teóricos e, associados a esses, técnicas, habilidades (teorias, techné, ticas) para explicar, entender, conhecer, aprender (matema), para saber e fazer como resposta a necessidades de sobrevivência e de transcendência, em ambientes naturais, sociais e culturais (etnos) os mais diversos. Daí chamarmos o exposto acima de programa etnomatemática (D'AMBRÓSIO, p.112, 2005).

Os expostos nos fazem adentrar na perspectiva de uma educação plural, que reflete sobre a importância do saber/fazer. Sua contribuição social é impressa nas contribuições para a educação com ênfase no ensino de matemática, dando sentido ao ensino, e aproxima a comunidade da matemática seus significados e sua história.

7. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Optamos como metodologia pela investigação com abordagens etnográficas que possibilita a análise das práticas, costumes e crenças de um grupo inteiro ou de um subconjunto de um grupo. Segundo Angrosino (2009) a pesquisa etnográfica envolve a descrição holística de um povo e seu modo de vida e foi desenvolvida por antropólogos no final do século XIX e começo do século XX, a fim de estudar sociedades tradicionais, pequenas e isoladas. Esse tipo de pesquisa é conduzido frequentemente por estudiosos que são ao mesmo tempo participantes e sujeitos na comunidade de estudo, nesse caso na comunidade que o autor está inserido.

A Etnografia é um método de pesquisa que busca definir padrões previsíveis de comportamento do grupo. É uma pesquisa baseada em trabalho de campo, personalizada, multifatorial, de longo prazo, indutiva e dialógica. Além disso, a pesquisa etnográfica resulta em um produto em forma de narrativa sobre a comunidade em estudo e que evoca a sua experiência vivida.

Esse método de pesquisa é utilizado, principalmente, quando pesquisadores precisam entrar em uma situação de campo em que as questões sociais ou os comportamentos ainda não estão claramente entendidos. A Etnografia é muito valiosa para se obter o ponto de vista das pessoas, o que é um importante objetivo da pesquisa, e pode ser realizada onde houver pessoas interagindo em cenários “naturalmente” coletivos. A pesquisa etnográfica teve seu início em comunidades de pequena escala culturalmente isoladas, mas expandiu-se para atender pesquisas em comunidades mais amplas e hoje inclui estudos em comunidades de interesse, em comunidades virtuais e naquelas geograficamente isoladas (ANGROSINO, 2009).

A coleta de dados deste trabalho se deu pela triangulação do uso de várias técnicas. Dentre essas técnicas de coleta de dados estão a observação, entrevistas, análise de materiais

bibliográficos, documentais e estudo dos artefatos. A observação consiste no ato de perceber as atividades e interrelacioná-las com as pessoas no cenário de campo. A entrevista é o processo de conversação que objetiva coletar informações devendo ser aberta e em profundidade. E, por último, a pesquisa em arquivos é a busca de materiais que foram guardados durante um tempo com propósito de pesquisa – tanto oficiais como não oficiais.

Esse estudo teve como objeto as manifestações da cultura afro-brasileira da Congada no município de Ituiutaba e contou com cinco etapas para o seu desenvolvimento: a primeira se deu pelo estudo bibliográfico; a segunda pela aplicação das entrevistas semiestruturadas; a terceira pela análise dos dados; a quarta pela construção de um produto educacional; e a quinta pela validação desse produto por meio da aplicação de propostas de atividades em sala de aula do pesquisador.

A primeira etapa da pesquisa, consistiu no levantamento bibliográfico acerca das manifestações da Congada, teve por intuito compreender quais seus pressupostos em relação ao movimento de empoderamento cultural afro-brasileiro, seus saberes e suas práticas. Ainda, por estas leituras, compreender quais as concepções do Programa Etnomatemática em relação ao desenvolvimento de pesquisas voltadas a ambientes não formais, por meio das Teorias de Ubiratan D'Ambrósio, sobre as concepções da etnomatemática.

A segunda etapa da pesquisa foi desenvolvida com integrantes que estão inseridos nas diversas confrarias da Congada da cidade de Ituiutaba – MG, uma vez que eu como pesquisador por fazer parte do movimento tinha previamente proximidade com vários participantes que escolheríamos para essa pesquisa. Foram feitos contatos com dez integrantes, um de cada confraria da Congada de Ituiutaba - MG (Congo, Moçambique, Catupé, Marinheiro), com o objetivo de compreender quais eram suas concepções sobre alguns afazeres nas manifestações.

Antes de iniciar a pesquisa submeti o projeto ao Comitê de Ética e Pesquisa da UFU, pois a pesquisa envolveria entrevistas com seres humanos. O projeto foi aprovado sobre o protocolo de número 52587421.7.0000.5152. Após o aceite entrei em contato com os entrevistados e iniciei a coleta das entrevistas.

Ao realizar a abordagem com os participantes a serem entrevistados, o primeiro contato foi realizado via whatsapp de forma individual. Me apresentei como pesquisador e congadeiro e pontuei de modo informal qual era o motivo do contato. Solicitei a permissão para que eles aceitassem e participassem da pesquisa. Após o primeiro contato, marquei um

encontro com cada um dos participantes separadamente para que fosse explicado como seria o passo a passo da pesquisa.

Após a explicação e a explanação do projeto, preparei os termos de aceitação, e só assim comecei a dar início as entrevistas, conversas e coleta de dados. Informei que todas as entrevistas seriam gravadas em áudio, informei também que após a entrevista realizada, seria feita a transcrição e em seguida seria disponibilizada aos participantes para que pudessem realizar as verificações e acertos caso fossem necessários.

Deixei claro aos participantes que eles não seriam identificados e que na descrição dos dados usaríamos nomes fictícios para preservar a identidade. Além disso, informei que caso entrevistado se sentisse constrangido por algum dos questionamentos teria o direito de se recusar a responder, ou até mesmo desistir de continuar a pesquisa. Diante desses fatos, seguimos com a aplicação da pesquisa.

A coleta de dados se deu por meio das entrevistas, de observações, de registros em diário de campo, de registros de diálogos em áudio-gravação. Nessa etapa dividi a investigação em três momentos (dois momentos destinados aos encontros para a realização da entrevista semiestruturada e um momento para realizar a observação participativa nas campanhas/leilões e ensaios).

As entrevistas semiestruturada com os participantes foram feitas de forma presencial. Com as respostas pude refletir sobre as manifestações da cultura e sua importância para a sociedade. Nesse momento foram feitos questionamentos afins de entender qual o papel do entrevistado perante a sua confraria e conhecer seus saberes e fazeres no seu determinado grupo. Além disso, foram feitas perguntas sobre como, por quem e quando foi criado o seu grupo, e questões para que os entrevistados descrevessem como são realizadas as atividades e os rituais que antecedem a saída dos ternos nas manifestações que ocorrem no mês de maio, em comemoração ao dia 13 de maio, dia da abolição da escravatura do Brasil.

O terceiro momento se deu pela participação do autor, nos encontros feitos pelos grupos em seus quartéis, reuniões, leilões e eventos abertos ao público que contemplam a participação de todos os ternos. Ações essas que tornaram possível verificar o conceito de irmandade e resistência, pois essas atividades, contribuem para manter o movimento vivo.

Para a análise dos dados foi utilizada a técnica da metodologia de análise textual discursiva, que consiste em quatro etapas de análise. Segundo Moraes e Galiazzi (2006) a primeira etapa consiste na unitarização dos dados em que acontece a separação em partes que

a autora descreve como unidades de significado, em seguida, a segunda etapa consiste na categorização que é o processo que busca articular significados semelhantes no qual a autora enfatiza que pode gerar vários níveis de categorias, a terceira etapa dessa técnica de análise consiste na captação do novo emergente, que consiste no novo material gerado após as categorias que emergiram no qual a análise parte do empírico para a abstração teórica. E a quarta e última etapa consiste no processo auto-organizado, no qual é composto por todas as etapas anteriores, e nesse processo é possível a elaboração de um novo material que os autores descrevem de metatextos.

A análise textual discursiva é descrita como um processo que se inicia com uma unitarização em que os textos são separados em unidades de significado. Estas unidades por si mesmas podem gerar outros conjuntos de unidades oriundas da interlocução empírica, da interlocução teórica e das interpretações feitas pelo pesquisador. Neste movimento de interpretação do significado atribuído pelo autor exercita-se a apropriação das palavras de outras vozes para compreender melhor o texto. Depois da realização desta unitarização, que precisa ser feita com intensidade e profundidade, passa-se a fazer a articulação de significados semelhantes em um processo denominado de categorização. Neste processo reúnem-se as unidades de significado semelhantes, podendo gerar vários níveis de categorias de análise. A análise textual discursiva tem no exercício da escrita seu fundamento enquanto ferramenta mediadora na produção de significados e por isso, em processos recursivos, a análise se desloca do empírico para a abstração teórica, que só pode ser alcançada se o pesquisador fizer um movimento intenso de interpretação e produção de argumentos. Este processo todo gera meta-textos analíticos que irão compor os textos interpretativos (MORAES e GALIAZZI, p.118, 2006).

A quarta etapa dessa investigação, se deu no desenvolvimento de um guia destinado aos professores, sobre saberes etnomatemáticos da Congada, o qual apresenta subsídios para atender a lei 10.639/03. Neste material são abordadas questões de como desenvolver atividades matemáticas juntamente com conceitos da cultura, com a música, dança e outros artefatos, por meio da articulação entre as teorias sobre o Programa Etnomatemática e as concepções que se deram por meio desse estudo.

A quinta etapa desta investigação se deu após a análise do produto que foi aplicado nas turmas do 7º e 9º ano do ensino fundamental anos finais em que o primeiro autor leciona. Por meio da reflexão dos alunos e da aplicação dessa investigação foi elaborada a dissertação da pesquisa buscando responder à pergunta de como a matemática existente nos instrumentos percussivos e artefatos do congado poderiam auxiliar professores de matemática na implementação da lei 10.639/2003.

Por fim, com base nessas perspectivas, com o estudo, busquei subsídios para que professores por meio do Programa Etnomatemática possam em sala de aula atender a Lei 10.639/03, com uma ampla variedade de possibilidades pedagógicas advindas de diversas culturas, além disso realizar abordagens matemáticas presenciadas no cotidiano dos indivíduos.

8. AS MANIFESTAÇÕES DA CONGADA EM ITUIUTABA/MG

Acredita-se que as manifestações da congada na cidade de Ituiutaba-MG já vinham acontecendo antes dos anos de 1950, porém não existem registros escritos. Meu conhecimento sobre esses fatos vem das histórias contadas pelos entrevistados e de algumas leituras feitas durante a pesquisa em documentos não oficiais e bibliográficos. No ano de 1951 surge o movimento de reestabelecer a congada na cidade de Ituiutaba-MG com a criação do terno Moçambique Camisa Rosa e três anos depois é criado o terno de Congo Camisa Verde.

Essa reestruturação só foi possível e autorizada pelo padre daquela época ao atender a imposição de que o movimento fosse interligado a igreja católica e com a imposição de que todos os membros se submetessem aos quatro sacramentos da igreja católica. Ou seja, tiveram que ser batizados, fazer primeira comunhão, a crisma e se possível serem casados. Depois desse período de preparação só então os ternos tiveram o direito de frequentar e se apresentar perante a igreja católica.

Ao investigar esses acontecimentos, encontrei na monografia de Rafael (2018) intitulada “Entre o Ritmo, a Cor de o Movimento: As territorialidades na festa de congada da cidade de Ituiutaba/MG” que descreve os primeiros indícios do resgate das manifestações da congada na cidade de Ituiutaba-MG.

No início da década de 50, com o objetivo de reestruturar o movimento de congada - as que já existira em Ituiutaba, o senhor Marciano Silvestre da Costa, com seus filhos Demétrio Silva da Costa, Geraldo Clarimundo da Costa, juntamente com Ana Carolina Ribeiro (Dona Rosa), sobrinha do senhor Marciano (devota fervorosa de N^a S^a do Rosário e São Benedito), dirigiram-se ao vigário da época de nossa cidade Padre João Avi, da Igreja Matriz de São José para pedir permissão e orientação para que os ternos de congadas pudessem voltar a funcionar, junto à igreja e arrecadar donativos para realizar a Festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário no mês de novembro e também construir uma capela para São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Essa permissão só foi concedida depois de um longo período de preparação

com: conversões, casamentos de casais que só eram casados no civil, batizados de crianças, jovens e adultos, crismas e primeira comunhão de todas as pessoas, que se interessasse em ingressar na Irmandade de São Benedito. No dia 13 de maio de 1957 foi fundada a Irmandade de São Benedito, conforme a Ata de Fundação, contida no Livro 01 à página 01 do Livro de Atas desta Irmandade e registrado em cartório, conforme publicação no Diário Oficial do Estado de Minas Gerais de 16/04/1964 e estatuto reformulado em 22 de março de 1990. (...) por sugestão do Padre João Avi, desde 1957 as festas da Irmandade passaram a ser realizada no dia 13 de maio ou no domingo mais próximo, aproveitando a data da — abolição da escravatura negra no Brasil e em homenagem ao glorioso São Benedito, pois o mês de novembro a paróquia já realizava muitas festividades religiosas (Inventário de Proteção do Acervo Cultura de Ituiutaba MG – Patrimônio Imaterial) (RAFAEL, p.45 e 46, 2018).

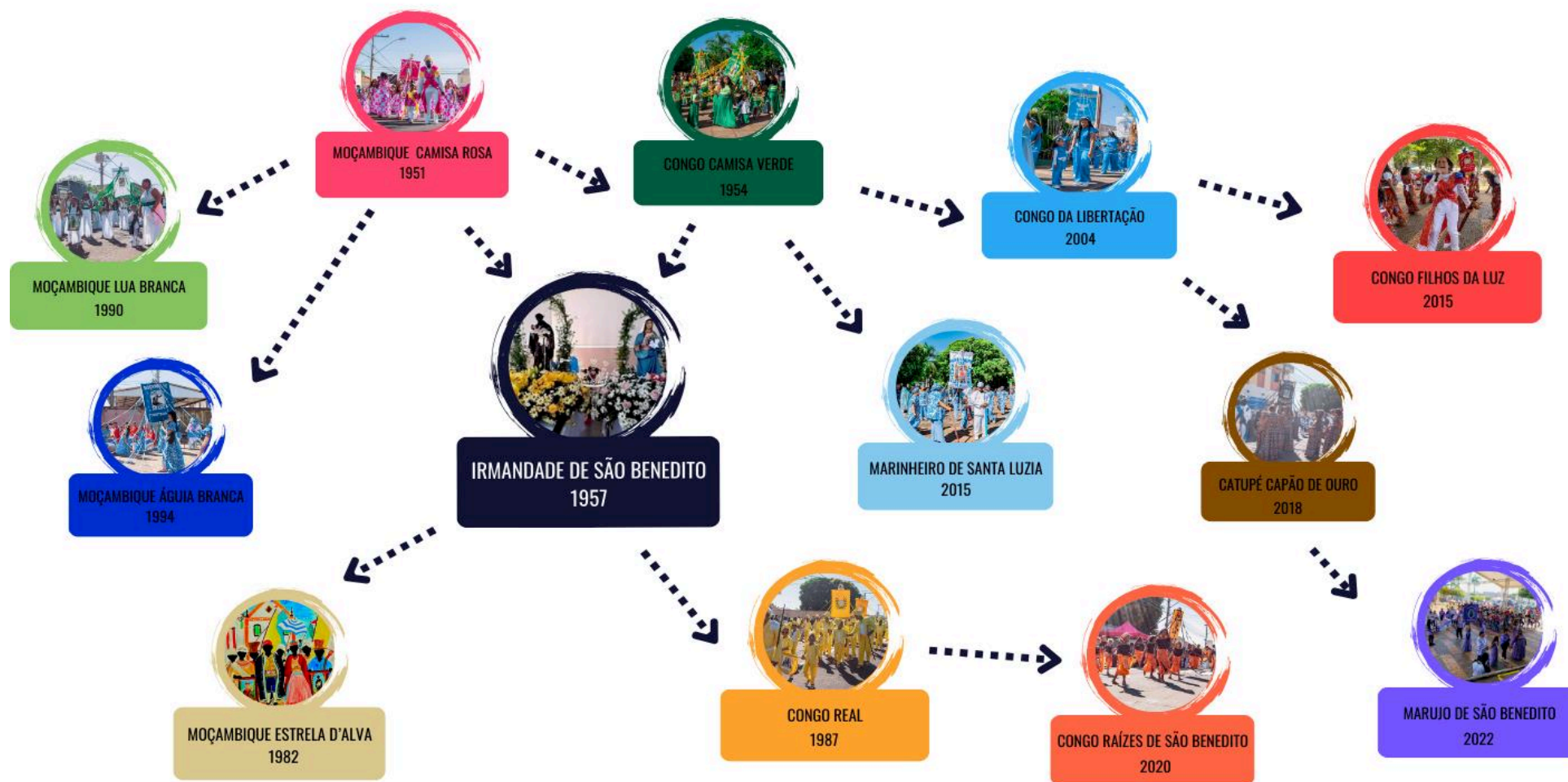
Após as preparações impostas pela igreja aos integrantes das manifestações, os ternos de congada passaram a ter o apoio do padre daquela época. Então, reviveu o movimento na cidade, e fez com que a congada fosse compartilhada com a sociedade. Em 1957, como descrito no relato feito por Rafael (2018), os ternos Moçambique Camisa Rosa e Congo Camisa Verde, com o apoio da igreja, fundaram a Irmandade de São Benedito, instituição essa que auxiliaria nos afazeres da festa de congada.

8.1 – As Confrarias da Congada Existentes em Ituiutaba – MG

Nesta subseção apresentaremos as confrarias associadas a Irmandade de São Benedito da cidade de Ituiutaba-MG. Apresentamos cada terno utilizando a história oral como narrativa. As narrativas foram coletadas por meio das entrevistas semiestruturadas no qual cada participante entrevistado relatou sobre a criação, as características e os seus afazeres no terno em que é participante. Iniciamos as descrições de forma cronológica em acordo com o ano de criação de cada confraria. Dessa forma, apresentar a história e as características de cada terno por meio de pessoas que estão inseridas nele é bastante importante. Isso possibilita compreender, em riqueza de detalhes, as manifestações pela visão de quem vive lá dentro e consegue verbalizar detalhes despercebidos de como essa cultura resiste.

Abaixo segue um organograma desenvolvido pelo primeiro autor (Figura 1) que representa todas as ramificações existentes nas confrarias da congada de Ituiutaba- MG, em ordem cronológica. Nas narrativas, a maioria dos ternos tem influência na criação dos outros, sendo um familiar que dançava em um determinado terno resolveu sair e criar o seu próprio terno e assim foram nascendo os demais grupos.

Figura 1 – Organograma dos ternos da cidade de Ituiutaba-MG (construído em 2022)



Fonte: Acervo pessoal do autor

No decorrer dos anos, outras confrarias foram sendo criadas e juntaram-se a Irmandade de São Benedito. Outros ternos foram se ramificando dos ternos fundadores, e até o momento desse estudo existiam doze confrarias, na qual onze delas estão associados a Irmandade de São Benedito. Desses onze, uma bandeira se encontrava até o momento da pesquisa desativada por falta de integrantes, e um terno faz parte de um projeto desenvolvido com alunos de uma escola pública da cidade.

Antes de iniciar, deixo evidente que a pesquisa foi realizada com oito sujeitos, mas temos doze ternos na cidade de Ituiutaba-MG até o momento da pesquisa. Como dito, o terno de Moçambique Estrela D'Alva encontrava-se desativado, e dos outros três ternos não conseguimos participantes voluntários para a aplicação da entrevista, então, mostraremos eles sobre a ótica de outros pesquisadores. Dessa forma apresentaremos os demais ternos que fazem parte das festividades da congada, sob a ótica dos entrevistados, mas para isso, iremos utilizar nomes fictícios para cada sujeito devido a cláusula de não identificação dos participantes. Utilizaremos nomes de algumas personalidades negras que contribuíram e contribuem de forma positiva para o movimento de resistência no Brasil, traremos como influências, cantores, ativistas, atores, escritores, artistas que contribuíram com a luta da inserção do povo negro na sociedade.

Moçambique Camisa Rosa - (1951)

Para realizar a narrativa sobre o terno Moçambique Camisa Rosa, identificamos a participante como Dona CONCEIÇÃO em homenagem a grande professora, escritora Conceição Evaristo, que é um dos maiores nomes da literatura brasileira, além de ser uma das maiores ativistas ao movimento negro. A entrevistada Dona Conceição é nascida e criada dentro do movimento da Congada, participando das manifestações desde seu nascimento. Filha dos fundadores do terno, ela hoje com seus 71 anos de idade junto com suas irmãs carrega o cargo de matriarca do terno Moçambique Camisa Rosa e auxilia na diretoria nas tomadas de decisões. Ao ser perguntada sobre a criação do terno Moçambique Camisa Rosa, a entrevistada relata que ele surgiu pelo ato de amor em que seu pai deu de presente o terno para sua mãe em seu aniversário.

Dona Conceição: A ideia do Moçambique Camisa Rosa surgiu do meu pai em dar e fazer um grupo, pois ele já era capitão e já dançava em outros grupos. Como ele era um Capitão repentista, ele sempre era convidado a

participar de diversos grupos. Daí então ele resolveu que iria fazer um terno. Foi apoiado pelo meu avô e pela dona Rosa, dona Carolina prima dele, e assim o fez. Ele disse que iria fazer um terno de Moçambique e iria tocar no dia do aniversário da Dona Geralda, minha mãe. Então, ele deu o Moçambique de presente para ela. Quando ela viu que ele a presenteou e cantou para ela de presente esse Camisa Rosa, em abril de 1951. Então, ele surgiu disso, como um ato de amor, essa foi a criação do Moçambique Camisa Rosa. A gente fala que quem está no Camisa Rosa tem que amar mesmo, a primeira coisa tem que ter é o amor, porque essa é a essência de sua criação. Bom desde a sua criação, o terno era todo branco, como na maioria dos ternos hoje em dia, ele predomina a cor Rosa. Teve um fato que aconteceu na festa entre 63 e 64 que os ternos não entravam dentro da igreja, e meu pai ele tinha uma vontade danada de tocar lá dentro e decidiu tocar, porém naquela época era proibido. Meu pai desafiou o padre que indagou que o terno dele não tinha nem cor e nem nome e não poderia entrar na igreja, meu pai como era astuto foi falando e devolvendo em forma de canto respondendo o que ele falava. Aí, ele, tentando adentrar a igreja, estava na porta lateral da Igreja São José, ali do lado da rua 22, e lá dentro tem uma gruta da Nossa Senhora de Lourdes. Ele deixou o terno na porta e entrou sozinho parado na porta da igreja e lá e pegou uma rosa natural, uma rosa cor-de-rosa, aí naquele momento em falou: “Então, ele vai se chamar Moçambique Camisa Rosa da rosa de Nossa Senhora colhida dos pés lá da nossa senhora, e a calça branca padrão em todos os ternos e a faixa amarela representando uma riqueza cultural, riqueza do saber (DONA CONCEIÇÃO, 14/12/2022 – entrevista).

Imagem 7 – Moçambique Camisa Rosa



Fonte: Acervo pessoal do autor

Imagem 8 – Moçambique Camisa Rosa



Fonte: Acervo pessoal do autor

Ao ser questionada sobre a sua relação com as manifestações, sua participação, seus afazeres e seu interesse nas festividades, a entrevistada ressalta que nasceu dentro do movimento, pois quando já estava dentro da barriga de sua mãe o terno já existia.

***Dona Conceição:** Na verdade, as pessoas sempre me fazem essa pergunta, meu interesse, eu fui gerada dentro disso, porque quando a mamãe contava para gente essas histórias da criação do terno, logo quando a minha mãe ficou grávida de mim, o meu pai deu de presente o Moçambique Camisa Rosa. Então quer dizer que eu fui gestada, fui concebida e nasci já na formação do camisa rosa, então não teve interesse não, fui formada junto mesmo nesse meio. Eu os meus filhos, os meus netos e bisnetos na grande maioria não temos vida fora disso, já nascemos dentro do movimento e os outros cresceram vendo a maravilha que era aquilo. Então o nosso existir, nossa existência não temos momento fora da Congada porque antigamente a gente tinha saudades da Congada, passava a festa e depois era só no outro ano, agora não, tudo é Congada. Com o falecimento da minha mãe, que já faz 12 anos, antes disso, já tínhamos assumido essas responsabilidades, né!? A gente sempre trabalhou com ela, visto que a minha mãe sabia bem gerenciar essas coisas. Ela dava conta de envolver todo mundo, dava responsabilidade para todo mundo, mas ela era o centro. Como a doença dela, causou impossibilidade de locomoção fazendo ela ficar acamada por 8 anos, antes de falecer, nesse meio tempo eu me vi assim também tomando conta do terno e da irmandade. Então, hoje em dia, nós temos dividido entre nós, as três irmãs, essa responsabilidade. Chamam a gente de “As Três Marias”. Então a gente pegamos após o falecimento dela, esse matriarcado do Camisa Rosa. Então, nós três somos as matriarcas do Camisa Rosa, onde tudo o que tem que ser decidido tem que passar por nós três. Então, o bonito dessa cultura*

nossa é isso, é o respeito, e é essa a nossa ancestralidade, a gente a mantém viva e não deixa morrer (DONA CONCEIÇÃO, 14/12/2022 – entrevista).

Como essa manifestação vem sendo vivenciada e realizada de geração em geração, ao ser perguntado quais influências, a entrevistada relata que não é uma pessoa que possa ser influenciada, mas permanece no movimento pelo amor, amor esse que é vivenciado durante as manifestações.

***Dona Conceição:** Por influência, nunca é assim. Eu costumo falar assim: eu sou uma pessoa que não sou influenciada por nada e nem ninguém, eu sou desse jeito. Mas o que me move nisso aí realmente, graças a Deus, é o amor que a gente tem por aquilo que nós fazemos, sabe? Então, quando eu vejo uma pessoa que realmente ama aquilo que faz dentro da congada, isso me deixa muito feliz mesmo. Eu costumo falar muito para as pessoas: cada festa que a gente faz, cada ano que você trabalha, é uma gestão. Então, no sábado, “você está nas dores, nas últimas dores do parto, aí quando é no domingo, na alvorada, a sua criança nasceu” realmente a festa. Porque tudo o que tinha que ser feito está pronto. Quando é de noite, a gente já está só o cansaço, mas em vocês, a gente consegue ver uma felicidade. Você esquecia toda essa canseira, esquece tudo que passou, por conta de uma de uma grande felicidade, congada é isso (DONA CONCEIÇÃO, 14/12/2022 – entrevista).*

Ao ser questionada sobre os ensinamentos e saberes da cultura da congada, a entrevistada relata que esse aprendizado é compartilhado por meio da prática e do dia a dia durante as manifestações. Um exemplo que a entrevistada traz é o relato sobre a preparação do couro do animal cru até ser colocado nos instrumentos, e de como esse ensinamento foi repassado desde antigamente.

***Dona Conceição:** Os saberes da congada vêm da prática. É você produzir porque o nosso saber não tem nada que nós não sabemos que nós não fizemos lá atrás. Por exemplo, na construção do vestuário, a minha mãe era costureira e ela fazia as roupas do Camisa Rosa depois ajudava a fazer as do Camisa Verde isso tudo foi ensinado e passado para mim e minhas irmãs. Os meninos aprenderam a “curtir” o couro que antigamente era tudo feito de forma artesanal, era pegar o couro lá na fazenda quando matava um animal, fazer todo o tratamento, um longo processo. Então, tinha todo aquele processo. Esticava uma estaca no chão, tinha um processo do rapar a parte de gordura. Aí, depois que você limpava aquela parte de gordura, passava por cinza quente e que se falava “borrado”, né!? Então, essas coisas também eram feitas pelas crianças, sempre tinha um adulto ali junto, mas as crianças participavam dessa construção. Então, ali junto, tinha oralidade, sabe, a oralidade de tudo aquilo que estava sendo feito, tinha que ter paciência para aprender (DONA CONCEIÇÃO, 14/12/2022 – entrevista).*

Fazer parte de qualquer confraria de congada, não é só chegar e dançar, existe ensinamentos necessários que uma pessoa que deseja se inserir no movimento precisa estar

ciente. Ao ser questionada sobre como esses ensinamentos são repassados, a entrevistada relata que são ensinados por meio da oralidade dos mais velhos ao ensinar os mais novos.

***Dona Conceição:** Então os saberes são apreendidos por meio da oralidade dos mais velhos ao ensinar os mais novos (DONA CONCEIÇÃO, 14/12/2022 – entrevista).*

A minha vivência fez com que eu observasse que a festa da congada não é feita de uma hora para outra. Existe uma preparação que acontece nos meses anteriores ao mês de maio. Ao ser questionada sobre os preparativos que antecedem a festa, a entrevistada relatou a realização de leilões para arrecadar verbas, terços e encontro. Nesses eventos são arrecadadas, verbas que auxiliam na manutenção de diversas coisas dentro do terno, como alimentação, vestimentas e instrumentos.

***Dona Conceição:** As preparações começam com as nossas campanhas, que são as visitas nos lares dos nossos moçambiqueiros e de pessoas que gostam de estar junto com a gente nesse movimento, nessa caminhada. Ocorre algum leilão, doação que a gente vai juntando, tudo para fazer a festa, para estar trabalhando, e então são praticamente três a quatro meses de preparações para culminar no terceiro domingo de maio, que no ano de 2023 acontecerá no dia 21 de maio. Então, a preparação, a caminhada são essas, e ela não é só própria do Camisa Rosa, são de todos os grupos, de todas as confrarias, que trabalham para estarmos juntos no dia 21 de maio. E nesse caminhar, a gente já leva tudo junto, fazendo toda a sua organização: organização de vestuário, dos instrumentos e a parte de alimentação do dia da festa. Então, nós temos todo esse período para se trabalhar tudo isso (DONA CONCEIÇÃO, 14/12/2022 – entrevista).*

No grande dia das festividades que geralmente acontece no terceiro domingo de maio, existe uma preparação e um roteiro a ser seguido no qual existe alguns rituais espirituais e religiosos para que a festa ocorra da melhor forma possível. Dona Conceição acentua que uma das principais ações que ela realiza junto com os componentes é o momento das rezas e orações, no qual todos entram em contato com o sagrado.

***Dona Conceição:** No dia da festa, o roteiro do Moçambique Camisa Rosa é o seguinte: todos os componentes se reúnem no quartel na avenida trinta e oito, entre as avenidas vinte e sete e vinte e cinco, e ali, os capitães, madrinhas, os coordenadores e as matriarcas se reúnem mais cedo. Agora nós acordamos às 4 horas da manhã porque lá nós temos um momento nosso próprio de oração para abertura daquele dia, onde pedimos a benção e fazemos a alvorada com toda a família do Camisa Rosa. Como nosso quartel é próximo da igreja nós temos a possibilidade de fazer alvorada no quartel e na praça 13 de maio. Então, a gente se divide ali, assim fazemos Alvorada e já ficamos prontos para recebermos aos componentes do terno, porque a*

partir das 6:00 a gente tem o ritual de dar a benção para todos os componentes, servir o café da manhã e em seguida seguimos para a igreja para participar da missa. É o Moçambique Camisa Rosa que é o guardião da Bandeira de hasteamento. Então, a gente já leva a Bandeira para festa, assiste a missa e faz o hasteamento da bandeira e já se posiciona para as apresentações. Se permanece na praça até tal horário, dependendo da sua apresentação, ou se você já apresentou pode ir deslocando para fazer suas visitas e almoçar. A tarde é a vez da corte, buscamos nosso reinado, realizamos algumas visitas pois o tempo é muito pouco, voltamos para a igreja participamos da procissão com todos os ternos e os Santos padroeiros, esperamos o encerramento da missa, abaixamos a bandeira e nos preparamos para o encerramento das festividades novos (DONA CONCEIÇÃO, 14/12/2022 – entrevista).

Pela fala de Dona Conceição é possível verificar que a religiosidade vem sempre em primeiro lugar, estar ali louvando os santos e manifestando a cultura é uma forma de nos colocar em contato com a nossa ancestralidade.

Congo Camisa Verde – (1954)

Para realizar a narrativa sobre o terno de Congo Camisa Verde, a participante será aqui identificada como Dona TEREZA, em homenagem a Tereza de Benguela rainha do Quilombo de Quariterê no Mato Grosso, no qual desempenhou um grande papel na luta contra a escravidão. Sua grande inovação foi desenvolver regras parlamentares em seu quilombo que contribuiu para o bom funcionamento do lugar, além disso a data de sua morte é comemorada o dia da mulher negra do Brasil.

Desde criança, a entrevistada Dona Tereza, já tinha influências com as manifestações da congada, pois seu pai ajudou na criação do Moçambique Camisa Rosa pois os dois fundadores eram irmãos. Hoje com 76 anos de idade a entrevistada relata que sua função é fazer parte da diretoria do terno, no qual todas as ações e decisões são passadas por ela e seus irmãos que herdaram esse papel dos seus pais. Ao ser perguntado sobre a criação do terno, Dona Tereza aponta que o terno Congo Camisa Verde, foi criado pelo seu pai e sua mãe e teve uma grande influência do terno Moçambique Camisa Rosa.

***Dona Tereza:** O terno de Congo Camisa Verde foi criado no ano de 1954 pelo meu pai, Geraldo Clarimundo da Costa é minha mãe Dulcinéia do Costa e meu tio Demétrio Silva da Costa e Geralda Ramos. Não tem como eu falar do meu Congo sem nem eu falar do meu tio e do meu avô. Foram*

eles os pilares da fundação da Irmandade de São Benedito. Não tem como falar do Congo Camisa Verde sem falar no Moçambique Camisa Rosa, meu tio ficou tocando Moçambique e meu pai ficou tocando Congo; meu pai determinou as cores verde e branca. E as a nossa farda a gente não muda, nós somos tradicionais até hoje (DONA TEREZA, 22/11/2022 – entrevista).

Imagem 9 – Congo Camisa Verde



Fonte: Acervo pessoal do autor

Imagem 10 – Congo Camisa Verde



Fonte: Acervo pessoal do autor

Ao ser questionada sobre sua participação nas manifestações da congada, e seus princípios e interesses no movimento, a entrevistada relatou que desde que nasceu pertence ao movimento. Seus pais como fundadores do terno tiveram um papel de grande importância, e carregavam o legado deles que é uma forma de continuar seus feitos.

***Dona Tereza:** Eu participo do Congo Camisa Verde desde a sua fundação, nós vamos fazer setenta anos daqui dois anos, a minha vivência é desde a fundação da Irmandade, a Irmandade que hoje contemplam todos os segmentos negros da cidade de Ituiutaba. O meu interesse se deu pela vivência do meu pai, em pedir ao Padre para voltar a tocar a congada na igreja, ele falou que não voltaria se não tivesse doze homens preparados na igreja onde eles fizeram a primeira comunhão, meu pai, meu avô, meu tio fizeram a comunhão todos juntos, se eles não se organizassem ele não deixaria, porque ele cortou a festa de Ituiutaba, o padre João Ave. Ele cortou a festa de Congada daqui, pela falta de organização de pessoas dos grupos daquela época, eles não tinham organização, eles marcavam cinco horas, eles chegavam as sete, chegava oito, chegavam bêbados. Então teve aquela imposição do padre que se organizarem religiosamente e com essa organização eles teriam que ter uma linha para poder voltar a fazer a festa. Então foi por isso que eu vivenciei. Eu vivi tudo, o meu apreço pela Congada é de nascimento. Eu faço parte da diretoria, junto com meus irmãos, nós somos seis, eu ajudo em tudo, mas tomo conta principalmente das bandeiras, eu que cuido das bandeiras, a gente acaba vendo tudo. O que que vai comprar, quais as caixas que têm que refazer. O material que foi gasto, e dentre outras coisas da diretoria (DONA TEREZA, 22/11/2022 – entrevista).*

Ao ser perguntado quais as principais ações que o terno realiza junto à comunidade congadeira, a entrevistada relata que acontece os terços, leilões ações essas que serve para arrecadar verbas para ajudar no custeio da festa.

***Dona Tereza:** Sempre a gente tem um trabalho muito bonito para preparar a festa. A preparação da festa de maio já é bem puxada. A tradição é começar a preparar para festa de maio em fevereiro. Inclusive sempre o meu terço acontece no primeiro sábado de fevereiro mais ou menos. Então essas são as ações que a gente faz. A gente vai na casa das pessoas, reza o terço. Faz o leilão tiver, se não tiver a gente só reza. Nós temos pessoas que recebe São Benedito, desde a época do meu pai. Então, e para nós isso aí é um trabalho, todo sábado você ter aquele compromisso de rezar o terço, levar São Benedito, levar o terno, mas as vezes não levamos o terno, tem vez que vai quatro, cinco pessoas e nós tocamos assim mesmo, nós cantamos e nós rezamos. É uma missão muito importante para gente ir à casa de uma pessoa que te pede a presença do santo Deus, e rezar naquela casa, cantar naquela casa, já é um compromisso, você deixa os seus sábados de fevereiro a maio reservados para essas atividades. Para que? Para fazer a festa em maio. Aí depois tem as visitas, viagens e depois chega o fim do ano, e logo começa os preparativos para a festa do próximo ano (DONA TEREZA, 22/11/2022 – entrevista).*

Como essa manifestação vem sendo vivenciada e realizada de geração em geração, ao ser questionada sobre as principais influências que a levaram a permanecer na congada, a entrevistada ressalta que o pai foi a principal influência desse movimento.

Dona Tereza: *A congada é minha vida, o Congo Camisa Verde é minha vida. Meu pai deixou como herança de tradição. Meu pai deixou, e eu passei para meus filhos e netos. Para eu deixar o terno só depois mesmo quando eu for embora, quando eu morrer mesmo que eu vou deixar, mas vou deixar um legado muito grande de ensinamentos e aprendizado com os meus (DONA TEREZA, 22/11/2022 – entrevista).*

Durante a realização das manifestações da congada, é possível perceber que acontece diversos tipos de aprendizagens e ensinamentos, tanto da cultura, tanta da religiosidade. Ao ser questionada sobre os ensinamentos, fazeres e saberes durante as manifestações a entrevistada traz alguns pontos que julgam ser de caráter para ser um congadeiro fiel as tradições.

Dona Tereza: *Ter fé no seu trabalho, perseverança, confiança, retidão significa honestidade com seus irmãos congadeiros, cumprir bem o que se proponha a fazer, acima de tudo educação. Um exemplo disso é a reza do terço cantado que é um aprendizado para os nossos jovens, eles terão que transmitir esse legado no futuro, e a devoção aos nossos Santos padroeiros São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. O compartilhamento desses saberes acontece com a participação nas nossas atividades, em alguns encontros festivos, aproveitamos a ocasião para falarmos sobre o porquê estamos aqui, fazemos uma roda de conversa em que cada um conta um pouco da sua experiência, da sua história no movimento da congada, e dessa forma acontece o aprendizado. Esses conhecimentos são repassados por meio da oralidade. O fazer bem-feito, o que eu sei eu que aprendi ouvindo era sempre falado principalmente para os de casa. Temos que usar ou ter a simplicidade do nosso santo padroeiro de devoção São Benedito. Quem conhece as virtudes dele não precisa de mais nada, só de muita fé (DONA TEREZA, 22/11/2022 – entrevista).*

Só quem vivencia as manifestações da congada pode explicar o quão gratificante é fazer parte dessa cultura. Ao ser questionada sobre os valores e sentimentos a congada proporciona enquanto movimento cultural, a entrevistada relata a importância do compartilhamento da cultura é um prazer imensurável de manter as tradições vivas.

Dona Tereza: Lembrar dos meus antepassados, bater e tocar com alegria a nossa cultura é trazer o conhecimento ao povo brasileiro, essa cultura pouco valorizada por falta de conhecimento da sua própria história. Dessa forma um dos principais valores é a representatividade. É viver até os dias de hoje para poder estar vivenciando esse movimento que é tão bonito, que eu aprendi com meus antepassados, que meu pai deixou como herança, junto

com seu irmão e amigos fundaram a nossa Irmandade de São Benedito. É um sentimento de prazer muito grande. Ai se eu não pudesse falar meu Deus eu fico pensando, quando eu ouço o batido de uma caixa, meu coração já fica acelerado de empolgação. Eu tenho um sentimento de muito prazer de estar dançando, é uma mistura de sentimentos, ver a harmonia do terno a sintonia, eu gosto de estar participando é prazeroso a gente está louvando a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Eu não poderia ter indiferenças. Quando você sai com o seu terno, você sai porque você está carregando a bandeira do santo. E se você está carregando a bandeira de um santo, aquele santo tem muito exemplo para te dar de humildade, igual São Benedito, de verdade, de fé, de fé em Jesus, de fé em Deus (*DONA TEREZA, 22/11/2022 – entrevista*).

Ao solicitar que a entrevistada descrevesse de forma sucinta sobre as ações que são feitas durante as preparações para a festa em comemoração ao 13 de maio, ela relata que assim como os demais ternos, eles realizam leilões beneficentes, terços, encontros, no qual a verba arrecada auxilia nas manutenções do terno.

Dona Tereza: *A nossa festa é comemorada no terceiro domingo de maio, primeiramente a fé em Deus é o que nos move, colocamos nas mãos dele o que propusemos a fazer, traçamos o plano, rezamos o terço, realizamos visitas aos devotos, leilões, recebemos ajudas para a realização da festa e convidamos as pessoas para a grande festa. Na semana que antecede o domingo de maio, realizamos a novena com o terço cantado todos os dias as 18:00 horas na igreja de São Benedito (DONA TEREZA, 22/11/2022 – entrevista).*

Ao descrever o roteiro no dia das festividades, Dona Tereza enfatiza que o movimento é bem semelhante aos dos demais ternos, primeiramente acontece a alvorada em seguida é servido o café no barracão para a comunidade congadeira e em seguida seguem para a igreja e na praça treze de maio, onde acontece todas as apresentações.

Dona Tereza: *A gente sai lá do quartel, as cinco horas da manhã tem que estar todo mundo lá no quartel pois acontece a alvorada dos fogos, em seguida é servido o café, fica uma pessoa responsável por organizar o café para os integrantes. E aí a gente sai em cortejo até a igreja para assistir à missa, quinze para oito nós estamos entrando na igreja. Apesar de não ficar todo mundo dentro da igreja. Após a missa seguimos para o hasteamento da bandeira, onde todos os ternos se reúnem envolta de o mastro até a bandeira ser erguida, depois segue a programação da festa, as apresentações lá no palanque onde cada terno tem uma passagem para se apresentar para as autoridades locais, Reis e Rainhas, depois a gente faz algumas visitas e vem para o almoço, após o almoço às vezes tem mais algumas visitas. Em seguida seguimos para a minha casa para buscar a Rainha Perpétua. Ela se arruma na minha casa, aí depois o terno segue para a igreja novamente, participada da procissão santa com os andores dos santos padroeiros e os*

outros ternos, voltamos para a praça, realizamos o arreamento da bandeira e encerramos as festividades. (DONA TEREZA, 22/11/2022 – entrevista).

Durante a realização das manifestações da congada, é possível perceber que acontece diversos tipos de aprendizagens e ensinamentos, tanto da cultura, tanta da religiosidade. Só quem vivencia as manifestações da congada pode explicar o quão gratificante é fazer parte dessa cultura.

Congo Real – (1987)

Para narrar a história do terno Congo Real, identificamos a entrevistada como DANDARA em homenagem a grande defensora Dandara dos Palmares, esposa de Zumbi dos palmares, no qual contribuiu de forma positiva, lutando ao lado de seu esposo para defender o Quilombo dos Palmares. A entrevistada Dandara aos seus 37 anos, aponta que está dentro das manifestações desde seus dois anos de idade quando o terno foi fundado pelo seu avô. Hoje carrega a função herdada de sua mãe como madrinha da bandeira e capitã. Sobre o surgimento do terno de Congo Real, a entrevistada relata que surgimento do terno se deu pelo seu avô que tinha um desejo muito grande em criar um congo, pois já fazia parte de outras manifestações culturais como a Folia de Reis e já havia sido integrante de outros ternos. Por isso resolveu fundar o seu próprio e assim teve o apoio de sua esposa.

***Dandara:** O terno foi formado no ano de 1987, foi quando ele saiu pela primeira vez, então foi formado pelo meu avô João Luiz da Silva, pela minha avó Marina Euripedes da Silva, juntamente com seus filhos. Foi formado da seguinte maneira, como meu avô viajava muito e participava da folia de reis, sendo que essa folia de reis foi herdada né, ela era a folia do pai da minha avó, porém por não ter um filho que pudesse dar seguimento a tradição, ele passou a folia para o meu avô, daí teve a continuidade da folia de reis, porém veio com o surgimento e a vontade de montar um grupo de congado. Um dia viajando foi até a Cidade de Luz em uma festa de congada, chegou de lá querendo montar um grupo de congado, ele se sentou com minha avó e conversou que tinha muita vontade de montar um grupo de congado e perguntou se ela o apoiaria, ela disse para ele que se fosse a vontade dele, eles iriam montar o grupo de congado. Então montaram o terno que hoje é o grupo Congo Real que está aí hoje na sua segunda geração passando para a terceira já, como é o meu caso que já faço parte da terceira geração e dando segmento a essa tradição até os dias de hoje. A cor predominante do grupo é o amarelo, no qual essa cor foi escolhida pois representa a riqueza, a riqueza dos reis, então veio o amarelo como cor predominante, temos também o branco e o verde, mas a cor mesmo que predomina é o amarelo. Em questão da musicalidade, o toque ele é um toque mais cadenciado um batido mais*

tranquilo do que vem o Moçambique, que tem um batido mais manhoso, choroso, e o Congo vem um pouco mais acelerado trazendo consigo, o repilique, a caixa ou tambor, o chocalho são os três instrumentos que utilizamos nas manifestações festa (DANDARA, 15/01/2023 – entrevista).

Imagem 11 – Congo Real



Fonte: Acervo pessoal do autor

Imagem 12 – Congo Real



Fonte: Acervo pessoal do autor

Ao ser questionada sobre a relação com as manifestações, sua participação, seus afazeres e seu interesse nas festividades, a entrevistada afirma que sua participação se mediante a suas experiências familiares e que sua função veio delegada pela sua mãe que deixou como herança a função de ser a madrinha da bandeira e recentemente capitã.

***Dandara:** Participo a 35 anos, pois tinha dois anos de idade quando o grupo foi criado, então desde que meu grupo foi montado e saiu nas ruas, eu participo. É de herança mesmo, é tradição mesmo, como eu disse, eu tinha dois anos quando o grupo foi criado pelo meu avô e minha avó e a partir daí comecei a dançar cresci dentro desse movimento e permaneço nele até hoje. Hoje eu carrego a função de madrinha da bandeira, desde os meus 17 anos de idade e hoje levo o cargo a função de capitã, sendo que meu bastão foi passado por herança, por ser o bastão que foi da minha mãe (DANDARA, 15/01/2023 – entrevista).*

Ao ser perguntada quais as ações que o terno realiza durante todo o ano a entrevistada relata desenvolve diversas atividades no qual conta com a participação de todos os congadeiros, no qual essas ações auxiliam nos gastos com a manutenção do terno, como instrumentos, alimentação e vestimentas.

***Dandara:** Em questão de movimento a gente faz bastante. Em primeira mão a gente realiza as campanhas, que são os leilões que são realizados para arrecadação de verbas para ajudar no custeio da festa, já que a verba que a gente recebe, não dá para atender a tudo aquilo que a gente precisa, em questão de manutenção dos instrumentos, alimentação, dentre outras coisas, pois é um custo muito alto, então a gente precisa ter esses leilões, essas campanhas, como também temos eventos que a gente realiza, um pagode, galinhadas beneficentes, são vários eventos dentro desse contexto para arrecadação de verbas para a realização da festa (DANDARA, 15/01/2023 – entrevista).*

Ao ser perguntada sobre quais influências a levaram a permanecer no movimento a entrevistada ressalta que nunca pensou em desistir em realizar as manifestações, pois sua mãe uma das fundadoras do terno teve um grande papel para manter viva as tradições da congada.

***Dandara:** A minha influência e o que me faz permanecer é assim, eu nunca pensei em falar assim - eu vou parar, são as influências do meu avô, da minha avó e da minha mãe, a força que essas duas mulheres tinham dentro do grupo, me faz ter forças e vontade de lutar para permanecer com a tradição (DANDARA, 15/01/2023 – entrevista).*

Ao ser questionado sobre esses ensinamentos e como estão sendo compartilhados a entrevistada traz a força que a congada tem como movimento de pertencimento.

Dandara: *Hoje eu consigo ver a importância que a gente tem com o movimento cultural, quanto no movimento negro. Hoje eu vejo o quanto a congada é forte, o quanto a congada faz o movimento negro, vou falar de Ituiutaba, esse movimento, ele consegue dar peso, ele consegue dar força a esse movimento e isso para mim é de extrema importância, pois nós temos crianças, eu tenho filhos, e eu passo para eles, e tento mostrar para eles o quanto a congada tem essa força e a necessidade que a gente tem de mostrar para as pessoas que congada faz parte da cultura, que tem uma tradição e que precisa ser respeitada. Como também a questão da religião, porque a congada envolve várias religiões né, nós temos a matriz africana temos a católica, e quando estamos na congada há um respeito, a gente vê as duas em um espaço só, estão ali, se conversam, mas com respeito, então essa cultura da congada ela mostra a questão do respeito ao meu entender a religião do outro. Foi passado dentro do movimento mesmo, através dos meus avós e minha mãe, que hoje também tem também no meu caso o meu tio, que herdou também essa tradição, herdou o bastão do meu avô hoje se tornando o general do grupo, então a gente aprendeu com eles, lógico que não aprendemos tudo porque nem sempre aprendemos tudo, na congada tem isso, então o que foi passado a gente aprendeu, e hoje a gente tenta levar o pouco que aprendeu juntando com o novo, pois a gente precisa estar sempre inovando já que a gente tem adolescentes, tem pessoas novas que nunca participaram dessa cultura e chegam e querem participar, então a gente vai inovando tentando fazer a coisa acontecer da melhor forma possível (DANDARA, 15/01/2023 – entrevista).*

Tudo na congada é aprendido, no qual os mais velhos ensinam os mais novos e assim o movimento é mantido vivo. Ao ser questionada sobre como que esses ensinamentos são compartilhados dentro do terno, a entrevistada relata que a aprendizagem e os ensinamentos acontecem pela oralidade.

Dandara: *É através da fala, da oralidade, através daquela conversa ao pé do ouvido no momento que é necessário, quando acontece algo que a pessoa estranha, e fala – nossa, porque que está acontecendo isso, aí então a gente chega conversa e explica, então por que a congada não existe outra forma de se ensinar, somente através da fala, por isso existe a questão da ancestralidade por que para fazer parte da congada você precisa ter alguém no seu passado que te ensinou, não vem nada escrito falando que congado é assim e assim, até mesmo para você tocar um instrumento, você precisa ter alguém que te ensine, não dá para você chegar e pegar escrito e falar toca dessa maneira, precisa ter alguém ali com você, então a congada é ancestralidade é oralidade e é através disso que os ensinamentos são passados (DANDARA, 15/01/2023 – entrevista).*

Ao ser questionada sobre os valores e sentimentos presentes no momento de estar cultuando, louvando os santos padroeiros, dançando, cantando, tocando os instrumentos, a entrevistada realça que o principal sentimento é o de orgulho de poder contribuir para que a cultura não caia no esquecimento, felicidade e tristeza ao lembrar daqueles que já se foram.

Dandara: *O respeito. O respeito para mim é o mais gritante dentro desse contexto. O respeito ao outro, o respeito as escolhas do outro, respeito as inovações e principalmente o respeito as religiões, sabendo o tanto que a nossa festa aqui mesmo precisou passar por uma doutrinação né, tem vários textos escritos, vários trabalhos escritos falando sobre isso, hoje ver a nossa cultura trazendo como eu já disse, duas religiões fortes dentro do mesmo espaço então eu acho que esse para mim é o ponto forte. Nossa, o sentimento é de orgulho, de felicidade é uma mistura de sentimentos na verdade, ao mesmo tempo de tristeza por não ter meus antepassados, mas por saber que hoje eu posso estar passando para os meus filhos, uma tradição uma herança uma cultura ao qual os meus ancestrais me deixaram, então é uma mistura de emoção de alegria, felicidade, misturada de tristeza, mas é algo que me deixa extremamente feliz, extremamente orgulhosa e principalmente honrada de fazer parte (DANDARA, 15/01/2023 – entrevista).*

Quando perguntada quais ações que a comunidade congadeira realiza até o momento da festa, a entrevistada relata que existe uma necessidade financeira, que é suprida parcialmente com a realização dos leilões no qual esses recursos auxiliam na manutenção do terno.

Dandara: *Temos as campanhas que é levar, fazer a caminhada com o nosso santo padroeiro que é o São Benedito, onde vai passando de janeiro até maio, nas residências dos nossos congadeiros ou pessoas simpatizantes, levanto a imagem do Santo, fazendo terços que em questão da nossa preparação pedindo em orações para que ele possa nos ajudar para que ocorra tudo bem na nossa festa, como também pedindo saúde, proteções e bênçãos para os nossos congadeiros, como para os donos das casas. Nesse decorrer, temos também as novenas né, que é algo que faz parte da festa, como dizer assim, é o início, não tem como realizar as festividades sem iniciar as novenas, que são nove dias, que a gente também participa e a preparação do grupo para a festa, para que possamos na nossa fé na nossa tradição, para que ocorra tudo bem ela é passada no sábado, a partir do momento que os instrumentos estão montados, está tudo organizado tem um momento de oração, um momento de cultuação aos santos, aqueles que tem fé lógico ao São benedito, como eu já disse, congada é uma mistura de cultura de tração e religião, então é pedido aos nossos santos, tanto os nossos santos católicos, como também aqueles santos de devoção de matrizes africanas para que possam abençoar e proteger a todos que fazem parte do grupo de congado (DANDARA, 15/01/2023 – entrevista).*

No grande dia das festividades que acontece no terceiro domingo de maio, existe uma preparação e um roteiro a ser seguido no qual existe alguns rituais espirituais e religiosos para que a festa ocorra da melhor forma possível. Ao ser questionado sobre esse roteiro Dandara realça a importância das orações e a devoção aos santos padroeiros.

Dandara: *Então, tem por que não saímos do nosso quartel sem fazer uma oração, sem pedir uma proteção, sem o fechamento do corpo, porque dentro da congada tem isso. Fechar o corpo em questão do mau olhado, a questão*

da inveja a congada traz isso, então o nosso roteiro é esse a partir do momento que saímos de dentro do nosso barracão, que colocamos o pé na rua, a gente faz uma oração pedindo proteção aos nossos santos para que podemos ter uma festa bonita, que seja abençoada e que seja maravilhosa para todos. No dia em questão mal dormimos né, de sábado para domingo acordamos as 04:00 da manhã e já começamos a nos arrumar. As 05:00 horas começa a concentração dos congadeiros no quartel e temos a nossa alvorada que é a solta de foguetes e rojões. Em seguida servimos o café da manhã para toda a nossa comunidade e nos preparamos para o caminhar até a igreja de São Benedito para participarmos da missa conga. Após a missa acontece o hasteamento da bandeira e damos início as apresentações. Após cada terno ir se apresentando eles seguem para seus roteiros individuais, volta ao quartel para o almoço realizam as visitas, buscam seus reinados. Já após o almoço a gente volta para a igreja, participamos junto aos outros ternos da procissão com os andores, participamos da missa e a festa se encerra com o arreamento da bandeira (DANDARA, 15/01/2023 – entrevista).

Esse ritual, que ela descreve como alvorada é um momento importante com a realização da soltura dos fogos, é uma forma de anunciar para a comunidade que naquele vai ter a festa, e as manifestações irão acontecer, além de ser uma forma de convidar a população.

Moçambique Lua Branca (1990)

Para narrar a história do terno Moçambique Lua Branca, identificamos o entrevistado como ABDIAS, em homenagem ao grande ativista, professor, escritor que se destacou como cientista social e como autor de importantes obras sobre a temática afro-brasileira. O entrevistado Abdias, atua a frente do terno coordenando os afazeres como segundo capitão. Em relação ao surgimento do terno Moçambique Lua Branca, o Abdias relata que a criação do terno se deu pelo seu tio que tinha um desejo de criar seu próprio terno no ano de 1990, pois já havia participado das manifestações da congada em outro terno.

Abdias: O surgimento do Moçambique Lua Branca partiu de uma vontade do meu tio Cláudio que saiu do Moçambique Camisa Rosa. Ele gostava muito de Moçambique que resolveu montar um para ele dançar, daí ele chegou na minha vó Dona Senhorinha e conversou com ela, no qual ele pediu ajuda para criar o terno que hoje é o Moçambique Lua Branca, e esse nome surgiu porque ele estava à noite pensando na criação do terno e se questionou. Qual que seria o nome do terno? Ele olhou para o céu, viu a Lua Branquinha, falou o nome do meu terno vai ser Lua Branca e aí a minha avó junto com ele e foi atrás da dona Arminda, do tio Zé Olímpio, do Seu Nenê esposo da Dona Arminda e eles, junto com o meu avô Agenor juntaram aquele grupo ali e decidiram que em 1990 o Moçambique Lua Branca iria estar na rua se apresentando no dia 13 de maio. E foi assim, e de lá para cá foi só alegria. Só quero deixar bem claro que a gente passa por momentos difíceis, porque não

é fácil manter um terno de congada na rua, tem muitos gastos, muitas despesas, mas assim seguimos firmes e com fé. Se não fosse esses caras e essas senhoras com a força de vontade deles não existiria o Moçambique Lua Branca (ABDIAS, 20/03/2023 – entrevista).

Imagem 13 – Moçambique Lua Branca



Fonte: Acervo pessoal do autor

Imagem 14 – Moçambique Lua Branca



Fonte: Acervo pessoal do autor

Quando foi perguntado sobre seu envolvimento nas manifestações, seu interesse e suas funções. O entrevistado aponta que está dentro do movimento desde que nasceu, pois, os fundadores são seus familiares, e quando é assim você já nasce dentro, hoje carrega como função ser o segundo capitão do terno.

Abdias: Desde que nasci eu estou dentro das manifestações da congada, por influências dos meus familiares. Esse interesse surgiu desde quando eu era pequeno, através da minha vó, a dona Senhorinha, o meu tio Cláudio, que é o “Primeiro Capitão, eles formaram esse grupo que é a família Moçambique Lua Branca. E a gente estava ali tudo em família, acabou tendo esse interesse. Então, é desde criança mesmo, vem de berço que a gente já vem participando das manifestações da congada em Ituiutaba. Hoje sou o segundo Capitão do terno. Mas para eu chegar até nessa função de segundo capitão, eu tive que dançar no bastão, tive que dançar na patangoma, tive que aprender a tocar a caixa, e aí no meio dos demais a gente vai se destacando, tendo aquele apresso maior pelo terno, vai tendo mais responsabilidade, assumindo as lideranças e foi assim que eu cheguei a ser o segundo capitão (ABDIAS, 20/03/2023 – entrevista).

Ao ser questionado sobre as ações que são realizadas dentro do terno junto com a comunidade, o entrevistado relata que manter as crianças presente e ensinando desde cedo o que é ter responsabilidade e prepará-las para a vida.

Abdias: A gente tem um projeto, é de estar socializando, né? Não deixando as nossas crianças, ensinando, explicando para elas o que é certo, o que é errado, que tem que ir à escola, e isso é muito importante. Então a gente acaba que fala para criança poder dançar, ela tem que ser boa de escola, não pode estar envolvido com as coisas erradas do mundo, com as coisas marginalizadas do mundo. Então a gente tem uma preocupação muito grande de estar explicando, está ensinando o caminho certo (ABDIAS, 20/03/2023 – entrevista).

Em relação as influências que o levaram a permanecer e a nunca desistir de estar no movimento, o entrevistado traz que a família teve um papel de grande importância para o compartilhamento da cultura, uma vez que as experiências estão presentes dentro da própria família.

Abdias: Cara, as minhas maiores influências que eu tive foi do meu avô, Agenor, minha vó Dona Senhorinha, minha tia Cida, do meu tio Cláudio que é o primeiro capitão do Moçambique Lua Branca. Influência, é uma coisa contagiante, né? Porque não tem como eu te

explicar, no momento que você ouve as caixas batendo as gunga maiano, pantagoma chocalhando, você já sente que que aquilo ali é de sangue mesmo, não tem como ficar de fora (ABDIAS, 20/03/2023 – entrevista).

Em relação a aprendizagem compartilhada durante as manifestações o entrevistado traz o respeito como primórdio para se estar dançando no terno, pois o respeito é uma grandeza fundamental para a vivência com outras pessoas.

Abdias: Cara, o respeito, né? Respeito é primordial em tudo. Se não tiver respeito, se não tiver aquela compreensão, com o pessoal com todo mundo, entendeu? Com os companheiros que estão ali dentro ali, eu acho o que o que prevalece é o respeito e a união entre os componentes do nosso terno (ABDIAS, 20/03/2023 – entrevista).

Participar das manifestações da congada, não é só chegar lá e tocar, cantar e dançar, existe um fundamento cultural e religioso por traz desse movimento. Ao ser perguntado sobre como é o compartilhamento desses conhecimentos o entrevistado relata que é repassado de forma hierárquica.

Abdias: Cara, assim o que a gente passa é que tem uma hierarquia. Dentro da congada, existe uma hierarquia e existe um protocolo para que tem que ser seguido, porque não adianta a pessoa querer participar e não respeitar. Entendeu? Ela tem que saber que ali existe uma pessoa que vai estar na frente para poder estar explicando que você vai ter a hora de bater caixa, que você vai ter a hora de parar, e que tudo é conversado, tudo bem, comunicado entre os componentes. E para não ter uma divergência lá na frente ele vai ter que cumprir algumas regras, não é só chegar e dançar, entendeu? Ela vai ter que aprender e nós vamos ensinar capitão (ABDIAS, 20/03/2023 – entrevista).

Ao ser questionado sobre os valores e sentimentos presentes no momento de estar cultuando a conganda seja na festa ou nos preparativos, o entrevistado ressalta que as manifestações está presente na construção do nosso ser, enquanto negro, e fazer parte do movimento é uma forma de manter a nossa representatividade perante a sociedade.

Abdias: Cara, esse movimento cultural já vem da gente. Nós já estamos cultuando já tem vários anos. Isso não é de agora, é uma forma da gente mostrar a nossa resistência. É uma forma da gente mostrar a nossa força e é uma forma da gente mostrar para a sociedade que nós, pretos, negros estamos ali no meio da sociedade. Então a congada tem esse papel. Enquanto empoderamento a congada proporciona muita coisa, porque desde quando uma pessoa entra, vem participar com a gente, nós temos a simplicidade de explicar para ela tudo sobre as manifestações, que ela pode participar, o que ela pode fazer, que aqui ela pode ser o que ela quiser dentro da congada e fora da congada também. Mas o que prevalece é o estudo em relação ao

empoderamento, que ainda há muita resistência da sociedade em aceitar a cultura afro-brasileira, entendeu? Então a congada é isso é uma das formas de representatividade. Em relação ao sentimento, só de falar eu fico até arrepiado, ainda bem que você não está filmando, porque eu arrepiei todo com essa pergunta aí. Cara, o sentimento que a gente tem é de Liberdade ou um sentimento que não tem como a gente explicar. É muito satisfatório. É uma coisa assim que só quem está ali no meio, participando, vivendo aquele momento, sabe explicar. É de coração uma sensação muito boa, uma adrenalina imensa (ABDIAS, 20/03/2023 – entrevista).

Em relação as principais ações que o terno realiza, o entrevistado traz os terços nas casas dos congadeiros, os encontros que acontece em outros ternos, e os leilões que são ações utilizadas para arrecadar verbas e auxiliar no custeio de algumas coisas dentro da congada, como vestimentas e instrumentos.

Abdias: A nossa festa acontece em maio, mas como é de costume as ações acontecem muito antes, e até mesmo no ano anterior. Desde janeiro, a gente já começa a sair com o terno nas ruas fazendo leilões e rezando os terços e as novenas. A gente consegue com esses leilões arrecadar um pouco de dinheiro para poder estar ajudando a fazer o almoço, a pagar a roupa das meninas, está ajudando a pagar várias coisas. Praticamente de janeiro até no mês de maio, a gente vai se movimentando, correndo com leilões, eventos, rifas e outros. Cada terno tem uma maneira de trabalhar, a gente faz essas ações pois os gastos são muitos altos, não é só colocar o terno na rua, antes de colocar o terno na rua tem a organização, tem que pensar que vai vir gente de fora, tem que pensar no café da manhã para esse pessoal, entendeu? Tem que dar almoço para os componentes e na maioria das vezes, o Moçambique Lua Branca ainda disponibiliza a janta. Então os preparativos do nosso terno se dão durante uns quatro meses seguidos (ABDIAS, 20/03/2023 – entrevista).

Já no grande dia das festividades, o autor descreve que seu roteiro é semelhante aos dos demais ternos da cidade. Tem toda uma preparação que antecede o dia da festa, os rituais, as rezas e o processo de organização das demandas.

Abdias: A nossa festa começa aí por volta das 04:00 e 05:00 horas da manhã. Cada terno dentro do seu quartel começa a soltar os foguetes e rojões, que aqui na cidade é conhecido por Alvorada. Esse momento de soltar fogos serve para avisar a população de Ituiutaba que, assim que o sol raiar, as caixas vão estar batendo e vai ter um encontro muito bonito, na Igreja de São Benedito. Chegando na Igreja de São Benedito, por volta de 8 horas da manhã, os ternos vão estar lá todos juntos para participar da missa da congada e depois, assim que a missa acaba, tem o levantamento do mastro, que é uma coisa muito bonita também, depois do hasteamento do mastro com a bandeira dos ternos, cada terno segue para realizar suas apresentações. Temos alguns minutos lá para a gente estar cantando para as autoridades, a prefeita, os vereadores, os nossos reis, nossas rainhas, o nosso rei perpétuo e nossa rainha perpétua. A gente vai estar lá se apresentando para eles, cantando e louvando São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Após isso, cada terno vai para o seu

quartel com os seus convidados e lá é servido um almoço muito gostoso. Temos que agradecer demais a nossas cozinheiras e os nossos cozinheiros que enquanto a gente está lá na praça a abrilhantar na festa eles estão lá na nossa cozinha, abrilhantando o nosso almoço. Após o almoço ali por volta das 16:00 e 17:00 horas a gente retorna para a igreja assim como os demais ternos para a gente poder realizar nossa procissão de fé aos santos padroeiros, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Após a procissão tem outra missa e após a missa a gente faz a despedida lá na porta da igreja e cada terno um vai para o seu quartel. E de lá a gente já começa a planejar as nossas viagens durante o ano e a planejar também a nossa festa para o próximo ano (ABDIAS, 20/03/2023 – entrevista).

Em relação as apresentações que acontece, Abdias relata que existe um momento em que o terno se apresenta para a comunidade para a realeza presente, os reis perpétuos, vereadores e pessoas autoritárias, a passagem acontece bem rápida, no qual é possível louvar, cantar e compartilhar nossa cultura.

Moçambique Águia Branca (1994)

Ao falar da criação do terno Moçambique Águia Branca, Naves (2011), aponta que os fundadores já haviam participado como integrantes de outros ternos até resolverem fundar o seu próprio. O terno foi criado pelos irmãos Maurício, Maurílio e seu primo Eurípedes e com o apoio de sua mãe a Dona Rosária.

Imagem 15 – Moçambique Águia Branca



Fonte: Acervo pessoal do autor

Congo da Libertação (2004)

Ao descrever as características do terno de Congo da Libertação olharemos para o trabalho de Naves (2011), que estudou artefatos e narrativas congadeiras em seu trabalho e pode contribuir alguns elementos para essa escrita, pois não conseguimos contato e permissão para realizar as entrevistas com nenhum participante do terno. A pesquisadora estudou os festejos da congada na cidade de Ituiutaba-MG, na qual na seção 1.8 ela contextualiza as principais características do terno.

Fundado no ano de 2004, o Terno de Congo Libertação foi criado por D. Maria Aparecida Luiza Candido (D. Aparecida), juntamente com sua irmã Lázara (falecida). Diferentemente dos demais ternos mencionados, o terno de Congo Libertação foi criado com um propósito: “libertar”. Segundo relatos orais da matriarca do grupo e de sua filha Leamar, a criação do terno se deu com o intuito de amenizar a vida dos integrantes da família e de libertar a alma de seus antepassados para seguirem seus destinos (NAVES, p.45, 2011)

Imagem 16 – Congo da Libertação



Fonte: Acervo pessoal do autor

Congo Filhos da Luz (2015)

O terno de congo Filhos da Luz, é um terno que surgiu por meio de um projeto social desenvolvido pelo capitão do terno Congo da Libertação, no qual é uma iniciativa é realizada junto a uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Ituiutaba. Sob a ideias de Naves (2011, p.48), “o grupo foi criado para que as crianças tivessem contato com o culto congadeiro e a devoção aos santos homenageados no âmbito escolar”.

O terno é composto totalmente por crianças que estudam na escola Aureliano Joaquim da Silva - CAIC ou que moram nos arredores do bairro Novo Tempo 2, crianças essas que tem uma apreciação com as manifestações da congada. Esse projeto além de incentivar os estudantes a permanecerem assíduos na escola, proporciona a essas crianças a importância de se cultivar a cultura da congada, que hoje é vista como patrimônio cultural.

Imagem 17 – Congo Filhos da Luz



Fonte:

<https://www.ituiutaba.mg.gov.br/?pag=T1RVPU9EZz1PV0k9T1RrPU9UUT1OMIE9T0dNPU9XST1PR1U9T0dNPU9HWT1PV009T1dZPQ==&id=13360>. Acesso em: 29 jun. 2023.

Marinheiro de Santa Luzia (2014)

Para narrar um pouco da história do Marinheiro de Santa Luzia, identificaremos a entrevistada como ANTONIETA em homenagem a Antonieta de Barros, professora, jornalista e deputada negra, foi pioneira na luta feminista, fundando jornais que ouvia e reproduzia as vozes das mulheres. A entrevistada Antonieta aos seus 47 anos de idade, aponta que nunca se viu longe das manifestações da congada, até o ponto de criar seu próprio terno. O Marinheiro de Santa Luzia, foi fundado no ano de 2014 por integrantes que já participavam das manifestações da congada no terno do camisa verde, e tiveram a ideia de criar o próprio terno, ela ainda nos relatou que sempre teve um sonho de ter um terno, e com o apoio de sua mãe e seu irmão conseguiram realizar esse sonho.

***Antonieta:** A muito tempo a gente já vinha com a ideia de montar um terno aí quando foi em 2014 eu falei para minha mãe que eu vou estava cansada de pegar a responsabilidade de terno dos outros e falei, vamos fundar um terno para a gente. E aí ela falou assim olha tem cinquenta anos que eu estou no camisa verde e se eu sair é para uma coisa definitiva, então eu falei que o marinheiro que eu estou pensando em criar é para a vida toda. Então eu meu irmão e minha mãe nos sentamos aqui ao redor de uma mesa e falei, olha eu estou querendo sair do camisa verde e estou querendo montar um terno para mim só que eu não consigo sozinha aí ele virou para mim e falou assim “demorou”, vamos nessa. Então no dia 14 de julho de 2014, foi decido que iríamos criar um terno. A gente tinha pensado mesmo em fazer um marinheiro, e ficou decidido que o terno se chamaria Marinheiro de Santa Luzia e as nossas cores seria prata vermelho e azul bebê e a calça branca ficaria o padrão. Quando levamos a ideia para a presidente da irmandade, ela falou que a gente poderia estar montando o nosso terno só que pediu para gente sair somente no próximo ano e assim fizemos (ANTONIETA, 12/11/2022 – entrevista).*

Ao ser questionada sobre o interesse em participar das manifestações da congada, a entrevistada relata que as manifestações estão presente na sua família desde quando pequena. Desde quando se entende por gente está dentro das manifestações, já tinha influências em participar de outros ternos, até que no ano de 2015 decidiu junto com sua mãe criar o seu próprio terno.

***Antonieta:** Desde quando eu me entendo por gente, hoje eu estou com 47 anos, desde os meus 9 meses a minha mãe já me vestiu pela primeira vez, a minha primeira festa foi em maio e eu sou de outubro. Comecei a dançando no Congo Camisa Verde e aos 9 meses de idade eu já estava na festa, minha mãe vinha da fazenda vinha trazer eu e os meus irmãos. Então desde que eu*

me intendo por gente, eu e minha família fazemos parte do movimento da Congada. O meu interesse é desde pequena mesmo, eu sempre fui, sempre gostei e a minha mãe me levava, eu gostava de participar dos terços, gostava de participar dos movimentos e fazia o máximo para aprender cada vez mais. Então quando chegou a oportunidade de tomar conta de ser responsável do movimento, eu fui secretária da irmandade de São Benedito por uns 8 anos, quando eu estava lá dentro trabalhando, aprendendo eu vi que realmente era aquilo que eu queria, estar ali e participar não só da congada, mas do movimento negro em si, porque aqui na cidade a força que a congada tem dentro do movimento negro é muito importante. Eu sou a madrinha fundadora do marinho de Santa Luzia, e a gente o terno para a irmandade em 2014 e tivemos a oportunidade de sair com o nosso terno já em 2015, então desde 2014 a gente é eu sou responsável pela parte de arrumação, de participar da reuniões de buscar financiamento para a gente estar conquistando as nossas coisas, correr atrás de apoio para que os nossos projetos dentro do marinho funcione. Enfim, eu sou responsável por quase tudo, aí tem umas partes que eu já abri mão para não me sobrecarregar e nem sobrecarregar a minha mãe. Mas dentro do Marinho a gente tem um combinado, nenhuma decisão é tomada sem passar pelos fundadores que sou eu Aparecida a minha mãe a dona Lacy que a matriarca e o César o nosso primeiro capitão, então funciona assim nós três sentamos e a gente decide o que que vai ter, porém se a minha mãe fala não aí a gente para (ANTONIETA, 12/11/2022 – entrevista).

Imagem 18 – Marinho de Santa Luzia



Fonte: Acervo pessoal do autor

Em relação ao funcionamento das ações do terno a entrevistada relata que acontece os leilões assim como nos demais ternos, as campanhas de arrecadação de prendas e mantimentos

e uma tradicional feijoada que auxilia nos custos e manutenções de instrumentos, vestimentas e alimentação, e de acordo com o entrevistado essa feijoada acontece desde que o terno foi criado.

Antonieta: A gente dentro do marinho, desde quando foi fundado, procuramos ajudar muito quem dança com a gente, tem famílias que tem três, quatro filhos então tentamos da nossa maneira amenizar um pouco os valores né porque assim um uniforme fica muito caro para quem tem uma família onde só o pai trabalha, ou só a mãe que mantém a casa. Então assim a gente está sempre procurando fazer uma feijoada que geralmente acontece no domingo de carnaval, a nossa tradicional feijoada já está indo para a nona edição, fazemos também galinhada beneficente, tudo isso para arrecadar fundos para ajudar nas manutenções do terno. Nós também temos o nosso lado social, tem famílias carentes que precisa de uma cesta básica, a gente retira desse dinheiro que arrecadamos, buscamos apoio e patrocínio dos supermercados para ver se conseguimos a colaboração, para ajudar mesmo a nossa sociedade (ANTONIETA, 12/11/2022 – entrevista).

Imagem 19 – Marinho de Santa Luzia



Fonte: Acervo pessoal do autor

Ao ser perguntada sobre as principais influências que a levaram a se inserir nas manifestações, a entrevistada traz um apontamento de que para ser congadeiro não é só ir lá e bater caixa, e sim seguir os princípios e não deixar o movimento se extinguir.

Antonieta: Eu sou de uma família de congadeiros, então quando eu decidi montar o marinho né eu falei assim eu preciso saber de onde eu vim e quais são as minhas raízes, então o que eu fiz, eu fui buscar. Minha raiz

começou lá na cidade do Prata-MG, lá a minha avó era moçambiqueira, a minha tinha um terno lá, quando meu pai veio de lá para cá, ele veio para tocar violão. Então, eu sempre tive um contato dentro da congada a minha avó que rezava o terço, ela saía com a lamparina junto com a minha mãe andava no escuro quando ainda nem existia a irmandade, então a minha influência dentro da congada é muito grande, a minha raiz é muito antiga. Então quando eu tive a oportunidade de assumir uma responsabilidade para mim, porque eu comecei a ver que a congada não é simplesmente ser baterdor de caixa, não é simplesmente você carregar uma bandeira, você tem uma responsabilidade, você tem um nome, você tem uma carga para carregar, você tem uma cultura inteira para estar levando. Por isso, eu parei de assumir responsabilidade de outros ternos e decidi fazer um para mim eu decidi que eu queria isso para os meus filhos, meus netos, meus sobrinhos eu queria que eles tivessem essa vontade de estar ali e de não deixar a nossa cultura morrer (ANTONIETA, 12/11/2022 – entrevista).

Em relação aos saberes e fazeres que são compartilhados em seu terno, a entrevistada relata que a aprendizagem é compartilhada durante o dia a dia por meio da oralidade, é ensinado o que pode e o que não pode ser feito.

***Antonieta:** Nós buscamos todas as vezes que a gente tem um encontro tem uma reunião, uma viagem, uma visita para fazer tirar o melhor de tudo, e a primeira coisa que a gente vê é o respeito. A gente chega nos lugares antes de começarmos a cantar a gente observa quem está ali quem que é a pessoa importante na festa, se tem um altar se tem uma Bandeira se tem alguma autoridade, então assim os saberes que a gente tira daquilo que a gente aprende a ouvir né, a gente aprende a ouvir o outro porque tem várias coisas que a gente observa, depois nos reunimos com todos os congadeiros do terno e aí por meio da oralidade apresentamos fatos, acontecimentos, o que que você viu de diferente a gente faz essa troca de conversa a gente traz uma diretriz para nós, do que a gente quer e o que a gente não quer para o nosso terno (ANTONIETA, 12/11/2022 – entrevista).*

Ao ser perguntado como que são repassados esses conhecimentos, a entrevistada afirma que uma pessoa que não conhece as manifestações e deseja se inserir precisa primeiro conversar com os responsáveis, onde é explicado todos os pressupostos de como ocorre as manifestações.

***Entrevistado:** Bom a primeira coisa que a gente faz quando a pessoa fala que nunca viu as manifestações, a gente convida a pessoa para vir no nosso quartel e conhecer a nossa realidade né aí a gente convida ela para vir assistir um ensaio para tentar tocar um instrumento é a gente passa uma música que que fala da nossa realidade porque o marinheiro é isso o marinheiro conta as tradições do de como foi o sofrimento do negro como foi que o negro chegou aqui através dos navios negreiros passando por dificuldade passando por fome passando por privações e aí a gente tenta mostrar para aquela pessoa o que a gente viu de bonito na congada para que diante dos olhos dela ela também consiga enxergar a beleza da congada (ANTONIETA, 12/11/2022 – entrevista).*

O próximo questionamento feito, ressalta sobre os valores e sentimentos presentes ao vivenciar as manifestações. A entrevistada traz que um dos principais valores que o movimento proporciona é o respeito, respeito pelos ancestrais, pelas memórias daqueles que já se foram, e o sentimento é o de felicidade, estar contente em poder continuar com esse legado que é as manifestações da congada.

Antonietta: Eu acho que um dos nossos maiores valores é o respeito, o respeito por quem somos, de onde viemos e o que queremos para nossa vida. Em relação ao empoderamento eu não tenho problema, porque eu sempre me achei tão imponderada, sempre me achei tão dona de mim sempre. Nunca tive problema com a cor da minha pele ou o tamanho do meu cabelo, se o meu cabelo estava trançado se estava bagunçado. A gente tem que estar disposta a mudar a variar, a partir do momento que você se reconhece, você se respeita, você consegue esse empoderamento e não é a atropelando ou agredindo só com a sua presença a partir do momento que você se respeita, eu acho que a minha base é o respeito um pelo outro e o amor porque eu acho que sem amor a gente não vai para lugar nenhum, mas o princípio de tudo é a fé porque com a fé sua vida fica mais fácil, fica mais leve. O sentimento é de felicidade, eu acho que eu fico possuída ou mais bem incorporada, porque é uma felicidade tão grande e quando chega quando o dia da festa eu levanto de manhã quando eu vejo o terno montado aqui na porta de casa pronto para sair é uma imensa emoção, uma felicidade muito grande, é como se eu tivesse ganhado na loteria dez vezes. Quando chega a noite no final de qualquer viagem que a gente faz de qualquer festa que a gente faz, é o sentimento de dever cumprido. Então toda a minha expectativa dura de janeiro a maio e a gente chegar no dia da festa e conquistar aquilo lá, porque para mim como madrinha fundadora do marinho a minha festa só termina em Romaria-MG, então a minha caminhada só termina na festa de Romaria, aí eu olho para trás e falo, dever cumprido. Daí em diante eu dou uma relaxada e vou aproveitar as outras festas. Durante as preparações para a festa eu não tenho tempo de aproveitar igual no dia da festa, não tenho tempo de aproveitar porque é tanta coisa para fazer, eu só vou parar mesmo quando no final do dia eu vejo a nossa senhora da abadia entrando dentro da igreja aí eu olho e penso, e tenho o alívio de dever cumprido. Resumindo é um turbilhão de sentimentos (ANTONIETA, 12/11/2022 – entrevista).

Diante da indagação de como é feita as preparações que antecedem as festividades do dia treze de maio, a entrevistada descreve as ações que são realizadas, como terços para Santa Luzia em dezembro, leilões para arrecadar fundos, a famosa feijoada beneficente, encontros e ensaios.

Antonietta: Bom a gente começa a se preparar basicamente em dezembro, no dia 13 reunimos os nossos marinhos rezamos o terço de Santa Luzia é muitas vezes não dá para passar a noite, as vezes só rezamos o terço das 18:00 para poder estar todo mundo junto. Quando chega janeiro a gente já começa a preparação do nosso primeiro evento que é a nossa a feijoada, corremos atrás para fazer a feijoada que acontece em fevereiro e depois da feijoada iniciamos a nossa caminhada dos terços esse é esse ano a gente tem programado treze terços, treze visitas para a gente estar fazendo com a Santa

Luzia. E ao final dessa nossa caminhada a gente vem aqui para o quartel na casa da minha mãe onde a gente faz o nosso leilão, onde a gente faz o convite para todos os termos estarem com a gente para rezar o terço, se apresentarem, tocar, cantar à vontade e participar com a gente desse evento. Nesse período a gente faz as visitas que tem que fazer e quando a gente é convidada para os terços lá nos outros termos a gente se esforça para ir, então assim é uma época muito corrida, mas nós fazemos o possível para estar participando desses encontros (ANTONIETA, 12/11/2022 – entrevista).

Ao descrever como é o roteiro das atividades, a entrevistada ressalta que a organização para esse dia é feita de forma em que as festividades possam ocorrer da melhor forma, apesar do cansaço e da correria no dia das festividades Antonieta realça que o sentimento de felicidade e de dever cumprido é maior.

Antonieta: Bom basicamente o nosso dia começa na véspera e só termina no dia depois da meia-noite porque a gente tem de organizar muita coisa, deixar as capas e as faixas de todo mundo pronta e sempre tem alguém que esqueceu alguma coisa para trás. Quando dá três horas da manhã a gente levanta e já começa a se arrumar, começamos a pôr os instrumentos para fora, da aquela afinada de última hora. As cinco horas fazemos a alvorada dos foguetes que geralmente é o mesmo horário para todos os ternos, tomamos o café da manhã bem reforçado porque a condução tem que estar aqui até seis e meia para podermos conseguir chegar na igreja para a missa Conga até antes das oito horas. Essa é a nossa rotina antes de sair de casa e quando da 6:00 da manhã é a gente já preparou tudo, fizemos nossa oração abençoando água que benzeremos nossos integrantes é esse o nosso ritual espiritual né que a gente faz com todo mundo que está aqui. Quando o terno está pronto para sair todos nós realizamos uma oração pedindo para que o Santos padroeiros nos proporcione um belo dia de festividades aí a gente faz a nossa oração de fé que é o pai nosso para a gente poder estar subindo para a igreja. Chegando na igreja participamos da missa conga, e em seguida nos preparamos para as apresentações, após as apresentações vamos para o almoço que é realizado no nosso quartel, damos uma descansada e nos preparamos para buscar nosso reinado e realizamos algumas visitas. Depois voltamos para a igreja para a procissão junto com todos os ternos carregando os andores, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, após a procissão tem outra missa e em seguida é arriado a bandeira e se encerra as festividades (ANTONIETA, 12/11/2022 – entrevista).

Ao estarem prontos para saírem do quartel em procissão pelas ruas da cidade até chegar na igreja de São Benedito, Antonieta ressalta que a fé é a principal aliada nessa caminhada, a oração é o momento de devoção que não pode faltar, o terno não pode sair antes que esses rituais sejam feitos, nesse momento é pedido a Deus e aos santos padroeiros, proteção para as pessoas e que na festa possa ocorrer da melhor forma.

Para descrever o terno Catupé Capão de Ouro, identificaremos como entrevistado como ANDRÉ em homenagem ao engenheiro, inventor e abolicionista brasileiro André Pinto Rebouças, que teve um papel de grande importância ao movimento negro. O entrevistado André é um estudante e pesquisador das manifestações da congada. Segundo ele o terno, Catupé Capão de Ouro, foi fundado no ano de 2018, por integrantes que já participavam nas manifestações no terno Congo da Libertação. Ao descrever sobre a criação do terno e suas características, André nos conta a história de como se deu o nome e o porquê da escolha de fundar essa confraria.

André: O Catupé Capão de Ouro, eu posso dizer que ele surge a partir das experiências das pessoas que fazem parte da direção, em outros grupos durante vários anos. Ele surge de integrantes que em sua maioria faziam parte do Congo da Libertação, seja ex-capitães, ex-caixeiros que tocavam, pessoas que estavam na direção do grupo. Ele é fundado no papel em 24 de julho de 2018 e ele tem a intenção de ser a representação dos negros que peneiravam, que estavam na caça do ouro aqui no Rio Tijuco. O nome Catupé Capão de Ouro, vem a partir da pesquisa do Professor Dr. Jeremias Brasileiro depois de algumas conversas com o capitão Lucas, capitão Fernando e capitão Uander juntamente com as orientações da nossa matriarca Maria Aparecida que durante aquele período ainda estava viva. Ela juntamente com eles e em conversa com o Jeremias Brasileiro, chegaram a esse nome, que simbolizam a representação dos negros que caçavam ouro no Tijuco e que a partir do derrame do sangue desses negros que as avenidas segundo o professor, de Ituiutaba surgiram. O Rio Tijuco segundo o próprio professor foi lavado com sangue negro para pegar ouro, por isso Capão que significa grande mato, cerrado e ouro. Então Catupé que significa dançar ritmada com os pés, como se estivessem marchando para a guerra e Capão, negro das matas virgens, que adentram as matas e os cerrados e nos córregos e nos rios sobrevivem. As cores do grupo são, marrom, azul, verde e dourado. Como pode se destacar os grupos de congado são caracterizados pelas cores e pelos menos na questão da caixaria, dos capitães, essas cores se mantem meio que sem modificações. No Catupé Capão de Ouro, é camisa e calça social, sapatos brancos, faixas cruzadas nos caixeiros no qual a faixa azul representa a Nossa Senhora do Rosário e a faixa marrom representando São Benedito, temos também a coroa com várias cores apresentando o verde e o dourado. Já as meninas do estandarte e as madrinhas elas decidem o modelo a cada ano, mas sempre mantendo a questão das cores da vegetação. Nosso estandarte é marrom, vem com a imagem de São Benedito nele, e no nosso terno os instrumentos utilizados são o repilique, o chocalho e a caixa maracanã (ANDRÉ, 10/11/2022 – entrevista).

Ao ser questionado sobre a relação com as manifestações, sua participação, seus afazeres e seu interesse nas festividades, o entrevistado aponta que desde que era criança, ele se vê presente nas manifestações da congada, por ter influências de alguns familiares.

André: É um pouco complicado em datas colocar em anos, porque eu me recordo em participar desde criança no Congo Camisa Verde em algumas oportunidades porque minha avó ela era cozinheira do terno quando eu era criança e ela também era cunhada do capitão o sr. Geraldo Clarimundo da Costa por ser irmã da dona Dulcinéia, então eu participei algumas vezes, mas não muito contínuo quando era criança. Quando eu cresci, parei de participar tocando caixa, eu fiquei mais acompanhando a festa durante a minha fase juvenil adolescente, acompanhava os festejos na praça treze de maio, e como minha avó sempre estava na cozinha do camisa verde eu sempre ia visitá-la. E aí a partir de 2005, minha relação ficou mais estreita com a congada em participação efetiva com o surgimento do Congo da Libertação que minha avó funda juntamente com as filhas e uma sobrinha, eu começo a fazer mais parte desse mundo sendo umas das pessoas que estava à frente da direção do terno. E em 2018 com surgimento do Catupé Capão de Ouro eu passo a fazer parte junto com o meu irmão Lucas, que é um dos capitães fundadores do terno. Então são vários momentos da congada em minha vida. O interesse em participar dos festejos vem muito da influência da minha avó dentro do Camisa Verde de da minha mãe que acompanhava os festejos, como as duas estavam sempre ligadas uma na outra pela relação familiar que existe na congada me fez participar e ser inserido dentro dessas manifestações. Hoje eu ocupo a função de vice-presidente do terno Capão de Ouro e toco repilique, essas são as minhas funções (ANDRÉ, 10/11/2022 – entrevista).

Imagem 20 – Catupé Capão de Ouro



Fonte: Acervo pessoal do autor

Imagem 21– Catupé Capão de Ouro



Fonte: Acervo pessoal do autor

Em relação as ações que o terno realiza, o entrevistado relata que a realização dos leilões é um movimento que todos os ternos realizam, para arrecadar fundos para custear e auxiliar na manutenção do terno, além disso ele traz os terços nas casas dos congadeiros e os encontros realizados por outros ternos e viagens para outras cidades.

***André:** A congada ela vai muito além do que os festejos na praça treze de maio, a congada vai mais além do que tocar a caixa no terceiro domingo de maio, como já é característico da festa da nossa cidade. Os ternos realizam geralmente os leilões, as visitas nas casas de pessoas simpatizantes do terno, ou que fazem parte do terno, para angariar recursos, fazer devoção aos santos que são padroeiros da nossa festa São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, e realizam viagens em outras cidades, onde existem os festejos da Congada, como Romaria, Centralina, Canápolis, Uberlândia, Uberaba, e várias outras. Essas são as ações, mas também tem outras ações que são feitas para dar fortalecimento ao movimento, que são leilões com maior volume com shows, são ações para angariar fundos, que seriam a venda de galinhadas, feijoadas, festivais de sorvetes, festivais voltados para a música africana e a participação na academia seja na Universidade e nas escolas para difundir o conhecimento da cultura da Congada (ANDRÊ, 10/11/2022 – entrevista).*

Em relação as influências que o levaram a permanecer nas manifestações da congada, o entrevistado apresenta que hoje sua avó e seu irmão tiveram um papel de importância para que ele permanecesse no movimento.

André: *Como influência eu cito a minha avó Maria Aparecida e meu irmão Lucas Candido. Minha avó pela questão familiar, por ela já estar lá dentro e eu desde criança podendo acompanhar, e crescer vendo-a dentro da comunidade, me senti muito influenciado. E por permanecer eu cito meu irmão pelas lutas que ele sempre tem, pela dedicação dele dentro do movimento, a vontade de sempre estar crescendo e evoluir, essas são as duas principais influências que eu posso citar no momento (ANDRÈ, 10/11/2022 – entrevista).*

A congada é uma cultura ancestral, é uma cultura que vem de gerações, e a forma de se aprender é estando dentro dela e ouvindo principalmente os mais velhos. Ao ser questionado sobre os saberes o entrevistado traz a oralidade como principal fonte de compartilhamento.

André: *Essa cultura griô que a gente sempre destaca, a cultura a partir da fala, a partir da oralidade é assim que a gente consegue captar, receber os ensinamentos e repassar também né. A partir da vivência dentro da comunidade principalmente com os mais velhos, participando ativamente das festividades, das ações que os ternos desenvolvem durante o decorrer do ano. Só reforçando a resposta, esses ensinamentos são adquiridos dentro do quartel, e na rua tocando caixa, é na praça, nos encontros com os outros ternos e com outros congadeiros. Então são diversas formas de você aprender, mas a oralidade e a prática são os norteadores de conhecimento. E é dessa forma que eu repasso os meus conhecimentos para os mais novos ou para aqueles que querem se na comunidade, a partir da oralidade, dando exemplos, estimulando a participação sempre dentro das atividades, por mais simples que possam parecer, toda movimentação, toda atividade do congado tem um significado. Pode ser algo simples, mas ali tem um valor, alguma coisa a ser aprendida ou a ser ensinada (ANDRÈ, 10/11/2022 – entrevista).*

Ao ser questionado sobre os valores e sentimentos proporcionados a cultura da congada, o entrevistado traz que o respeito é o principal valor, acreditando ser um dos pontos que tem que discutido dentro dessa manifestação.

André: *Respeito e valorização dos mais velhos e o sentimento de resistência, porque você vai ter que aprender a resistir muito porque não é fácil fazer parte do movimento que é tido como periférico, desvalorizado, que não é considerado pela grande mídia, é uma cultura de massa, uma cultura popular, que não é muito aceita dentro dessa comunidade nossa que é branca, eurocentrada, racista né. Então resistência e o sentimento de valorização aos mais velhos dentro da nossa comunidade. Sinto que o empoderamento dos integrantes do nosso grupo se intensifica principalmente quando se aproxima as festividades na nossa cidade. É perceptível a animação das pessoas, a vontade do dia da festa chegar, a vontade de fazer uma grande apresentação. Outro ponto que podemos entender como medidor desse empoderamento, é quando fazemos um recorte sobre o estilo apresentado pelos dançadores, a diversidade de penteados, por exemplo, que surgem durante a semana que antecede a festa. Meninos e meninas dedicam um bom tempo elaborando visuais que tem a intenção de chamar a atenção de quem olha, mas para além disso, contribuem para o empoderamento deles, enaltecendo suas belezas e*

fortalecendo suas confianças. Além do sentimento de resistência e o valor do respeito perante os mais velhos, o sentimento que a gente tem que destacar que é proporcionada para a gente quando estamos dentro das manifestações é o de pertencimento. É um sentimento de você se sentir importante dentro de algo que é seu, eu acho que esse sentimento junto ao de resistência ele é ampliando quando a gente está dentro das manifestações, o sentimento de gratidão pela resistência dos que vieram, um sentimento de potência, eu acho que a gente se sente mais potente, e pertencente a algo muito maior que a gente mesmo (ANDRÉ, 10/11/2022 – entrevista).

Em relação as preparações para a festa de dia treze de maio, o entrevistado traz as ações semelhantes presentes nos outros ternos como, leilões, ensaios terços e encontros em outros ternos.

Entrevistado: *O Catupé ele se prepara com alguns meses de antecedência, como já é bem característico da congada aqui da nossa cidade. Então durante janeiro até abril são realizados leilões e procissões entre os pontos desses leilões e terços. Então a gente se desloca de uma casa de pessoas simpatizantes para outra, são realizados terços nessas localidades e posteriormente leilões. Além disso, intercalando sempre que possível fazemos ensaios, fazemos participações em leilões de outros ternos quando convidados (ANDRÉ, 10/11/2022 – entrevista).*

Ao descrever o roteiro que seu terno segue no dia das festividades, o entrevistado relata uma sequência semelhante à de todos os ternos.

André: *O nosso roteiro é similar ao que acontece em todos os grupos aqui da nossa cidade. As cinco da manhã acontece a alvorada que é o início dos festejos aqui da nossa festa, após a alvorada é servido um café da manhã para os congadeiros e para a comunidade em geral que queiram participar do nosso café da manhã. Após o café da manhã o terno sai a caminho da praça treze de maio mais precisamente na Paróquia de São Benedito onde ocorre a missa Conga. Depois da missa conga a gente faz uma apresentação na praça treze de maio juntamente com os ternos da cidade e os ternos visitantes. Após as apresentações a gente vai para o almoço no nosso quartel que fica situado na casa da minha mãe onde eu moro, onde é servido o almoço para o pessoal do nosso terno e para a comunidade em geral. Depois do almoço acontece no fim do dia o cortejo dos reinados, então a gente sai do nosso quartel e visita o reinado da festa no Rei e na Rainha perpétua, fazemos a nossa saudação e seguimos para a praça. Após o cortejo a gente participa da procissão com os andores dos santos padroeiros com as imagens de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário e após essa procissão a gente volta para o nosso quartel e finaliza nossa festa (ANDRÉ, 10/11/2022 – entrevista).*

O primeiro momento acontece a alvorada dos fogos, em seguida é servido um café da manhã para os integrantes, a procissão pelas ruas até chegar na igreja e participar da missa, em seguida vem as apresentações, almoço e a procissão com os andores na parte da tarde e a hasteamento da bandeira.

Congo Raízes de São Benedito

Para descrever um pouco da história do terno de Congo Raízes de São Benedito, identificaremos o entrevistado como ZUMBI, em homenagem ao ícone da resistência negra no Brasil, Zumbi dos Palmares, que desempenhou um papel de liderança sendo o último líder do Quilombo dos Palmares em Pernambuco, acolhendo negros fugitivos de seus senhores. O entrevistado Zumbi, está presente nas manifestações já faz mais de 36 anos, e já passou por outros ternos, e sua principal influência é seu avô, que lhe proporcionou vários ensinamentos.

Zumbi: Então o Raízes de São Benedito, ele não surge né, como qualquer manifestação é um processo, não consigo bem definir onde e quando que se deu o início para chegar neste ponto. Mas uma das construções para pensar o Raízes de São Benedito é pensar nas possibilidades de um processo demorado, longo que eu tive aí no tempo, primeiramente com o meu avô depois com o processo da folia de reis. A folia de Reis ela anda e perpassa por locais físico e psíquico que enfim é da manifestação da folia de reis e outra manifestações que foi encontrando e interagindo como a capoeira angola, depois o Jongo, tambor de Criola, tambor de xangô e as manifestações de matriz africana num todo e principalmente as religiões de matriz africana como o candomblé, que na hora que tive o acesso e deparo comigo mesmo em alguma falas no processo de passar o conhecimento dentro da nossa manifestação muito complexo e depois de muito tempo consigo reencontrar com uma fala dos mais velhos e percebo que a congada de Ituiutaba fazia décadas que não tinha tambores chamada as caixas no nosso grupo chama lingoma que evidenciasse uma sabedoria ancestral na confecção, na prática e na execução dos ritmos dentro da congada. [...] utilizamos as cores laranja e marrom né, são as cores do nosso grupo. Conversando com um tio, que agora está em outro plano, mas sempre está com a gente, o tio Moisés, da cidade de Uberaba, das muitas vezes que tivemos o privilégio de conversar, falou: “Tem uma raiz laranja, isso está ligado a natureza”. Fizemos a proposta de laranja e marrom e a irmandade não viu problema, acreditamos que os elementos que podem vir a contribuir, não ausente na cor, mas a cor em si não interfere na informação (ZUMBI, 10/03/2023 – entrevista).

Ao ser questionado sobre o seu interesse em participar das manifestações, o entrevistado relata que sua participação está associada aos seus avós e familiares que na época fundaram um terno e que desde criança ele está presente. Posteriormente já adulto resolve criar seu próprio terno sob essas influências.

Zumbi: *Aproximadamente 36 anos eu participo das manifestações da congada. Desde que eu nasci não, né que tenho 39 anos. Quando os meus avós fundam o grupo Congo Real, então minha família toda que estava ali naquele momento entra na confraria. Na verdade, nunca me questioneei fora. Hoje sou o capitão fundador do grupo Raízes de São Benedito (ZUMBI, 10/03/2023 – entrevista).*

Imagem 22– Congo Raízes de São Benedito



Fonte: Acervo pessoal do autor

Em relação as ações que o terno realiza, o entrevistado relata que nesse aspecto o terno é pensado para a comunidade, com o planejamento de oficinas, arrecadação de alimentos para doar para famílias carentes dentro do terno pensado em propostas de comunidade.

Zumbi: *Olha o nosso grupo neste aspecto ele é pensado em duas propostas de comunidade. Uma é a comunidade congadeira, que está ligado diretamente ao grupo: dançadores, praticantes, adeptos e uma comunidade de onde o grupo está inserido, onde fazemos ações solidarias, em sentido de arrecadar algum tipo de custo. Como o grupo é novo em representações e na festa de Congado de Ituiutaba, já tem 1 ano. Dentro deste propósito, não temos uma subversão, uma linha de ajuda direta publica então temos que encontrar trabalhos beneficentes como galinhada, feijoada. Sendo o nosso forte a feijoada e a vaquinha online para ajudar a comunidade de adeptos. Para a comunidade externa estamos trabalhando com propostas de diálogo ainda de casa em casa, procurando organizar oficinas. Sendo oficinas de capoeira,*

angola, de construção de instrumento, de aperfeiçoamento (ZUMBI, 10/03/2023 – entrevista).

Imagem 23 – Congo Raízes de São Benedito



Fonte: Acervo pessoal do autor

Ao ser questionado sobre suas influências em relação ao movimento da congada, o entrevistado traz a família como principais influências, que o levaram a nunca abandonar essa cultura tradicional que representa as batalhas vivenciadas por nossos antepassados.

***Zumbi:** Foram os meus avós e familiares que tiveram um papel fundamental nessa caminhada que é a as manifestações da Congada. Os ensinamentos, principalmente ele é direcionado numa perspectiva de uma ancestralidade a partir dos instrumentos, conhecer os instrumentos é uma das propostas, uma proposta e uma posta também, uma possibilidade de uma reconstrução de sociedade e comunidade. Acredito que a partir que entendemos os instrumentos, a partir deles começarem a chorar e dialogar, conseguimos minimamente se encontrar, encontrar a gente comungar de um mesmo interesse. No ano 2022 foi o primeiro do ano do Raízes, ainda estávamos em processo pandêmico, ainda não havíamos saído para as ruas, mas ainda estamos em processo de relaxamento na questão sanitária. Mas uma das nossas conjecturas é a confecção dos nossos próprios instrumentos, a partir daí é entender os objetos, materiais utilizados, ou seja, de forma de diálogo mesmo, a oralidade nesse processo é fundamental (ZUMBI, 10/03/2023 – entrevista).*

Em relação aos valores enquanto movimento cultural sobre os sentimentos vivenciados nas manifestações da congada, o entrevistado se remete ao sentimento de pertencimento, no qual buscamos um lugar na sociedade que é nosso por direito.

Zumbi: Então de fato o Congado para mim é o movimento que me faz pensar no meu lugar, não apenas meu lugar na sociedade, mas também na cultura né. Penso que se tivermos as ferramentas certas para possibilitar a gente pensar, refletir o nosso espaço, a nossa cultura a gente consiga reivindicar melhores as situações. Uma vez que fomos extraídos ao processo de cidadania de direitos. Então acredito que a congada nos possibilita fazer presente, nos autoquestionar, fortalecer em comunidade e questionar o próprio processo de sociedade. Que infelizmente é a duras penas, mas congado também é isso né, é você entender minimamente que você é alguém. O sentimento é de pertencimento, entender que esta manifestação ela é das múltiplas Áfricas que aqui chegaram, mas aqui no Brasil e com isso os escravizados conseguiram elaborar novas estratégias de sobrevivência e hoje a gente consome, pertence, se mostra como uma manifestação cultural, é entender que estamos no processo e faz com que tenhamos preocupações, faz uma ligação ancestral. Acredito que estar nesse pertencimento é entender a pessoa, é entender essa linha do que seria ancestralidade, é o meu passado que me evoca que possibilita fazer um diálogo, onde posso fazer uma contribuição para que tenha uma continuidade (ZUMBI, 10/03/2023 – entrevista).

Em relação as preparações que antecedem as festividades do treze de maio, o entrevistado se remete na construção dos instrumentos que é feito de forma ancestral, os encontros para arrecadar fundos, terços para os santos padroeiros que foram realizados junto aos leilões e ensaios.

Zumbi: É um dos complexos também do nosso grupo, como os instrumentos em toda manifestação de matriz africana consegue captar. Mas uma das dificuldades é de encontrar o próprio material para confeccionar os instrumentos, uma vez que já disse nossa região não tem o material na quantidade necessária. Conseguimos na Bahia com um valor muito significativo. É uma das coisas que inviabiliza o uso do couro é o seu preço no mercado mesmo, aqui na região não tem e o próprio processo de transporte custa mais que outros, então o preparo começa nessa procura, nessa busca de couro e desses materiais necessários. Depois o grupo optou, após o período pandêmico a comunidade ainda subalimentada, muitas dificuldades financeiras, muitas pessoas desempregadas estamos organizando terços, pedindo intervenção de São benedito e Nossa Senhora do Rosário, realmente precisamos nos apegar para poder vencer e novamente mobilizando aí a questão da feijoada encontros para que podemos mobilizar a comunidade e sociedade para o festejo (ZUMBI, 10/03/2023 – entrevista).

Ao descrever o roteiro do terno no dia das festividades, o entrevistado ressalta que o roteiro é semelhante aos demais ternos.

***Zumbi:** Nosso roteiro é basicamente semelhante aos demais ternos. As cinco horas da manhã temos a alvorada parte da ordem sistemática da manifestação do dia. Após a alvorada tomamos um café reforçado. As seis horas da manhã saímos do quartel no trajeto Carlos Dias Leite Novo Tempo II para a avenida Minas Gerais e chegamos na igreja de São benedito e o retorno é o mesmo. Caso tenhamos um ônibus ajuda, visto que o trajeto é muito longo no qual tem muitas crianças e idosos. Chegamos na igreja, participamos da missa e aguardamos o momento das apresentações. Após esse momento seguimos de volta para o almoço damos uma descansada e seguimos em busca do reinado, para participar da procissão com os andores. Após a procissão santa tem outro missa e acontece o encerramento das festividades (ZUMBI, 10/03/2023 – entrevista).*

Nessa seção, o entrevistado ressalta que o roteiro das festividades parte de uma preparação e no grande dia descreve o trajeto realizado pelo seu terno, deixando em evidência o cortejo com o reinado e a procissão com os santos padroeiros.

Marujo de São Benedito

Para descrever o terno Marujo de São Benedito, identificaremos a participante como DJAMILA em homenagem a acadêmica Djamilia Taís Ribeiro dos Santos que desempenha um papel de grande importância à frente do movimento negro, é uma filósofa, feminista negra e escritora. Com apenas 20 anos e junto com sua mãe a entrevistada Djamilia criou o terno Marujo de São Benedito no ano de 2022, pois já tinham influências com as manifestações da congada, no qual seus fundadores vieram do terno Catupé Capão de Ouro. Nele temos uma mulher à frente do terno, como capitã fundadora e esse ano será a primeira vez que o terno irá se apresentar na festa da Congada de Ituiutaba-MG. A entrevistada relata que a criação do terno se deu por meio da realização de um sonho. Sempre quis montar um terno, pois já tinha passado por outros dois ternos e já tinha essa ligação com as manifestações da Congada. Diante disso, junto com sua mãe fundou o Marujo de São Benedito.

***Djamila:** O terno foi fundado no ano de 2022, por mim, que sou a capitã fundadora e a ideia de surgimento se deu na festa de Romaria-MG ao lado da igreja de Nossa Senhora da Abadia, lá eu pedi em oração que me fosse permitido fazer essa criação, pois eu tinha muita vontade de montar um terno, só que não sabia como montar e não sabia como seria o nome. E foi no dia*

31 de maio a noite que veio na minha mente o Marujo de São Benedito, em relação as cores, como eu posso explicar é um tom de lilás que quando eu vi eu me apaixonei, além disso não tem nenhum terno com essa cor aqui na nossa cidade, essa cor representa a elevação espiritual e junto ao lilás temos o preto, no qual eu irmão Diego (falecido) tínhamos a vontade de colocar em nosso uniforme a calça preta, cor essa que representa força e poder (DJAMILA, 19/02/2023 – entrevista).

Imagem 24 – Marujo de São Benedito



Fonte: Imagem cedida pela entrevistada.

Ao ser perguntado sobre sua participação nas festividades da Congada, a entrevistada traz que sua influência vem de seus familiares e que desde que nasceu este presente nas manifestações, hoje carrega como função de capitã fundadora do terno realizando o seu grande sonho de ter seu próprio terno.

Djamila: Eu participo das manifestações já faz 19 anos, desde que nasci. Bom, meu interesse com as manifestações começou com a minha avó, que vem de tradição aí foi passado para a minha mãe, da minha mãe chegou até nós eu e meu irmão falecido Diego, foi passando para a gente, e foi aí que começamos a conhecer a congada, que foi pela minha mãe e estamos até hoje graças a Deus participando das manifestações. Hoje eu sou a fundadora do terno e carrego a função de primeira capitã (DJAMILA, 19/02/2023 – entrevista).

Em relação as principais ações desenvolvidas pelo seu terno, a entrevistada aponta que como o terno é recém-criado, o terno vem realizando ações como leilões, terços, campanhas para arrecadar mantimentos.

Djamila: *Como a gente é um terno recém-criado com apenas cinco meses, a gente começou primeiro com os terços, os ensaios a gente é agora vai começar os terços, nosso primeiro terço do ano do Marujo. Esse ano vai ser a primeira vez que a gente vai participar da festa da congada, que o Marujo vai sair para fazer a apresentação na praça, mas funciona assim, as campanhas, os terços os encontros nos outros quarteis e estamos nos preparando para a tão esperada festa da congada (DJAMILA, 19/02/2023 – entrevista).*

Quando foi lhe questionado sobre as principais influências que a levaram a permanecer e nunca desistir de estar presente nos movimentos, a entrevistada ressalta que a congada é um movimento que vem sendo presente por gerações dentro de sua família, no qual sua avó já era integrante de outros ternos da cidade, fazendo com que as manifestações fossem passadas tradicionalmente de mãe para filha até chegar em sua geração.

Djamila: *Bom, além das minhas influências já ditas sobre a minha avó e minha mãe, eu trago a fé como influência, pois a fé é isso é mesmo, um gostar do que a gente faz e a emoção quando você escuta o primeiro apito, quando você escuta a primeira batido na caixa, a fé em São Benedito e Nossa Senhora do Rosário que me faz permanecer nas manifestações (DJAMILA, 19/02/2023 – entrevista).*

Sobre a aprendizagem e ensinamentos que são compartilhados durante as manifestações a entrevistada traz a fé como ponto de partida, pois sem a fé ela acredita que seu sonho não seria possível. Os ensinamentos sobre a congada, o que é o movimento, o que pode e o que não pode fazer e toda esse aprendizado se dá pela fala.

Djamila: *O saber cantar, ensinar as meninas a cantar as músicas, a tocar os instrumentos e primeiramente antes da gente começar a fazer o nosso terço nós explicamos que antes de tudo temos que ter fé, antes de sair do nosso quartel, essa fé é que nos fortalece para podermos fazer a nossa caminhada. Os primeiros ensinamentos são esses que eu sempre eu explico para os meninos. Ensinamentos esses que são compartilhados por meio da oralidade pela fala. Muitos desses ensinamentos foram apreendidos através das experiências da minha família, e outros eu aprendi sozinha durante a minha caminhada (DJAMILA, 19/02/2023 – entrevista).*

A próxima pergunta está relacionada ao como que é realizado o compartilhamento desses conhecimentos a entrevistada, relata que essa aprendizagem se dá durante o dia a dia durante a realização das manifestações, seja em um ensaio, ou uma visita, podendo ocorrer a qualquer momento.

Djamila: *Durante os ensaios, quando ensaiamos a gente tira um tempinho para estar conversando, ensinando, ditando algumas regras, eu sempre expliquei, tem muita gente fica meio chateado que não dão conta no primeiro*

dia, mas aí eu falo que nem tudo se aprende de primeira é tudo no seu tempo, tudo é um aprendizado (DJAMILA, 19/02/2023 – entrevista).

Imagem 25 – Marujo de São Benedito



Fonte:

<https://www.ituiutaba.mg.gov.br/?pag=T1RVPU9EZz1PV0k9T1RrPU9UUT1OMIE9T0dNPU9XST1PR1U9T0dNPU9HWT1PV009T1dZPQ==&id=13360>. Acesso em: 29 jun. 2023.

Em relação aos valores e sentimentos vivenciados no momento de estar realizando as manifestações da congada, a entrevistada ressalta que o principal valor que ela tem é a fé acima de tudo, e o sentimento de emoção e alegria toma conta, quando vê o terno montando e pronto para sair pelas ruas.

Djamila: *Primeiramente a fé que é muito grande e a união. Eu tenho um empoderamento muito grande, pois hoje ser mulher e capitã fundadora de um terno está sendo um desafio muito grande. Quando eu fui falar que iria montar um terno, muitos riram na minha frente, falando que como uma mulher que está montando um terno vai conseguir mantê-lo. Teve um dia que o Marujo saiu para um encontro e nós chegamos firmes e foi aí que mostrei que sim, que eu tenho capacidade sim de ser uma mulher negra de pele clara e estou preparada sim para estar movimentando um terno e ficar à frente dele, não é só os homens que têm essa capacidade de montar um terno e o movimentar. O sentimento é de emoção, de fé, é uma correria danada, mas dá uma emoção muito grande. A fé movendo tudo a todo canto onde você passa (DJAMILA, 19/02/2023 – entrevista).*

Ao ser perguntado sobre as ações que são realizadas para a preparação para as festividades da grande festa em maio, a entrevistada inicia relatando que o primeiro passo é a organização de tudo que terá que ser preparado até o grande dia. São realizados os terços na casa dos congadeiros, encontros em outros quarteis, leilões para arrecadar fundos, organizar instrumentos, ensaiar, e organizar as vestimentas.

Djamila: Como a festa só acontece em maio, iniciamos as preparações uns quatro meses antes. Correria atrás da costureira para a preparação das vestimentas, os terços as campanhas e tem a preparação dos ensaios, para poder chegar na festa para não ter nenhum errinho na hora de apresentar, confecção dos instrumentos, organização dos integrantes, tudo isso tem que ser planejado com antecedência (DJAMILA, 19/02/2023 – entrevista).

O terno da entrevistada sairá pela primeira vez no ano de 2023, ela descreve o roteiro no futuro, de como será o trajeto percorrido pelo terno no grande dia das festividades.

Djamila: Esse ano a festa acontece no dia vinte e um de maio, esperamos sair daqui do nosso quartel. Começaremos a nos movimentar as 5 horas da manhã é quando começa a devoção com a soltura dos foguetes conhecida como alvorada, que é um ato realizado em todos os quarteis. Em seguida com todos os integrantes concentrados no quartel será servido o café da manhã, e em seguida realizaremos a nossa oração para pedir a Deus e aos santos padroeiros, para que aquele dia de festa ocorra da melhor forma possível, cheio de bênçãos. Estamos pensando em passar em algum lugar, fazer alguma visita ou ir direto para a igreja de São Benedito em cortejo pelas ruas. Ao chegar na praça treze de maio que é situada em frente da igreja, e iremos participar da missa conga. Após a missa aguardaremos para realizar a nossa apresentação e depois seguiremos para o almoço, almoçamos damos uma descansada e em seguida iremos buscamos o nosso rei e nossa rainha para depois voltamos para a igreja para realizarmos a procissão com os santos padroeiros e no final da noite encerraremos as nossas festividades. (DJAMILA, 19/02/2023 – entrevista).

Ao verificar a fala da entrevistada, é possível notar a expectativa em relação a saída do terno pela primeira vez, ela descreve que diante das preparações e planejamentos, ela tem fé que a festa acontecerá da melhor forma possível.

8.2 - Nuvem de Palavras

Ao final de cada entrevista com os oito participantes, como pergunta de encerramento, pedi que falassem em apenas três palavras o que viesse na cabeça ao ouvir a palavra Congada, o que representava a congada na sua vida, sentimentos que essa palavra traz ao ouvi-la, ao

relembrar fatos e acontecimentos, memórias daqueles que já se partiram. Cada participante descreveu as três palavras enfatizando com o seu contexto de vivência nas manifestações. Dessa forma, foi desenvolvida uma nuvem de palavras (imagem 2), com o objetivo de representar visualmente as palavras que foram expostas. Com essa ferramenta fica evidente as palavras que foram verbalizadas com maior frequência. Quanto maior se apresenta a palavra na nuvem, mais vezes ela foi citada pelos entrevistados.

Figura 2 – Nuvem de palavras



Fonte: Acervo pessoal do autor

Como é possível ver, a ancestralidade está presente durante as manifestações da congada. A ancestralidade dos nossos antepassados africanos que foram arrancados de África e trazidos para a Brasil para trabalhar como escravos. “A ancestralidade não é um conjunto rígido de sanções morais, mas um modo de vida. Ela é gramática e semântica ao mesmo tempo. É a interface entre estrutura e contexto” (OLIVEIRA, p. 180 e 181, 2007). Ancestralidade essa que nos faz relembrar vivências e lutas do povo negro, antigamente em busca da libertação e hoje em dia em busca de reconhecimento e aceitação da sociedade, com combate a intolerância religiosa, ao racismo e ao preconceito.

9. ANÁLISE DOS DADOS

A análise textual discursiva, conforme Galiazzi (2020, p.13), “corresponde a uma metodologia de análise de informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos”. Assim, busca a compreensão e a reconstrução de conhecimentos ligado ao tema investigado. Ainda, segundo a autora supracitada, a análise textual discursiva se organiza em torno de quatro focos, sendo eles: desmontagem dos textos, estabelecimento de relações, captação do novo emergente e um processo auto-organizado.

Durante a desmontagem dos textos, também chamado de processo de unitarização, os textos são vistos em seus detalhes, de modo a produzir unidades constituintes, ou seja, o texto é fragmentado com enunciados referentes aos fenômenos estudados com unidades de análise de maior ou menor amplitude. Logo após, é feita a codificação de cada unidade evidenciando a origem a cada unidade de análise. Com isso, é necessário que as unidades assumam um significado, com a atribuição de um nome ou título.

Já o estabelecimento de relações, processo denominado de categorização, diz respeito a construção de relações entre as unidades que apresentam elementos próximos, resultando sistemas de categorias. Tais categorias produzirão as descrições e interpretações da análise e podem ser construídas de maneira dedutiva (*a priori*), indutiva (categorias emergentes) ou mista.

Na captação do novo emergente se faz necessário a compreensão renovada do todo a partir dos dois focos anteriores. Assim, é feito a construção de um texto baseado na descrição e interpretação das categorias buscando alcançar os objetivos de análise. Ainda, cabe ao

pesquisador compreender os fenômenos da investigação ao mesmo tempo que comunica a análise.

Por fim, o processo auto-organizado, “corresponde a reestruturações cognitivas e discursivas que ocorrem ao pesquisador a partir de seus mergulhos nos fenômenos investigados” (Galiuzzi, 2020, p.156). Nesse sentido, as compreensões emergem de tal processo, com os resultados, criativos e originais, não previstos.

Dentre o contexto da pesquisa, que foi realizada com um público de oito participantes, respondendo duas entrevistas a um total de treze perguntas, realizamos o primeiro passo consiste na organização dos dados. Após realizarmos a pré-análise em todas as entrevistas, decidimos utilizar três perguntas que nos auxiliaram a responder nossos objetivos de pesquisa.

Quadro 6: Pergunta 6 da entrevista semiestruturada.

Pergunta	Quais ensinamentos/ saberes e fazeres são compartilhados durante as manifestações? E como que são compartilhados? Os ensinamentos que você adquiriu foram apreendidos como e onde?
	<p><i>Os saberes da congada vêm da prática. É você produzir porque o nosso saber não tem nada que nós não sabemos que nós não fizemos lá atrás. Por exemplo, na construção do vestuário, a minha mãe era costureira e ela fazia as roupas do Camisa Rosa depois ajudava a fazer as do Camisa Verde isso tudo foi ensinado e passado para mim e minhas irmãs. Os meninos aprenderam a “curtir” o couro que antigamente era tudo feito de forma artesanal, era pegar o couro lá na fazenda quando matava um animal, fazer todo o tratamento, um longo processo. Então, tinha todo aquele processo. Esticava uma estaca no chão, tinha um processo do rapar a parte de gordura. Aí, depois que você limpava aquela parte de gordura, passava por cinza quente e que se falava “borrado”, né!? Então, essas coisas também eram feitas pelas crianças, sempre tinha um adulto ali junto, mas as crianças participavam dessa construção. Então, ali junto, tinha oralidade, sabe, a oralidade de tudo aquilo que estava sendo feito, tinha que ter paciência para aprender.</i></p>
	<p><i>Ter fé no seu trabalho, perseverança, confiança, retidão significa honestidade com seus irmãos congadeiros, cumprir bem o que se proponha a fazer, acima de tudo educação. Um exemplo disso é a reza do terço cantado que é um aprendizado para os nossos jovens, eles terão que transmitir esse legado no futuro, e a devoção aos nossos Santos padroeiros São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.</i></p>
	<p><i>Hoje eu consigo ver a importância que a gente tem com o movimento cultural, quanto no movimento negro. Hoje eu vejo o quanto a congada é forte, o quanto a congada faz o movimento negro, vou falar de Ituiutaba, esse movimento, ele consegue dar peso, ele</i></p>

conseguir dar força a esse movimento e isso para mim é de extrema importância, pois nós temos crianças, eu tenho filhos, e eu passo para eles, e tento mostrar para eles o quanto a congada tem essa força e a necessidade que a gente tem de mostrar para as pessoas que congada faz parte da cultura, que tem uma tradição e que precisa ser respeitada. Como também a questão da religião, porque a congada envolve várias religiões né, nós temos a matriz africana temos a católica, e quando estamos na congada há um respeito, a gente vê as duas em um espaço só, estão ali, se conversam, mas com respeito, então essa cultura da congada ela mostra a questão do respeito ao meu entender a religião do outro. Foi passado dentro do movimento mesmo, através dos meus avós e minha mãe, que hoje também tem também no meu caso o meu tio, que herdou também essa tradição, herdou o bastão do meu avô hoje se tornando o general do grupo, então a gente aprendeu com eles, lógico que não aprendemos tudo porque nem sempre aprendemos tudo, na congada tem isso, então o que foi passado a gente aprendeu, e hoje a gente tenta levar o pouco que aprendeu juntando com o novo, pois a gente precisa estar sempre inovando já que a gente tem adolescentes, tem pessoas novas que nunca participaram dessa cultura e chegam e querem participar, então a gente vai inovando tentando fazer a coisa acontecer da melhor forma possível.

Cara, o respeito, né. Respeito é primordial em tudo. Se não tiver respeito, se não tiver aquela compreensão, com o pessoal com todo mundo, entendeu? Com os companheiros que estão ali dentro ali, eu acho o que o que prevalece é o respeito e a união entre os componentes do nosso terno.

Nós buscamos todas as vezes que a gente tem um encontro tem uma reunião, uma viagem, uma visita para fazer tirar o melhor de tudo, e a primeira coisa que a gente vê é o respeito. A gente chega nos lugares antes de começarmos a cantar a gente observa quem está ali quem que é a pessoa importante na festa, se tem um altar se tem uma Bandeira se tem alguma autoridade, então assim os saberes que a gente tira daquilo que a gente aprende a ouvir né, a gente aprende a ouvir o outro porque tem várias coisas que a gente observa, depois nos reunimos com todos os congadeiros do terno e aí por meio da oralidade apresentamos fatos, acontecimentos, o que que você viu de diferente a gente faz essa troca de conversa a gente traz uma diretriz para nós, do que a gente quer e o que a gente não quer para o nosso terno.

Essa cultura griô que a gente sempre destaca, a cultura a partir da fala, a partir da oralidade é assim que a gente consegue captar, receber os ensinamentos e repassar também né. A partir da vivência dentro da comunidade principalmente com os mais velhos, participando ativamente das festividades, das ações que os ternos desenvolvem durante o decorrer do ano. Só reforçando a resposta, esses ensinamentos são adquiridos dentro do quartel, e na rua tocando caixa, é na praça, nos encontros com os outros ternos e com outros congadeiros. Então são diversas formas de você aprender, mas a oralidade e a prática são os norteadores de conhecimento. E é dessa forma que eu repasso os meus conhecimentos para os mais novos ou para aqueles que querem se na comunidade, a partir da oralidade, dando exemplos, estimulando a participação sempre dentro das atividades, por mais simples que possam parecer, toda movimentação, toda atividade do congado tem um significado. Pode ser algo simples, mas ali tem um valor, alguma coisa a ser aprendida ou a ser ensinada.

Os ensinamentos, principalmente ele é direcionado numa perspectiva de uma ancestralidade a partir dos instrumentos, conhecer os instrumentos é uma das propostas, uma proposta e uma posta também, uma possibilidade de uma reconstrução de sociedade e comunidade. Acredito que a partir que entendemos os instrumentos, a partir deles começarem a chorar e dialogar, conseguimos minimamente se encontrar, encontrar a gente comungar de um mesmo interesse. No ano 2022 foi o primeiro do ano do Raízes, ainda estávamos em processo pandêmico, ainda não havíamos saído para as ruas, mas ainda estamos em processo de relaxamento na questão sanitária. Mas uma das nossas conjecturas é a confecção dos nossos próprios instrumentos, a partir daí é entender os objetos, materiais utilizados, ou seja, de forma de diálogo mesmo, a oralidade nesse processo é fundamental.

O saber cantar, ensinar as meninas a cantar as músicas, a tocar os instrumentos e primeiramente antes da gente começar a fazer o nosso terço nós explicamos que antes de tudo temos que ter fé, antes de sair do nosso quartel, essa fé é que nos fortalece para podermos fazer a nossa caminhada. Os primeiros ensinamentos são esses que eu sempre eu explico para os meninos. Ensinamentos esses que são compartilhados por meio da oralidade pela fala. Muitos desses ensinamentos foram apreendidos através das experiências da minha família, e outros eu aprendi sozinha durante a minha caminhada.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 7: Pergunta 11 da entrevista semiestruturada.

Pergunta	Descreva de forma sucinta, de que forma é realizada as preparações que antecedem as festividades em comemoração ao dia 13 de maio.
	<p><i>As preparações começam com as nossas campanhas, que são as visitas nos lares dos nossos moçambiqueiros e de pessoas que gostam de estar junto com a gente nesse movimento, nessa caminhada. Ocorre algum leilão, doação que a gente vai juntando, tudo para fazer a festa, para estar trabalhando, e então são praticamente três a quatro meses de preparações para culminar no terceiro domingo de maio, que no ano de 2023 acontecerá no dia 21 de maio. Então, a preparação, a caminhada são essas, e ela não é só própria do Camisa Rosa, são de todos os grupos, de todas as confrarias, que trabalham para estarmos juntos no dia 21 de maio. E nesse caminhar, a gente já leva tudo junto, fazendo toda a sua organização: organização de vestuário, dos instrumentos e a parte de alimentação do dia da festa. Então, nós temos todo esse período para se trabalhar tudo isso.</i></p>
	<p><i>A nossa festa é comemorada no terceiro domingo de maio, primeiramente a fé em Deus é o que nos move, colocamos nas mãos dele o que propusemos a fazer, traçamos o plano, rezamos o terço, realizamos visitas aos devotos, leilões, recebemos ajudas para a realização da festa e convidamos as pessoas para a grande festa. Na semana que antecede o domingo</i></p>

de maio, realizamos a novena com o terço cantado todos os dias as 18:00 horas na igreja de São Benedito.

Temos as campanhas que é levar, fazer a caminhada com o nosso santo padroeiro que é o São Benedito, onde vai passando de janeiro até maio, nas residências dos nossos congadeiros ou pessoas simpatizantes, levanto a imagem do Santo, fazendo terços que em questão da nossa preparação pedindo em orações para que ele possa nos ajudar para que ocorra tudo bem na nossa festa, como também pedindo saúde, proteções e bênçãos para os nossos congadeiros, como para os donos das casas. Nesse decorrer, temos também as novenas né, que é algo que faz parte da festa, como dizer assim, é o início, não tem como realizar as festividades sem iniciar as novenas, que são nove dias, que a gente também participa e a preparação do grupo para a festa, para que possamos na nossa fé na nossa tradição, para que ocorra tudo bem ela é passada no sábado, a partir do momento que os instrumentos estão montados, está tudo organizado tem um momento de oração, um momento de cultuação aos santos, aqueles que tem fé lógico ao São benedito, como eu já disse, congada é uma mistura de cultura de tração e religião, então é pedido aos nossos santos, tanto os nossos santos católicos, como também aqueles santos de devoção de matrizes africanas para que possam abençoar e proteger a todos que fazem parte do grupo de congado.

A nossa festa acontece em maio, mas como é de costume as ações acontecem muito antes, e até mesmo no ano anterior. Desde janeiro, a gente já começa a sair com o terno nas ruas fazendo leilões e rezando os terços e as novenas. A gente consegue com esses leilões arrecadar um pouco de dinheiro para poder estar ajudando a fazer o almoço, a pagar a roupa das meninas, está ajudando a pagar várias coisas. Praticamente de janeiro até no mês de maio, a gente vai se movimentando, correndo com leilões, eventos, rifas e outros. Cada terno tem uma maneira de trabalhar, a gente faz essas ações pois os gastos são muitos altos, não é só colocar o terno na rua, antes de colocar o terno na rua tem a organização, tem que pensar que vai vir gente de fora, tem que pensar no café da manhã para esse pessoal, entendeu? Tem que dar almoço para os componentes e na maioria das vezes, o Moçambique Lua Branca ainda disponibiliza a janta. Então os preparativos do nosso terno se dão durante uns quatro meses seguidos.

Bom a gente começa a se preparar basicamente em dezembro, no dia 13 reunimos os nossos marinheiros rezamos o terço de Santa Luzia é muitas vezes não dá para passar a noite, as vezes só rezamos o terço das 18:00 para poder estar todo mundo junto. Quando chega janeiro a gente já começa a preparação do nosso primeiro evento que é a nossa a feijoada, corremos atrás para fazer a feijoada que acontece em fevereiro e depois da feijoada iniciamos a nossa caminhada dos terços esse é esse ano a gente tem programado treze terços, treze visitas para a gente estar fazendo com a Santa Luzia. E ao final dessa nossa caminhada a gente vem aqui para o quartel na casa da minha mãe onde a gente faz o nosso leilão, onde a gente faz o convite para todos os termos estarem com a gente para rezar o terço, se apresentarem, tocar, cantar à vontade e participar com a gente desse evento. Nesse período a gente faz as visitas que tem que fazer e quando a gente é convidada para os terços lá nos

outros termos a gente se esforça para ir, então assim é uma época muito corrida, mas nós fazemos o possível para estar participando desses encontros.

O Catupé ele se prepara com alguns meses de antecedência, como já é bem característico da congada aqui da nossa cidade. Então durante janeiro até abril são realizados leilões e procissões entre os pontos desses leilões e terços. Então a gente se desloca de uma casa de pessoas simpatizantes para outra, são realizados terços nessas localidades e posteriormente leilões. Além disso, intercalando sempre que possível fazemos ensaios, fazemos participações em leilões de outros ternos quando convidados.

É um dos complexos também do nosso grupo, como os instrumentos em toda manifestação de matriz africana consegue captar. Mas uma das dificuldades é de encontrar o próprio material para confeccionar os instrumentos, uma vez que já disse nossa região não tem o material na quantidade necessária. Conseguimos na Bahia com um valor muito significativo. É uma das coisas que inviabiliza o uso do couro é o seu preço no mercado mesmo, aqui na região não tem e o próprio processo de transporte custa mais que outros, então o preparo começa nessa procura, nessa busca de couro e desses materiais necessários. Depois o grupo optou, após o período pandêmico a comunidade ainda subalimentada, muitas dificuldades financeiras, muitas pessoas desempregadas estamos organizando terços, pedindo intervenção de São benedito e Nossa Senhora do Rosário, realmente precisamos nos apegar para poder vencer e novamente mobilizando aí a questão da feijoada encontros para que podemos mobilizar a comunidade e sociedade para o festejo.

Como a festa só acontece em maio, iniciamos as preparações uns quatro meses antes. Correria atrás da costureira para a preparação das vestimentas, os terços as campanhas e tem a preparação dos ensaios, para poder chegar na festa para não ter nenhum errinho na hora de apresentar, confecção dos instrumentos, organização dos integrantes, tudo isso tem que ser planejado com antecedência.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 8: Pergunta 12 da entrevista semiestruturada.

Pergunta	Descreva qual é o roteiro que seu terno segue no dia das festividades.
<p><i>No dia da festa, o roteiro do Moçambique Camisa Rosa é o seguinte: todos os componentes se reúnem no quartel na avenida trinta e oito, entre as avenidas vinte e sete e vinte e cinco, e ali, os capitães, madrinhas, os coordenadores e as matriarcas se reúnem mais cedo. Agora nós acordamos às 4 horas da manhã porque lá nós temos um momento nosso próprio de oração para abertura daquele dia, onde pedimos a benção e fazemos a alvorada com toda a família do Camisa Rosa. Como nosso quartel é próximo da igreja nós temos a possibilidade</i></p>	

de fazer alvorada no quartel e na praça 13 de maio. Então, a gente se divide ali, assim fazemos Alvorada e já ficamos prontos para recebermos aos componentes do terno, porque a partir das 6:00 a gente tem o ritual de dar a benção para todos os componentes, servir o café da manhã e em seguida seguimos para a igreja para participar da missa. É o Moçambique Camisa Rosa que é o guardião da Bandeira de hasteamento. Então, a gente já leva a Bandeira para festa, assiste a missa e faz o hasteamento da bandeira e já se posiciona para as apresentações. Se permanece na praça até tal horário, dependendo da sua apresentação, ou se você já apresentou pode ir deslocando para fazer suas visitas e almoçar. A tarde é a vez da corte, buscamos nosso reinado, realizamos algumas visitas pois o tempo é muito pouco, voltamos para a igreja participamos da procissão com todos os ternos e os Santos padroeiros, esperamos o encerramento da missa, abaixamos a bandeira e nos preparamos para o encerramento das festividades novos.

A gente sai lá do quartel, as cinco horas da manhã tem que estar todo mundo lá no quartel pois acontece a alvorada dos fogos, em seguida é servido o café, fica uma pessoa responsável por organizar o café para os integrantes. E aí a gente sai em cortejo até a igreja para assistir à missa, quinze para oito nós estamos entrando na igreja. Apesar de não ficar todo mundo dentro da igreja. Após a missa seguimos para o hasteamento da bandeira, onde todos os ternos se reúnem envolta de o mastro até a bandeira ser erguida, depois segue a programação da festa, as apresentações lá no palanque onde cada terno tem uma passagem para se apresentar para as autoridades locais, Reis e Rainhas, depois a gente faz algumas visitas e vem para o almoço, após o almoço às vezes tem mais algumas visitas. Em seguida seguimos para a minha casa para buscar a Rainha Perpétua. Ela se arruma na minha casa, aí depois o terno segue para a igreja novamente, participada da procissão santa com os andores dos santos padroeiros e os outros ternos, voltamos para a praça, realizamos o arreamento da bandeira e encerramos as festividades.

Então, não tem por que não saímos do nosso quartel sem fazer uma oração, sem pedir uma proteção, sem o fechamento do corpo, porque dentro da congada tem isso. Fechar o corpo em questão do mau olhado, a questão da inveja a congada traz isso, então o nosso roteiro é esse a partir do momento que saímos de dentro do nosso barracão, que colocamos o pé na rua, a gente faz uma oração pedindo proteção aos nossos santos para que podemos ter uma festa bonita, que seja abençoada e que seja maravilhosa para todos. No dia em questão mal dormimos né, de sábado para domingo acordamos as 04:00 da manhã e já começamos a nos arrumar. As 05:00 horas começa a concentração dos congadeiros no quartel e temos a nossa alvorada que é a solta de foguetes e rojões. Em seguida servimos o café da manhã para toda a nossa comunidade e nos preparamos para o caminhar até a igreja de São Benedito para participarmos da missa conga. Após a missa acontece o hasteamento da bandeira e damos início as apresentações. Após cada terno ir se apresentando eles seguem para seus roteiros individuais, volta ao quartel para o almoço realizam as visitas, buscam seus reinados. Já após o almoço a gente volta para a igreja, participamos junto aos outros ternos da procissão com os andores, participamos da missa e a festa se encerra com o arreamento da bandeira.

A nossa festa começa aí por volta das 04:00 e 05:00 horas da manhã. Cada terno dentro do seu quartel começa a soltar os foguetes e rojões, que aqui na cidade é conhecido por

Alvorada. Esse momento de soltar fogos serve para avisar a população de Ituiutaba que, assim que o sol raiar, as caixas vão estar batendo e vai ter um encontro muito bonito, na Igreja de São Benedito. Chegando na Igreja de São Benedito, por volta de 8 horas da manhã, os ternos vão estar lá todos juntos para participar da missa da congada e depois, assim que a missa acaba, tem o levantamento do mastro, que é uma coisa muito bonita também, depois do hasteamento do mastro com a bandeira dos ternos, cada terno segue para realizar suas apresentações. Temos alguns minutos lá para a gente estar cantando para as autoridades, a prefeita, os vereadores, os nossos reis, nossas rainhas, o nosso rei perpétuo e nossa rainha perpétua. A gente vai estar lá se apresentando para eles, cantando e louvando São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Após isso, cada terno vai para o seu quartel com os seus convidados e lá é servido um almoço muito gostoso. Temos que agradecer demais a nossas cozinheiras e os nossos cozinheiros que enquanto a gente está lá na praça a abrilhantar na festa eles estão lá na nossa cozinha, abrilhantando o nosso almoço. Após o almoço ali por volta das 16:00 e 17:00 horas a gente retorna para a igreja assim como os demais ternos para a gente poder realizar nossa procissão de fé aos santos padroeiros, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Após a procissão tem outra missa e após a missa a gente faz a despedida lá na porta da igreja e cada terno um vai para o seu quartel. E de lá a gente já começa a planejar as nossas viagens durante o ano e a planejar também a nossa festa para o próximo ano.

Bom basicamente o nosso dia começa na véspera e só termina no dia depois da meia-noite porque a gente tem de organizar muita coisa, deixar as capas e as faixas de todo mundo pronta e sempre tem alguém que esqueceu alguma coisa para trás. Quando dá três horas da manhã a gente levanta e já começa a se arrumar, começamos a pôr os instrumentos para fora, da aquela afinada de última hora. As cinco horas fazemos a alvorada dos foguetes que geralmente é o mesmo horário para todos os ternos, tomamos o café da manhã bem reforçado porque a condução tem que estar aqui até seis e meia para podermos conseguir chegar na igreja para a missa Conga até antes das oito horas. Essa é a nossa rotina antes de sair de casa e quando da 6:00 da manhã é a gente já preparou tudo, fizemos nossa oração abençoando água que benzeremos nossos integrantes é esse o nosso ritual espiritual né que a gente faz com todo mundo que está aqui. Quando o terno está pronto para sair todos nós realizamos uma oração pedindo para que o Santos padroeiros nos proporcione um belo dia de festividades aí a gente faz a nossa oração de fé que é o pai nosso para a gente poder estar subindo para a igreja. Chegando na igreja participamos da missa conga, e em seguida nos preparamos para as apresentações, após as apresentações vamos para o almoço que é realizado no nosso quartel, damos uma descansada e nos preparamos para buscar nosso reinado e realizamos algumas visitas. Depois voltamos para a igreja para a procissão junto com todos os ternos carregando os andores, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, após a procissão tem outra missa e em seguida é arriado a bandeira e se encerra as festividades.

O nosso roteiro é similar ao que acontece em todos os grupos aqui da nossa cidade. As cinco da manhã acontece a alvorada que é o início dos festejos aqui da nossa festa, após a alvorada é servido um café da manhã para os congadeiros e para a comunidade em geral que queiram participar do nosso café da manhã. Após o café da manhã o terno sai a caminho da praça treze de maio mais precisamente na Paróquia de São Benedito onde ocorre a missa Conga. Depois da missa conga a gente faz uma apresentação na praça treze de maio juntamente

com os ternos da cidade e os ternos visitantes. Após as apresentações a gente vai para o almoço no nosso quartel que fica situado na casa da minha mãe onde eu moro, onde é servido o almoço para o pessoal do nosso terno e para a comunidade em geral. Depois do almoço acontece no fim do dia o cortejo dos reinados, então a gente sai do nosso quartel e visita o reinado da festa no Rei e na Rainha perpétua, fazemos a nossa saudação e seguimos para a praça. Após o cortejo a gente participa da procissão com os andores dos santos padroeiros com as imagens de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário e após essa procissão a gente volta para o nosso quartel e finaliza nossa festa.

Nosso roteiro é basicamente semelhante aos demais ternos. As cinco horas da manhã temos a alvorada parte da ordem sistemática da manifestação do dia. Após a alvorada tomamos um café reforçado. As seis horas da manhã saímos do quartel no trajeto Carlos Dias Leite Novo Tempo II para a avenida Minas Gerais e chegamos na igreja de São benedito e o retorno é o mesmo. Caso tenhamos um ônibus ajuda, visto que o trajeto é muito longo no qual tem muitas crianças e idosos. Chegamos na igreja, participamos da missa e aguardamos o momento das apresentações. Após esse momento seguimos de volta para o almoço damos uma descansada e seguimos em busca do reinado, para participar da procissão com os andores. Após a procissão santa tem outro missa e acontece o encerramento das festividades.

Esse ano a festa acontece no dia vinte e um de maio, esperamos sair daqui do nosso quartel. Começaremos a nos movimentar as cinco horas da manhã é quando começa a devoção com a soltura dos foguetes conhecida como alvorada, que é um ato realizado em todos os quarteis. Em seguida com todos os integrantes concentrados no quartel será servido o café da manhã, e em seguida realizaremos a nossa oração para pedir a Deus e aos santos padroeiros, para que aquele dia de festa ocorra da melhor forma possível, cheio de bênçãos. Estamos pensando em passar em algum lugar, fazer alguma visita ou ir direto para a igreja de São Benedito em cortejo pelas ruas. Ao chegar na praça treze de maio que é situada em frente da igreja, e iremos participar da missa conga. Após a missa aguardaremos para realizar a nossa apresentação e depois seguiremos para o almoço, almoçamos damos uma descansada e em seguida iremos buscamos o nosso rei e nossa rainha para depois voltamos para a igreja para realizarmos a procissão com os santos padroeiros e no final da noite encerraremos as nossas festividades.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

A seguir iniciaremos a análise das narrativas, utilizando as quatro etapas, de acordo com as técnicas de análise de discurso textual descrita por Galiazzi (2020), no qual consiste na unitarização, categorização, a captação do novo emergente e por último o processo auto-organizado.

Etapa 1 – Unitarização

A primeira etapa consistiu na unitarização, que é um processo em que os textos são organizados e separados com a finalidade de gerar unidades e significados. A separação dos códigos foi organizada por meio de quadros e diagramas e expostos no próprio texto. Selecionamos alguns trechos das entrevistas que identificaram elementos em comum, palavras que mais se repetiram, sinônimos, frases e códigos.

Quadro 9: Pergunta 6 – Fragmentada

Pergunta	Quais ensinamentos/ saberes e fazeres são compartilhados durante as manifestações? E como que são compartilhados? Os ensinamentos que você adquiriu foram aprendidos como e onde?
	<p>[...] na construção do vestuário, a minha mãe era costureira e ela fazia as roupas do Camisa Rosa depois ajudava a fazer as do Camisa Verde <i>isso tudo foi ensinado e passado para mim e minhas irmãs [...]</i>.</p> <p>[...] Os meninos aprenderam a “curtir” o couro que antigamente era tudo feito de forma artesanal, era pegar o couro lá na fazenda quando matava um animal, fazer todo o tratamento, um longo processo [...].</p> <p>[...] Então, ali junto, tinha oralidade, sabe, a oralidade de tudo aquilo que estava sendo feito, tinha que ter paciência para aprender [...].</p> <p>[...] a reza do terço cantado é um aprendizado para os jovens [...].</p> <p>[...] a partir da oralidade é assim que a gente consegue captar, receber os ensinamentos e repassar também né [...].</p> <p>[...] a partir da vivência dentro da comunidade principalmente com os mais velhos [...].</p> <p>[...] são diversas formas de você aprender, mas a oralidade e a prática são os norteadores de conhecimento [...].</p> <p>[...] a partir da oralidade, dando exemplos, estimulando a participação sempre dentro das atividades [...].</p> <p>[...] os ensinamentos, principalmente ele é direcionado numa perspectiva de uma ancestralidade [...].</p> <p>[...] uma das nossas conjecturas é a confecção dos nossos próprios instrumentos, a partir daí é entender os objetos, materiais utilizados, ou seja, de forma de diálogo mesmo, a oralidade nesse processo é fundamental [...].</p>

[...] ensinamentos esses que são compartilhados por meio da oralidade pela fala [...].

[...] muitos desses ensinamentos foram apreendidos através das experiências da minha família, e outros eu aprendi sozinha durante a minha caminhada [...].

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 10: Pergunta 11 – Fragmentada

Pergunta	Descreva de forma sucinta, de que forma é realizada as preparações que antecedem as festividades em comemoração ao dia 13 de maio.
	<p>[...] as preparações começam com as nossas campanhas, que são as visitas nos lares dos nossos moçambiqueiros e também de pessoas que gostam de estar junto com a gente nesse movimento, nessa caminhada [...].</p> <p>[...] ocorre algum leilão, doação que a gente vai juntando, tudo para fazer a festa, para estar trabalhando [...].</p> <p>[...] organização de vestuário, dos instrumentos e também a parte de alimentação do dia da festa [...].</p> <p>[...] rezamos o terço, realizamos visitas aos devotos, leilões, recebemos ajudas para a realização da festa [...].</p> <p>[...] temos as campanhas que é levar, fazer a caminhada com o nosso santo padroeiro que é o São Benedito, onde vai passando de janeiro até maio, nas residências dos nossos congadeiros ou pessoas simpatizantes [...].</p> <p>[...] fazendo terços que em questão da nossa preparação pedindo em orações para que ele possa nos ajudar para que ocorra tudo bem na nossa festa, como também pedindo saúde, proteções e bênçãos [...].</p> <p>[...] nesse decorrer, temos também as novenas né, que é algo que faz parte da festa, como dizer assim, é o início, não tem como realizar as festividades sem iniciar as novenas [...].</p> <p>[...] a gente já começa a sair com o terno nas ruas fazendo leilões e rezando os terços e as novenas [...].</p> <p>[...] a gente consegue com esses leilões arrecadar um pouco de dinheiro para poder estar ajudando a fazer o almoço, a pagar a roupa das meninas, está ajudando a pagar várias coisas [...].</p> <p>[...] praticamente de janeiro até no mês de maio, a gente vai se movimentando, correndo com leilões, eventos, rifas e outros. [...].</p>

[...] a gente já começa a preparação do nosso primeiro evento que é a nossa a feijoada, corremos atrás para fazer a feijoada [...].

[...] iniciamos a nossa caminhada dos terços e esse ano a gente tem programado treze terços, treze visitas para a gente estar fazendo com a Santa Luzia [...].

[...] a gente faz o nosso leilão, onde a gente faz o convite para todos os termos estarem com a gente para rezar o terço, se apresentarem, tocar, cantar à vontade e participar com a gente desse evento [...].

[...] durante janeiro até abril são realizados leilões e procissões entre os pontos desses leilões e terços [...].

[...] sempre que possível fazemos ensaios, fazemos participações em leilões de outros ternos quando convidados [...].

[...] organizando terços, pedindo intervenção de São benedito e Nossa Senhora do Rosário [...].

[...]Correria atrás da costureira para a preparação das vestimentas, os terços as campanhas e tem a preparação dos ensaios [...].

[...] confecção dos instrumentos, organização dos integrantes, tudo isso tem que ser planejado com antecedência. [...].

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 11: Pergunta 12 – Fragmentada

Pergunta	Descreva qual é o roteiro que seu terno segue no dia das festividades.
	<p>[...]temos um momento nosso próprio de oração para abertura daquele dia, onde pedimos a benção e fazemos a alvorada com toda a família [...].</p> <p>[...] fazemos Alvorada e já ficamos prontos para recebermos aos componentes do terno, porque a partir das 6:00 a gente tem o ritual de dar a benção para todos os componentes [...].</p> <p>[...] à tarde é a vez da corte, buscamos nosso reinado, realizamos algumas visitas pois o tempo é muito pouco [...].</p>

[...] participamos da procissão com todos os ternos e os Santos padroeiros, esperamos o encerramento da missa, abaixamos a bandeira e nos preparamos para o encerramento das festividades [...].

[...] as cinco horas da manhã tem que estar todo mundo lá no quartel pois acontece a alvorada dos fogos, em seguida é servido o café [...].

[...] a gente sai em cortejo até a igreja para assistir à missa, quinze para oito nós estamos entrando na igreja [...].

[...] após a missa seguimos para o hasteamento da bandeira, onde todos os ternos se reúnem envolta de o mastro até a bandeira ser erguida [...].

[...] apresentamos para as autoridades locais, Reis e Rainhas, depois a gente faz algumas visitas e vem para o almoço [...].

[...] o terno segue para a igreja novamente, participada da procissão santa com os andores dos santos padroeiros e os outros ternos, voltamos para a praça, realizamos o arreamento da bandeira e encerramos as festividades. [...].

[...] não saímos do nosso quartel sem fazer uma oração, sem pedir uma proteção, sem o fechamento do corpo [...].

[...] a gente faz uma oração pedindo proteção aos nossos santos para que podemos ter uma festa bonita, que seja abençoada e que seja maravilhosa para todos [...].

[...] as 05:00 horas começa a concentração dos congadeiros no quartel e temos a nossa alvorada que é a solta de foguetes e rojões [...].

[...] após cada terno ir se apresentando eles seguem para seus roteiros individuais, volta ao quartel para o almoço realizam as visitas, buscam seus reinados [...].

[...] a gente volta para a igreja, participamos junto aos outros ternos da procissão com os andores, participamos da missa e a festa se encerra com o arreamento da bandeira. [...].

[...] cada terno dentro do seu quartel começa a soltar os foguetes e rojões, que aqui na cidade é conhecido por Alvorada [...].

[...] os ternos vão estar lá todos juntos para participar da missa da congada e depois, assim que a missa acaba, tem o levantamento do mastro [...].

[...] temos alguns minutos lá para a gente estar cantando para as autoridades [...].

[...] a gente retorna para a igreja assim como os demais ternos para a gente poder realizar nossa procissão de fé aos santos padroeiros, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário [...].

[...] após a procissão tem outra missa e após a missa a gente faz a despedida lá na porta da igreja [...].

[...] nós realizamos uma oração pedindo para que o Santos padroeiros nos proporcione um belo dia de festividades aí a gente faz a nossa oração de fé que é o pai nosso para a gente poder estar subindo para a igreja [...].

[...] a procissão junto com todos os ternos carregando os andores, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, após a procissão tem outra missa e em seguida é arriado a bandeira e se encerra as festividades [...].

[...] as cinco da manhã acontece a alvorada que é o início dos festejos aqui da nossa festa, após a alvorada é servido um café da manhã para os congadeiros e para a comunidade em geral [...].

[...] Depois da missa conga a gente faz uma apresentação na praça treze de maio juntamente com os ternos da cidade e os ternos visitantes [...].

[...] a gente participa da procissão com os andores dos santos padroeiros com as imagens de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário e após essa procissão a gente volta para o nosso quartel e finaliza nossa festa [...].

[...] as cinco horas da manhã temos a alvorada parte da ordem sistemática da manifestação do dia [...].

[...] seguimos de volta para o almoço damos uma descansada e seguimos em busca do reinado, para participar da procissão com os andores. Após a procissão santa tem outro missa e acontece o encerramento das festividades [...].

[...] começaremos as 5 horas da manhã é quando começa a devoção com a soltura dos foguetes conhecida como alvorada [...].

[...] realizaremos a nossa oração para pedir a Deus e aos santos padroeiros, para que aquele dia de festa ocorra da melhor forma possível, cheio de bênçãos [...].

[...] após a missa aguardaremos para realizar a nossa apresentação, almoçamos e em seguida iremos buscamos o nosso rei e nossa rainha para depois voltamos para a igreja para realizarmos a procissão com os santos padroeiros e no final da noite encerraremos as nossas festividades [...].

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Etapa 2 – Categorização

A segunda etapa consiste na categorização dos dados, e para isso utilizamos o software Nvivo 11⁹, que foi desenvolvido para auxiliar a organizar, analisar e buscar informações em

⁹ <http://www.larhud.ibict.br/index.php?title=NVivo>

Quadro 12: Categorias emergentes

Categorias
Categoria 01 - Vestimentas e adereços (Oralidade)
Categoria 02 - Leilões do congado (Preparações)
Categoria 03 - Instrumentos percussivos (Apresentações)

Fonte: Acervo pessoal do autor

Etapa 3 – Capitação do novo emergente

Nessa etapa, após as categorias emergentes, foi criado um texto explicando os conceitos Matemáticos que emergem de tais categorias.

Categoria 01 - Vestimentas e adereços (Oralidade): Um dos pontos que é possível notar é a diversidade das vestimentas dos congadeiros. Elas trazem diversas cores, formas e cada um tem uma especificidade em seus adereços, seja em chapéus, bandanas, toucas, fitas e sem falar nos modelos. Com isso podemos descrever como é organizado esses fatores até ficar pronto para o dia das festividades.

Todos os anos as preparações das vestimentas e adereços se iniciam a alguns meses antes da festa. Em cada subgrupo do terno uma pessoa é responsável por decidir o que deve ser mudado nas vestimentas. As madrinhas da bandeira ficam responsáveis pelas vestimentas das meninas do estandarte, o capitão da caixaria fica responsável pelas vestimentas dos caixeiros, as madrinhas organizam as roupas das madrinhas dos capitães e das baianas. Geralmente as únicas roupas que mudam todos os anos são as vestimentas das meninas da bandeira e das madrinhas, as dos demais sofrem mudanças, mas não periódicas.

Esse processo acontece em um longo período em que acontecem diversas reuniões entre elas, no qual são apresentados modelos, estampas e design até ser decidido pela maioria o modelo a ser utilizado por elas no próximo ano. Sendo assim são escolhidos o modelo da roupa, a estampa a ser utilizada, os sapatos e os adereços. Esse processo de escolha é confidencial, pois os outros componentes só irão ver as roupas pela primeira vez no dia das festividades é uma forma de manter “segredo” e fazer surpresa.

Após tudo decidido, as roupas passam por um processo de confecção. As organizadoras partem em busca de costureiras para fazer o orçamento de quanto que será o custo de cada vestimenta. Dessa forma, a costureira é responsável por realizar as medições o corte e a costura de acordo com o tamanho de cada medida que varia de pessoa por pessoa. Esse processo ocorre de forma individual e é assim que ficam sabendo o valor a ser pago de acordo com a quantidade de pano a ser utilizado em cada roupa.

Esse valor informado pela costureira é pago de forma individual por cada das meninas e é controlado pela madrinha da bandeira, ela tem esse controle para que todas elas tenham a roupa completa no final do processo para que todas as meninas e madrinhas possam sair com o terno na melhor forma possível. Após as roupas prontas, as responsáveis pela arrecadação da verba, faz o pagamento para a costureira e as vestimentas são entregues perto da data das festividades. Uma coisa bastante visível é o design encontrado nas vestimentas e adereços dos congadeiros como nas malhas, mosaicos, mandalas, efeitos geométricos, fractais utilizando as diversas cores.

Categoria 02 - Leilões do congado (Preparações): Para que os ternos tenham condições de sair nas ruas realizando suas manifestações, é necessário passar por um período de organização. Existe a necessidade de realizar a fabricação e manutenção dos instrumentos, o processo de fabricação das vestimentas dos integrantes, organizar a alimentação para o dia da festa e dentre outras despesas que venham a surgir, tudo isso tem um custo que é financiado pelo próprio terno.

Durante esse processo de organização é disponibilizado para cada terno uma quantia. Esses recursos são disponibilizados pela fundação Zumbi dos Palmares que serve para minimizar os gastos que cada terno possui. Essa quantia é administrada pela diretoria de cada terno, mas nem sempre é possível pagar todas os gastos com esse recurso. Uma forma de arrecadação de verbas pelos ternos, são os leilões realizados na casa dos congadeiros e os encontros entre os próprios ternos.

Esses leilões são atividades planejadas com antecedência em que a família organiza o espaço para receber os congadeiros. Eles saem de casa em casa pedindo e arrecadando prendas e doações para serem leiloados no dia marcado. As prendas variam desde produtos perecíveis, alimentos já preparados como frango assado, salgados, bebidas e dentre outras coisas que podem ser arrecadadas. No dia da realização do leilão que geralmente acontece na casa de uma pessoa que é membro do terno, o grupo sai do quartel rumo ao endereço a ser realizado o leilão

em cortejo pelas ruas, louvando, cantando e tocando para os santos padroeiros. Ao chegar na residência o terno é recebido pelos donos da casa e ali é rezado um terço em agradecimento por aquele momento de devoção.

Após o terço é iniciado o leilão onde uma pessoa apresenta a prenda e inicia o lance com algum determinado valor, e aí vai surgindo outros lances até aquela prenda ser arrematada por alguém. Posteriormente é realizado o pagamento para o responsável. Esse processo é realizado diversas vezes até se encerrar todas as prendas. Em seguida após o término do leilão os componentes do terno se reúnem e tocam agradecendo o valor arrecadado e finalizam abençoando aquela família que lhes ajudaram. Pedem aos santos padroeiros para lhes darem bênçãos, prosperidade e saúde para todos eles. Geralmente a família ainda oferece uma janta em agradecimento pelo dia de louvores aos congadeiros.

O leilão realizado pelos ternos de congo é bem semelhante aos leilões tradicionais, onde se expõe um bem valioso e é arrematado por um alto valor. Porém um fato curioso que acontece é que no leilão da congada é que ele não segue uma lógica capitalista. O processo, ao contrário, muitas vezes um bem não valioso é arrematado por um alto valor, por vezes um valor acima do valor de mercado do produto. Por que isso acontece? Uma das justificativas é que a comunidade presente nesses leilões, não se preocupa com o valor das prendas e sim com a finalidade que será tomada com os recursos arrecadados. O dinheiro servirá para auxiliar a dar continuidade nas tradições da congada. Um exemplo para entender essa lógica, que acontece bastante, é que ao leiloar um frango assado, o lance final chega a ser de aproximadamente R\$ 100,00, o valor de mercado gira em torno de R\$ 40,00 reais. As pessoas pagam esse valor com intuito de solidariedade que faz parte das iniciativas das comunidades congadeiras.

Categoria 03 - Instrumentos percussivos (Apresentações): Em relação aos instrumentos que são utilizados pelos ternos de congado, o formato dos instrumentos se remete a figuras e formas da geometria plana e espacial, podendo ser possível realizar cálculos matemáticos. Um exemplo bem claro é a caixa/ tambor, que é um instrumento presente em todas as confrarias e seu formato matemático pode ser relacionado a um cilindro, que é um sólido geométrico que possui um corpo redondo e suas superfícies são círculos. Dessa forma é possível realizar cálculos de área e volume utilizando os instrumentos, podendo verificar até mesmo a proporcionalidade existente de um instrumento a outro, pois eles variam de tamanhos, podendo ainda fazer investigações as intensidades sonoras, que variam de acordo com o local de batida no instrumento e tamanho.

Etapa 4 – O processo auto-organizado

Essa etapa consiste na compreensão emergente das categorias e teve como resultado a elaboração de propostas didáticas relacionando a matemática e as manifestações da cultura da congada. O primeiro plano de aula está relacionado com a categoria 01 e aborda uma sequência de três aulas de cinquenta minutos e está destinada aos alunos do 7º ano do ensino fundamental e tem os seguintes objetivos: o geral é desenvolver conceitos de simetrias de translação, rotação e reflexão e construções de figuras simétricas, e os específicos são: desenvolver habilidades artísticas utilizando o conceito de simetria; executar de forma eficaz, ao conceito de posicionamento de figuras no plano cartesiano; construir diferentes tipos de simetrias utilizando o software Amaziograph; utilizar o conceito de simetria para construir designer que possam ser utilizados nas vestimentas e adereços dos congadeiros;

O segundo plano de aula está relacionado a categoria 03 e possui uma sequência de duas aulas de cinquenta minutos destinado aos alunos do 7º ano do ensino fundamental e possui os seguintes objetivos: o geral é utilizar instrumentos de medições para realizar cálculos de área e volume dos instrumentos utilizados pelos congadeiros, e os específicos são: realizar montagem e desmontagem dos instrumentos e identificar seus elementos geométricos; realizar cálculo de área nos instrumentos desmontados; utilizar instrumentos de medição, para realizar cálculo de volume e capacidade nos instrumentos musicais dos congadeiros.

O terceiro plano de aula está relacionado a categoria 02 e possui uma sequência de três aulas de cinquenta minutos destinada aos alunos do 9º ano do ensino fundamental e possui os seguintes objetivos: o geral é trabalhar conteúdo da Matemática Financeira (planejamento, investimentos e imprevistos) em cima de situações do cotidiano dos congadeiros, e os específicos são: desenvolver nos educandos o senso de planejamento orçamentário; executar de forma eficaz, a montagem de planilhas orçamentárias e comparar gastos; comparar e discutir situações, visando a tomada de decisões; compreender e mobilizar a importância de poupar e se organizar financeiramente.

Após a realização de todas as etapas da técnica de análise descritiva, conseguimos elaborar tais atividades que foram aplicadas nas turmas do pesquisador, e contempla o produto educacional dessa dissertação que é um guia prático para professores de Matemática.

10. PRODUTO EDUCACIONAL

10.1 – Sobre o Produto

Este Guia é um produto educacional gerado por meio de uma dissertação do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Uberlândia – PPGECM/UFU, que visa contribuir para a implementação da Lei 10.639/2003 em relação ao conteúdo de Matemática, no qual nesse material foi disponibilizado recursos, métodos e procedimentos para que os profissionais da educação possam se tornar qualificados e atender a demanda de se trabalhar conteúdo da história e da cultura Africana e afro-brasileira junto com conteúdo específicos.

Intitulada “As manifestações da congada a educação matemática antirracista”, a pesquisa teve como objetivo compreender como a Matemática existente nos instrumentos percussivos do Congado e em outros artefatos poderiam auxiliar professores de Matemática na implementação da Lei 10.639/2003. A pesquisa foi conduzida com foco em três etapas: (a) estudar os saberes e os fazeres das manifestações da congada na cidade de Ituiutaba-MG; (b) observar de forma participativa os encontros, leilões e ensaios dos ternos ao realizar as manifestações e (c) buscar relações a partir da produção de dados entre as teorias do Programa Etnomatemática e as teorias Decoloniais.

A partir dos dados obtidos, refletiu-se sobre a elaboração deste produto educacional descrito como: “Saberes etnomatemáticos da Congada: contribuições para uma educação matemática antirracista”, com o intuito de auxiliar professores na aplicação de três propostas de ensino desenvolvidas mediante a análise dos dados, articulado a temática das manifestações da congada com a Matemática. Esse material foi dividido em quatro seções, no qual a parte

inicial apresenta o contexto da pesquisa desenvolvida pelo autor, sobre os pressupostos das manifestações da Congada como movimento cultural afro-brasileiro e de resistência.

A segunda parte apresenta os pressupostos da Lei 10.639/2003 no qual conta com os estudos sobre a implementação e aplicabilidade mediante as áreas de ensino. A terceira seção apresenta o contexto e as teorias do Programa Etnomatemática como fundamentação teórica e metodológica e as suas contribuições para o ensino de matemática. A parte final apresenta uma sequência de três propostas de atividades que faz a ligação desses contextos, atendendo aos princípios da pesquisa. Por fim, esse Guia conta com um apêndice, referências bibliográficas, anexos contendo todas as atividades descritas para que professores e pesquisadores possam aplicar em suas turmas e por último os agradecimentos.

10.2 – Validação do Produto Educacional

A validação do produto educacional, ocorreu durante a aplicação das propostas das atividades com as turmas de 7º ano e 9º ano do ensino fundamental II em que o pesquisador ministra suas aulas. As atividades foram aplicadas durante o mês de novembro que é um mês de se pensar a Consciência Negra comemorada no dia vinte. A data foi pensada porque na semana que antecede o dia vinte de novembro, a escola se mobiliza para pensar em atividades voltadas para questões étnico-raciais.

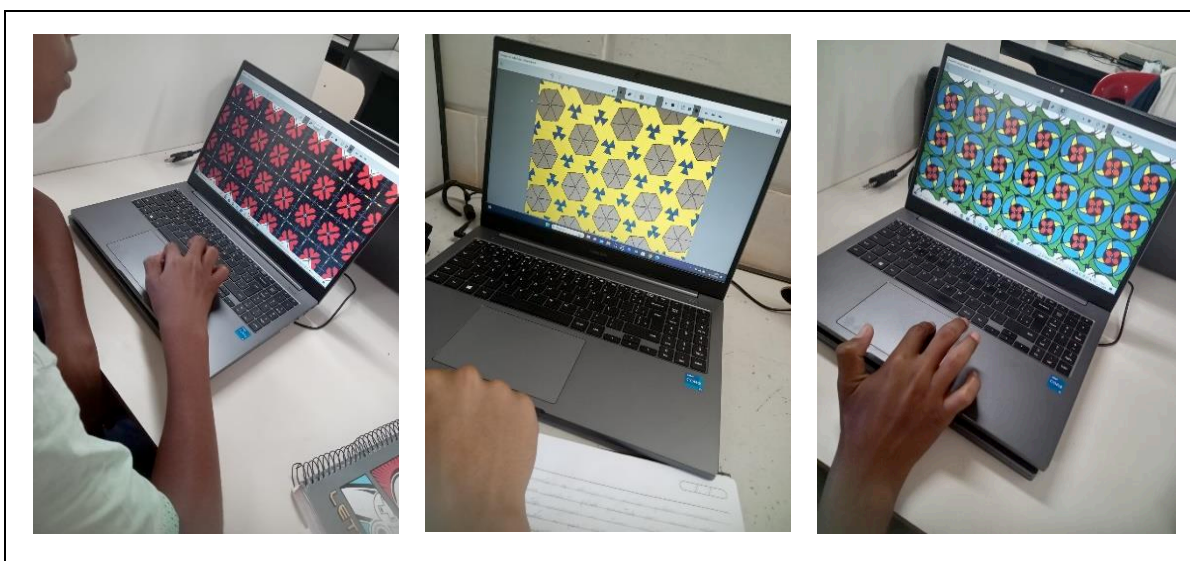
Atividade 1 - Simetrias nas vestimentas, adereços e artefatos - AULA 1 e 2 – Desenvolvimento: Iniciei a aula realizando abordagens sobre as manifestações da congada de modo em geral, questionando sobre o conhecimento das manifestações, os pressupostos da cultura em forma de roda de conversa. Após ouvir os alunos realizei uma intervenção sobre a importância desse movimento para a população. Posteriormente solicitei aos alunos que buscassem por vídeos e fotos das manifestações da congada nos ambientes virtuais. O objetivo é que eles pudessem ficar familiarizados com as manifestações, com a religiosidade os movimentos, as técnicas e a ludicidade. Como tarefa solicitei que os alunos escrevessem em uma folha o que mais lhe chamaram a atenção ao realizar pesquisas sobre as manifestações da congada.

Após esse primeiro momento, realizei uma roda de conversa com os alunos afim de ouvi-los sobre os elementos que mais chamaram a atenção. Fiz algumas indagações até que um aluno pontuou sobre as vestimentas, adereços e a riqueza das cores e o formato dos desenhos.

Após esse momento relembramos o conceito de simetrias visto anteriormente, e assimilei as figuras geométricas utilizadas nas vestimentas e adereços utilizados pelos congadeiros durante as manifestações da congada.

AULA 3 – Desenvolvimento: A terceira aula foi desenvolvida e utilizou os recursos tecnológicos na sala de informática. Foi apresentado aos alunos o aplicativo Amaziograph que permite criar mosaicos e mandalas para estudar conceitos de simetria. Solicitei aos alunos que realizem a construção de galerias de estampas escolhendo as cores e traços que desejassem. O aplicativo é bastante intuitivo e fácil de manusear. Após esse momento de construção solicitei que eles desenvolvessem as estampas e salvassem para utilizarmos nas próximas aulas, solicitei que eles criassem pelo menos 3 estampas diferentes. No quadro abaixo é possível verificar o processo de construção das simetrias feitas pelos alunos.

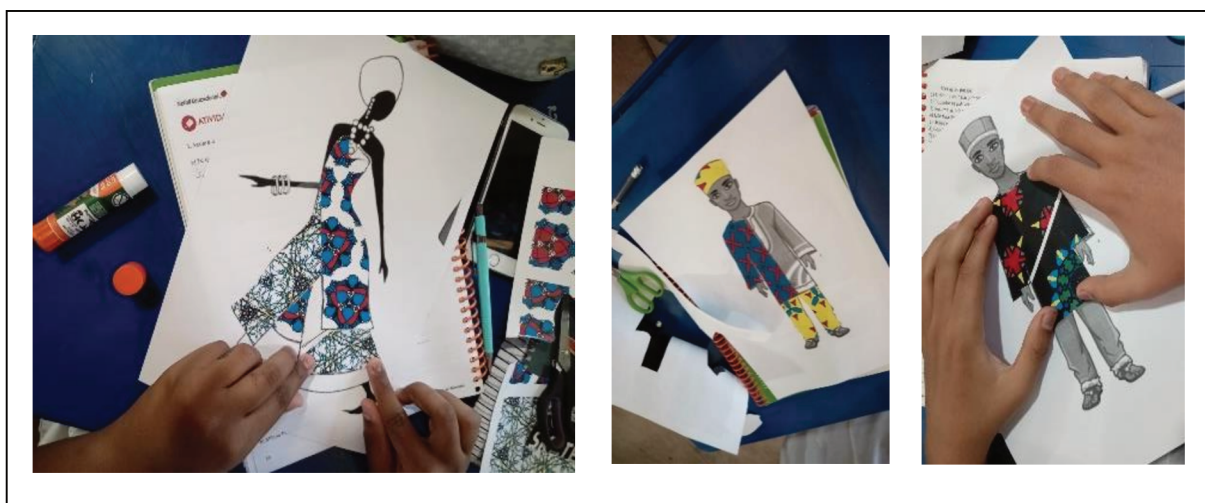
Quadro 13: Galeria de Simetrias



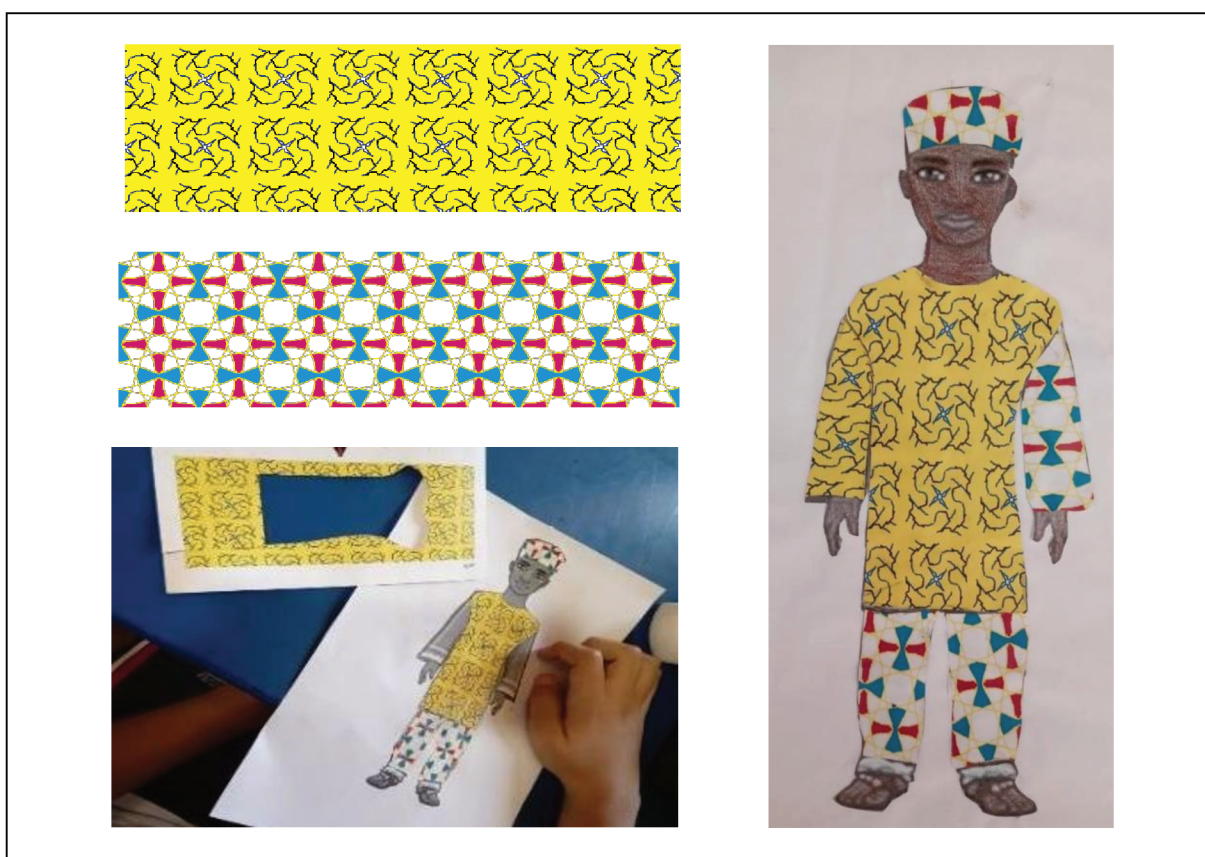
Fonte: Acervo pessoal do autor

AULA 4 e 5 – Desenvolvimento: A quarta e quinta aula foi desenvolvida com o intuito de que os alunos construíssem modelos de vestimentas com as simetrias desenvolvidas na aula anterior. Dessa forma, anteriormente selecionei as estampas criadas pelos alunos e fiz a impressão em folhas tamanho A4. Entreguei para eles uma moldura de vestimentas no estilo afro e suas estampas, para que eles pudessem recriar vestimentas dos congadeiros.

Nesse momento os alunos puderam utilizar sua criatividade, pois a arte permite que os alunos expressem suas emoções, pensamentos e experiências de maneiras únicas e pessoais. No quadro abaixo é possível verificar o processo de construção das vestimentas.

Quadro 14: Processo de construção das vestimentas dos congadeiros

Fonte: Acervo pessoal do autor

Quadro 15: Processo de construção das vestimentas dos congadeiros

Fonte: Acervo pessoal do autor

Após confeccionada as vestimentas, a atividade foi exposta em um mural da escola para que a comunidade escolar pudesse apreciar a arte desenvolvida pelos alunos. No quadro abaixo é possível verificar a alguns designs realizados pelos alunos.

Quadro 16: Design das vestimentas dos congadeiros

Fonte: Acervo pessoal do autor

Atividade 2 - Matemática financeira dos leilões do congado - AULA 1 – Desenvolvimento: O objetivo dessa atividade foi que os estudantes aprendessem a utilizar elementos da matemática financeira como orçamento, recursos, planejamento e controle financeiro. Iniciei a aula apresentando alguns desafios que a comunidade congadeira enfrenta ao manter as despesas de um terno. Primeiro, apresentei aos alunos algumas formas de arrecadação de recursos que eles utilizam e ressaltéi que existe uma que o governo disponibiliza para auxiliar a população em algumas despesas. Enfatizei aos alunos que nesta aula, eles irão aprender sobre a importância das ferramentas de organização e planejamento. Solicitei que eles organizassem a sala em forma de uma roda, e iniciassem uma conversa apresentando alguns questionamentos. Estimulei para que eles participem das discussões sobre as manifestações da congada, sobre seus elementos e religiosidade. Após esse momento de conhecer as manifestações perguntei aos alunos, quais são os elementos que eles acreditam que os integrantes dos ternos gastam mais recursos financeiros. Conduzi o diálogo até que eles ficassem cientes sobre a demanda de despesas e arrecadações de finanças. Finalizei a aula abordando a temática orçamento, sobre o que essa ferramenta é e como que ela poderia auxiliar na melhor tomada de decisões.

AULA 2 – Desenvolvimento: Solicitei que os alunos se posicionassem em uma roda novamente e realizei algumas perguntas para estimular os alunos a participarem e relembrar o conceito abordado na aula anterior. Questionei sobre o que vinha a ser a palavra orçamento, se

algun deles realiza esse tipo de ação, se seus familiares praticam o hábito de utilizar essa ferramenta. Após ouvir a fala dos alunos, expliquei que orçamento é uma ferramenta para que possamos estimar a quantia que recebemos e o quanto gastamos em um determinado período, podendo verificar e até mesmo estruturar nossa vida financeira. Finalizei a intervenção abordando sobre a importância de elaborar e acompanhar orçamento, pois essa ferramenta auxilia a gastar menos e controlar os recursos e decidir qual a melhor tomada de decisão. Após essa discussão, solicitei que a turma fosse dividida em grupos de no máximo cinco alunos e entreguei a cada grupo uma situação problema a ser analisada. As cartilhas entregues aos alunos são situações fictícias que abordaram elementos de algum grupo de congado sobre despesas e acúmulo de recursos. Cada grupo terá uns 20 minutos para analisar tal situação e adicionar um parecer. Após esse tempo foi entregue aos grupos uma situação de imprevisto que mudaria toda a história e os alunos deveriam tomar a melhor decisão. Após todos os grupos realizarem as discussões, solicitei que um representante do grupo expusesse as decisões e realizasse um pequeno debate sobre a melhor tomada de decisão e relatassem o que eles entenderam por imprevistos. Finalizei a aula ressaltando a importância do planejamento.

Quadro 17: Aplicação das Atividades

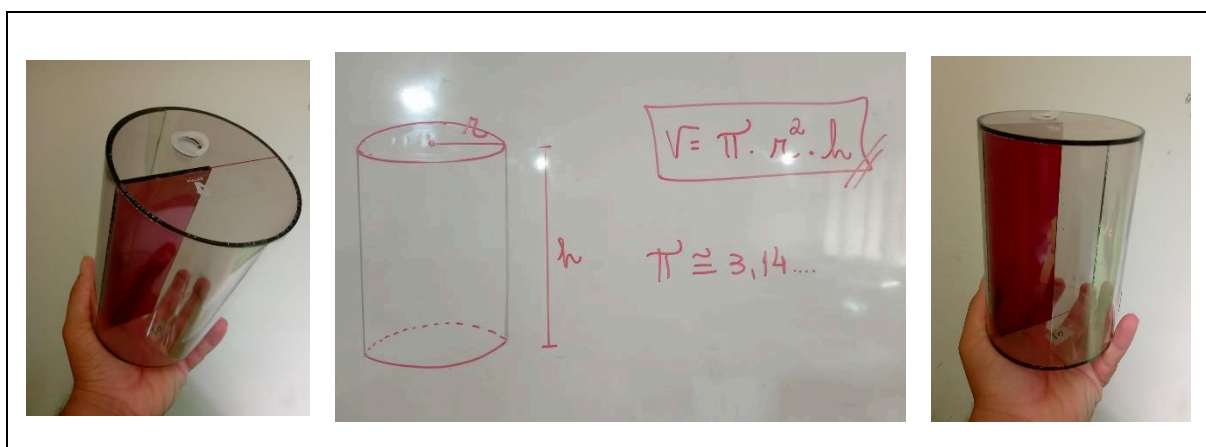


Fonte: Acervo pessoal do autor

AULA 3 – Desenvolvimento: Ao iniciar a aula, solicitei que os alunos com base no aprendizado e nas discussões, escrevessem dicas para auxiliar os ternos a poupar verbas e que apresentassem ideias para a arrecadação de recursos para a realização das manutenções dos grupos. Finalizei a aula realizando uma intervenção sobre a importância da matemática financeira para tomada de decisões.

Atividade 03 - Matemática nos instrumentos percussivos utilizados no congado -

AULA 1 – Desenvolvimento: A primeira aula deve ocorrer após os alunos já terem um conhecimento prévio sobre conceito de cálculo de área e volume do cilindro. A proposta em questão, objetiva realizar o cálculo de área e de volume utilizando os instrumentos. Relembrei com os alunos o conceito de área de um sólido que pode ser relacionada com a medida da superfície de um sólido, podendo ser utilizada para determinar a quantidade de material a ser utilizado para a realizar a construção da figura espacial, e o volume de um sólido, representa a capacidade que este objeto possui em armazenar algo. Nessa aula vimos e desenhamos alguns sólidos espaciais, como cone, cilindro, esfera, cubo e prismas, visualizamos a construção das fórmulas de área e volume de cada uma delas, e vale ressaltar que utilizamos em nossos cálculos o ($\pi = 3$), e após isso realizamos alguns cálculos aproximados do volume de cada sólido.

Quadro 18: Aula explicativa sobre o Cilindro e seus elementos.


Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

AULA 2 e 3 – Desenvolvimento: Nessa aula iniciei a intervenção abordando com os alunos que na geometria espacial existem técnicas que nos permitem realizar tais cálculos. Após lembrar com os alunos o conceito relacionado ao cálculo de área e volume, indaguei aos alunos sobre as manifestações da congada e levei eles a relacionar os instrumentos com os formatos dos instrumentos, chegamos à conclusão de que o tambor/caixa pode ser associado como um cilindro. Solicitei que os alunos fizessem grupos e lhes entreguei uma ficha de registro fita métricas, réguas, chaves e três instrumentos para cada grupo de modo que os alunos pudessem manipular os instrumentos, fazer as medições corretas utilizando instrumentos de medições e assim realizar aproximadamente os cálculos de área e volume.

Quadro 19: Aula prática sobre o Cilindro e seus elementos.



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

Deixei que eles desmontassem e montassem os instrumentos para que eles realizassem as devidas anotações na ficha de registro. Fiquei a todo momento dando suporte aos grupos, auxiliando a manipularem os instrumentos. Finalizei a aula realizando intervenções sobre o cálculo de volume dos instrumentos.

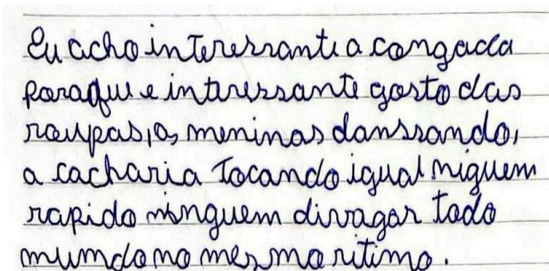
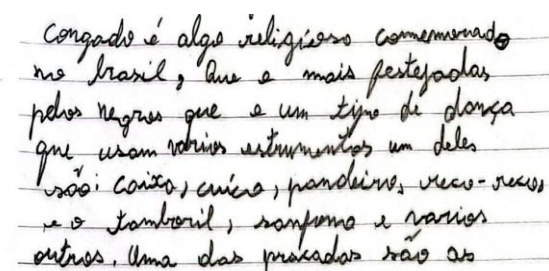
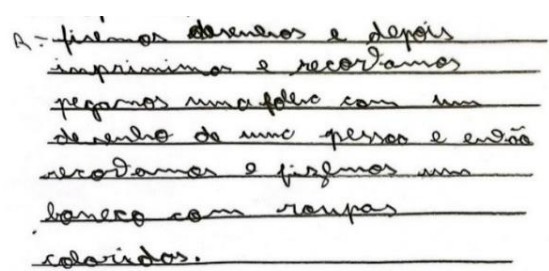
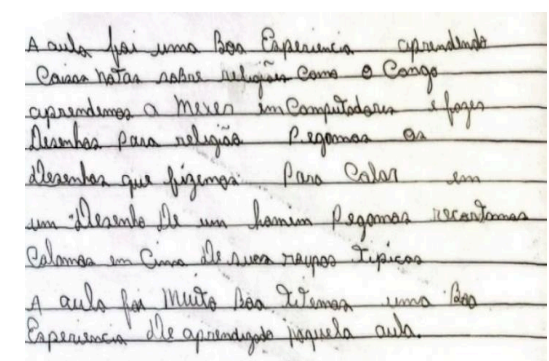
10.3 – Discussão breve sobre a aplicação

Com a realização desta pesquisa e da aplicação das tarefas contidas no produto educacional, foi possível interligar conteúdos matemáticos com as manifestações culturais da congada. Nesse sentido acerca dos contextos apresentados nas atividades foi possível mostrar a multidisciplinaridade entre esses conceitos, pois proporcionar atividades lúdicas foi muito prazeroso tanto para os alunos quanto para mim enquanto professor. Abordar uma aula fora do contexto tradicional lousa e giz chamou bastante a atenção dos alunos, despertando o interesse e o senso de investigação.

As três atividades foram aplicadas envolvendo a manipulação de materiais concretos, no qual foi possível verificar a aplicabilidade dos conteúdos conceitos com a prática, fazendo com que a atividade fosse reflexiva. Ao final da aplicação de cada uma das atividades, houve o momento de conversa com os alunos, no qual em seguida foi solicitado que eles escrevessem em poucas palavras sobre a dinâmica das atividades, seu ponto de vista em utilizar materiais

manipuláveis, e sua opinião sobre a aplicabilidade das propostas, que apresentaremos algumas falas no quadro a seguir.

Quadro 20: Feedback dos alunos sobre as atividades

	<p><i>Eu acho interessante a congada, porque gosto das roupas, as meninas dançando, a cacharia tocando igual, ninguém rápido e ninguém devagar, todos no mesmo ritmo – (Aluno A).</i></p>
	<p><i>O congado é algo religioso comemorado no Brasil, que é mais festejado pelos negros. É um tipo de dança que usam vários instrumentos que são: caixa, cuica, pandeiros, reco-reco, tamborim, sanfona e vários outros – (Aluno B).</i></p>
	<p><i>Fizemos desenhos e depois imprimimos e recortamos, pegamos uma folha com um desenho de uma pessoa e então recortamos e fizemos um boneco com roupas coloridas – (Aluno C).</i></p>
	<p><i>A aula foi uma boa experiência, aprendemos coisas novas sobre religião como o congo, aprendemos a mexer no computador e fazer desenhos para religião. Pegamos os desenhos que fizemos para colar em um homem, pegamos, recortamos e colamos em cima de suas roupas típicas. A aula foi muito boa, tivemos uma boa experiência de aprendizado naquela aula – (Aluno D).</i></p>

foi muito da hora com
uma fita de medir e medimos
tudo e então respondemos
numa folha e medimos
altura largura e tudo mais
foi bem da hora gostei
bastante.

Foi muito da hora, com uma fita de medir, medimos tudo e então respondemos numa folha, medimos a altura, largura e o fundo, foi bem da hora, gostei bastante – (Aluno E).

A aula de medir os instrumentos foi uma aula
divertida medindo instrumentos do Congo
Do professor foi uma experiência boa
usar a fita métrica para medir os
instrumentos do Congo foi uma aula muito boa
e divertida eu gostei de ficar medindo
instrumentos da minha parte cidares
essa forma de aprender foi
uma forma legal de aprendizagem

A aula de medir os instrumentos foi uma aula divertida medindo os instrumentos do congo do professor. Foi uma experiência boa usar a fita métrica para medir os instrumentos de congo foi uma aula muito boa e divertida, eu gostei de ficar medindo os instrumentos. Da minha parte adorei essa forma de aprender foi uma forma legal de aprendizado – (Aluno F).

Eu gostei muito da aula aprendi
sobre as medidas e sobre ~~as~~ muitas
outras coisas medir em uma aula presencial
é o melhor pois dá para nós ter mais noção
das coisas. Aprendi um pouco sobre o congo
e gostei de pintar e fazer as roupas do
boneco e pintar.

Eu gostei muito da aula, aprendi sobre as medidas e sobre muitas outras coisas medir em uma aula presencial é melhor pois dá para a gente ter mais noção das coisas. Aprendi um pouco sobre o congo e gostei de pintar e fazer as roupas dos bonecos – (Aluno G).

achei a aula muito interessante
até por que foi no computador, a
parte mais difícil foi montar as
roupas, eu achei muito difícil

Eu achei a aula muito interessante até porque foi no computador, a parte mais difícil foi montar as roupas, eu achei muito difícil – (Aluno H).

Eu achei bem legal também, nos
fez grupo e tivemos que medir o raio, a altura
etc. usamos fita métrica para medir os instrumentos
e escrevemos no papel os
valores que deu no grupo

Eu achei bem legal também, a gente fez o grupo e tivemos que medir o raio, a altura etc. Usamos fita métrica para medir os instrumentos e escrevemos no papel os valores que deu – (Aluno I).

Eu achei a aula muito diferente e por isso ela foi mais legal e divertida. Foi bom para nos ensinar a mexer no computador, nos ensinando a desenhar e colorir. E na nossa aula na sala foi muito legal para podermos entender melhor a cultura do congo, e foi muito legal colorir - mas os desenhos do congo.

Eu achei a aula muito diferente e por isso ela foi mais legal e divertida. Foi bom para nos ensinar a mexer no computador, nos ensinando a desenhar e colorir. E na nossa aula na sala foi muito legal para podermos entender melhor a cultura do congo – (Aluno J).

A aula foi bastante legal, gostei de usar o computador ao construir as simetrias das roupas dos congadeiros, achei bastante proveitoso.

A aula foi bastante legal, gostei de usar o computador ao construir as simetrias das roupas dos congadeiros, achei bastante proveitoso – (Aluno K).

Eu sou Congadeiro e quando o professor explicou o conteúdo de Matemática usando os instrumentos do Congo, pra mim foi a melhor aula que tive.

Eu sou congadeiro e quando o professor explicou a o conteúdo de matemática usando os instrumentos do congo, para mim foi a melhor aula que tive – (Aluno L).

Eu não gostei muito da aula porque sou de outra região do Brasil e não conhecia a congada, por isso nem me interessei.

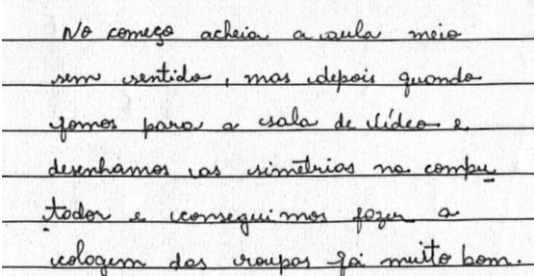
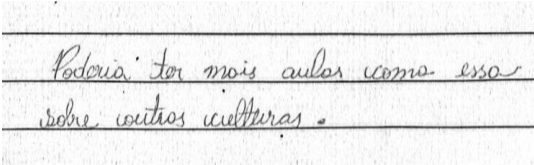
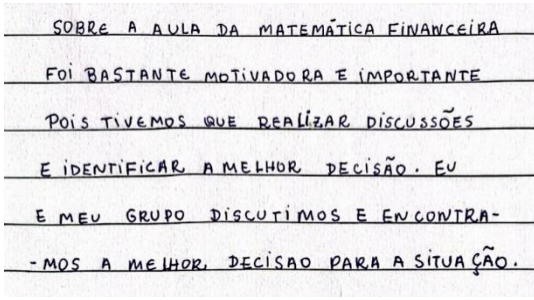
Eu não gostei muito da aula porque sou de outra região do Brasil e não conhecia a congada, por isso nem me interessei – (Aluno M).

QUANDO O PROFESSOR PROPOS A AULA EU FIQUEI TODA EMPOLGADA, ME SENTI REPRESENTADA, POR ESTAR FALANDO DA MINHA CULTURA.

Quando o professor propôs a aula, eu fiquei toda empolgada, me senti representada, por estar falando da minha cultura – (Aluno N).

A aula de desenhar as roupas no computador foi muito boa, porque podemos ver as semelhanças nas roupas utilizadas na congada e fazemos isso utilizando a matemática.

A aula de desenhar as roupas no computador foi muito boa, porque podemos ver as semelhanças nas roupas utilizadas na congada e fizemos isso utilizando a matemática – (Aluno O).

	<p><i>No começo achei a aula meio sem sentido, mas depois quando fomos para a sala de vídeo e desenhamos as simetrias no computador e conseguimos fazer a colagem das roupas foi muito bom – (Aluno p).</i></p>
	<p><i>Poderia ter mais aulas como essa sobre outras culturas – (Aluno Q).</i></p>
	<p><i>Sobre a aula da matemática financeira, foi bastante motivadora e importante pois tivemos que realizar discussões e identificar a melhor decisão. Eu e meu grupo discutimos e encontramos a melhor decisão para a situação – (Aluno R)</i></p>

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

Como vimos acima nos argumentos dos estudantes que participaram das atividades é possível perceber que as propostas chamaram bastante atenção no aspecto de que foi desenvolvida com materiais manipuláveis, de modo que, os alunos ficaram bastante empolgados em desenvolvê-las. Além disso, proporcionou a eles um sentimento de prazer em estar relacionando elementos da vivência das manifestações da congada com elementos matemáticos vistos em sala de aula. Outros comentários relevantes apresentaram que as atividades fora do contexto de sala de aula causaram espanto em alguns alunos, pelo fato de que estão acostumados somente a aulas tradicionais de lousa, giz e resolução de exercícios. Desse modo acredito que o desenvolvimento dessas atividades proporcionou um impacto positivo na vida dos educandos, plantando a ideia de que a matemática pode estar em diversos elementos do nosso cotidiano.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta pesquisa envolvendo as manifestações culturais da congada com a matemática, evidenciou que os saberes e fazeres, podem sim ser utilizados como ferramentas de ensino e aprendizagem, proporcionando subsídios para uma Educação Matemática Antirracista, ao relacionar as práticas da cultura afro-brasileira com a matemática escolar, ocasionando tanto aos alunos quanto ao professor uma aprendizagem que viabiliza a formação crítica dos indivíduos. Nesse sentido, as atividades pedagógicas desenvolvidas com os alunos, contribuiu para que as manifestações da congada tivessem um papel de representatividade positiva.

As teorias do Programa Etnomatemática, contribuíram para proporcionar aos nossos alunos uma aprendizagem voltada para a desconstrução de que existe apenas uma forma de se ensinar e aprender matemática, pelo fato de possibilitar a validação e o estudo de outras formas de conhecimento matemático, saberes e fazeres que podem ser utilizados em sala de aula. Além do trabalho com as teorias decoloniais, as manifestações da congada dentro do processo de ensino e aprendizagem, mostra que o trabalho com esses recursos traz benefícios para a construção do conhecimento, advindo de outras culturas.

Diante da escassez de estudos voltados para as relações étnicos-raciais em relação ao ensino de matemática, é necessário ponderarmos que apesar do currículo abordar esses conteúdos presenciei em minha trajetória acadêmica, que professores na maioria das vezes não se sentem preparados para atender a Lei 10.639/2003, diante disso, acreditamos que nossos estudos contribuirão para que docentes e futuros professores tenham formações para que se tornem profissionais capacitados. Outra questão que vale ser ressaltada se dá pelo fato de que

as manifestações culturais afro-brasileiras da congada, tenham um papel fundamental na construção de um cidadão crítico em relação a representatividade.

Sobre o produto educacional oriundo dessa pesquisa, acreditamos que as dicas e as atividades contidas nesse material promovem o diálogo entre a conscientização do professor ao abordar a temática em sala de aula com a lei que torna obrigatório a utilização dessa temática. Acreditamos ainda que esse guia poderá capacitar não só docentes e sim as comunidades racializadas, fornecendo recursos e apoio para que possam resistir ao racismo, defender seus direitos, e irem em busca do seu lugar de fala, isso inclui promover liderança e representatividade em todos os setores da sociedade.

12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGROSINO, M. **Etnografia e Observação Participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ALMEIDA, M. G. de; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (Org.). **Geografia a e cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia: Editora Vieira, 2008.

ARANTES, Nélio. Pequena história do Carnaval no Brasil. **Revista Longeviver**, n. 29, 2013. Disponível em: <<https://www.revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/viewFile/327/327>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 1ª ed. 2022.

BRASIL. **Lei 10.639/2003**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei 11.645/08** de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASILEIRO, Jeremias. Coexistência Cultural e Religiosa: um diálogo entre as congadas e o catolicismo popular. **Revista Relicário**, v. 5, n. 10, p. 35-51, 2018. Disponível em: <<https://museudeartesauberlandia.com.br/index.php/relicario/article/view/29>>. Acesso em: 30 jan. 2023. DOI: <https://doi.org/10.14393/issn2358-3703.v3n2a2016-03>

BRASILEIRO, Jeremias. Coexistência Cultural e Religiosa nas Congadas de Minas Gerais. **Rascunhos**, Uberlândia, v.3, n. 2, dez 2016, p. 21-32. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/35653>>. Acesso em: 28 jan. 2024.

BRASILEIRO, J. **O ressoar dos tambores do Congado: entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955-2011)**. 2012. 192 f. Dissertação de (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16431/1/d.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

CÉSAIRE, Aime. **Discurso sobre o colonialismo**. 2º Ed. Livraria Livros & Livros Ltda. 2020. ISBN 978-85-7662-057-0.

COPPE-OLIVEIRA, C. I. **A dimensão pedagógica da Etnomatemática como possibilidade de implementação da Lei 10639/03**. In: VEm Brasil - Virtual Etnomatemática - Brasil - online (ISBN: 978-65-00-05988-5), 2020. Disponível em: <<https://www.doity.com.br/anais/vem-brasil/trabalho/138006>>. Acesso em: 10 de fev. 2023.

COSTA, Tony Leão da. Carimbó–negritude, indianeidade e caboclice: debates sobre raça e identidade na música popular amazônica (década de 1970). **XXIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis, 2015**. Disponível em: <http://snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434409930_ARQUIVO_Carimbo-negritude,indianeidadeecaboclice.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2023.

CLARETO, S. M. **Terceiras Margens: um estudo etnomatemático de espacialidades em Laranjal do Jari (Amapá)**. Tese de Doutorado em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/102153>>. Acesso em 01 jul. 2023.

CRUZ, V. C. do. Territorialidades, identidades e lutas sociais na Amazônia. In: ARAÚJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBERT, Rogério. **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. p.93-122, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenapur/article/view/1283>>. Acesso em: 19 fev. 2023.

D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1998.

D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. - 4. ed. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

D'AMBRÓSIO, U. **Sociedade, cultura, matemática e seu ensino**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-120, jan/abr. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000100008>.

D'AMBRÓSIO, U; ROSA, M. Um diálogo com Ubiratan D'Ambrosio: uma conversa brasileira sobre etnomatemática. In: BANDEIRA, Francisco de Assis.; GONÇALVES, Paulo Gonçalo Farias. (Orgs.). **Etnomatemáticas pelo Brasil**: aspectos teóricos, ticas de matema e práticas escolares. Curitiba: CRV, 2016. p. 13-38.

DE OLIVEIRA SANTOS, Viviane et al. Lives no Instagram envolvendo matemática no dia a dia: contribuições do projeto “Sem mais nem menos on-line” para estudantes e professores da Educação Básica. 2020.

DOS SANTOS, Vanilda Honória. Apontamentos de antropologia filosófica afrodiáspórica das Congadas no Brasil. **Ítaca**, n. 36, p. 7-42, 2020. Disponível em: < <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/31776/19605> >. Acesso em: 30 jan.2023. DOI: <https://doi.org/10.59488/itaca.v0i36.31776>.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; DE AZEVEDO GUIMARÃES, Adriana Coutinho. História da capoeira. **Journal of Physical Education**, v. 13, n. 2, p. 141-150, 2002. Disponível em: < <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3712> >. Acesso em: 17 jan. 2023.

FREITAS, Juliana Ramalho. **A importância cultural do frevo para a população de Brasília**. UNICEUB, 2007. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/7328>. Acesso em: 24 jan. 2023.

GABBAY, Marcello M. Representações Sobre o Carimbó: tradição x modernidade. In: **IX Congresso das Ciências da Comunicação**. 2010. p. 02. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2010/resumos/R22-0223-1.pdf> >. Acesso em: 18 jan. 2023.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n 1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de educação**, pp. 75-85, Mai/Jun/Jul/Ago 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200006>.

GOMES, D. O.; CHISTÉ. B. S.; GONDIM, D. M. Contextos e Sem-Textos: uma formação de professoras (de matemática) para todos e para ninguém. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 12, n. 30, p. 695-708, 2019. Disponível em: <

<https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/9606/7174>>. Acesso em: 01 jul. 2023.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

KILOMBA, Grada. **DESCOLONIZANDO O CONHECIMENTO**. Google.com. Disponível em: < <https://youtu.be/iLYGbXewyxs?si=z5MdiICLH21ZWYqy> >. Acesso em: 10 fev. 2024.

LOPES, C. E. A constituição de professores pesquisadores que ensinam matemática e suas identidades profissionais ativistas. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 12, n. 30, p. 598-611, 2019. Disponível em: < <https://desafioonline.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/9615>>. Acesso em 01 jul. 2023.

MACEDO VARELLA, Marcos Vinícius. Folia de reis: tradição e modernidade. 2018. Disponível em:< <https://app.uff.br/riuff/handle/1/9642>>. Acesso em 17 jan. 2023.

MADRUGA, Zulma Elizabete de Freitas et al. **A criação de alegorias de carnaval: das relações entre modelagem matemática, etnomatemática e cognição**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2012.

MAIA, C. E. S. Ensaio Interpretativo da Dimensão Espacial das Festas Populares. Proposições sobre Festas Brasileiras. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. (Orgs.) **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ: 1999.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo, Cortez, 2003.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2020. E-book. Disponível em:< <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786586074192/>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 12, p. 117-128, 2006. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/wvLhSxkz3JRgv3mcXHBWSXB/>>. Acesso em: 14 nov. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132006000100009>.

NAVES, F. D. **O Congado Me Chamou: Narrativas de Vida e de Festa Nos Festejos de São Benedito em Ituiutaba-MG.** Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação) - Curso de Bacharelado em História, Universidade Federal de Uberlândia. 2011.

NAVES, F. D.; KATRIB, C. M. I. Cultura, identidade e religiosidade em Ituiutaba-MG. **Horizonte Científico**, Uberlândia, v. 6, n. 2, fev. 2012.

NOGUEIRA, M. V. R. Etnomatemática e Afrocentricidade: o que pensam os estudantes cotistas do curso de Matemática do ICENP/UFU. 2021. 101 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Matemática) - Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2022.

NOGUEIRA, M. V. R. Raízes Congadeiras. **Projeto** – Acervo Associação BAOBÁ, Ituiutaba, 2021. Disponível em: < <https://www.associacaobaoba.com/2%C2%AA-ed-ra%C3%ADzes-congadeiras>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil.** EDUFBA, 2009. Disponível em:< <https://books.scielo.org/id/96v9g>>. Acesso em: 17 jan. 2023. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788523217266>.

OLIVEIRA, P. R. A. De. Hidden Figures: um estudo na perspectiva da Etnomatemática acerca de mulheres negras. 2019. 63 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Matemática) - Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2019.

OLIVEIRA, Thays de Lima. **Passa pé na colonialidade: capoeira angola, saberes afrodiaspóricos e o ensino da matemática.** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso.

OLIVEIRA, Lúcia Helena dos Santos; SANTOS, Renê Aparecido. Conhecendo a Congada em Ituiutaba-MG: história, musicalidade e etnomatemática. In: OLIVEIRA, Cristiane Coppe de (Org). **Formação continuada de professores: por uma educação matemática antirracista.** Juiz de Fora, MG: Editora Siano, 2022.

PAIM, Elison Antonio et al. Problematizando o eurocentrismo e desconstruindo o racismo por meio de práticas pedagógicas decoloniais e interculturais. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 34, p. 41-60, 2019. Disponível em: < <https://periodicos.ufes.edu.br/index.php/FRCH/article/view/10975/7303> >. Acesso em: 14 nov. 2022. DOI: <https://doi.org/10.36661/2238-9717.2019n34.10975>.

PINHEIRO, B. C. S. **como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 3ª ed. 2023.

PRANDI, R. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. **Revista Usp**, n. 46, p. 52-65, 2000. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/32879/35450> >. Acesso em 07 out. 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i46p52-65>.

RAFAEL, Luana Regina Mendes et al. **Entre o ritmo, a cor e o movimento: as territorialidades na festa de congada da cidade de Ituiutaba/MG**. 2018. Disponível em: < <http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/21554> >. Acesso em: 13 fev.2023

REZENDE, R. L. **O congado como espaço constituinte da sociedade civil**. Vozes & Diálogos. Itajaí, v. 10, n.1, set./dez., 2011. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/2897>>. Acesso em 12 de fev. 2023.

SANTOS, R. A. O congado vive em mim: um estudo sobre a etnomatemática presente nas manifestações culturais afro-brasileiras. 2019. 56 f. **Trabalho de Conclusão de Curso (Matemática)** – Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2020.

SILVA, V. L. P, **As Congadas em São Paulo**: canções, narrativas e palavras. 2009. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em:< <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=493845> >. Acesso em: 30 jan. 2023.

SOUZA, Izabel Cristina de et al. Cultura africana e sua influência na cultura brasileira, 2018. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/12906> >. Acesso em: 07 out. 2022.

ZAMITH, R.M.B. Aspectos internos do fazer musical num congado de Munas Gerais. **Revista Música**, [S. 1.], v. 6, n. 1-2, p. 203-227, 1995. DOI: 10.11606/rmv6il/2.59116.

13. ANEXOS

13.1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “Saberes Etnomatemáticos da Congada: um estudo de suas potencialidades no ensino e aprendizagem de Matemática”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Renê Aparecido Santos e Leandro de Oliveira Souza. Nesta pesquisa nós estamos buscando compreender Como a Matemática existente nos instrumentos percussivos do Congado e em outros artefatos poderiam auxiliar professores de Matemática na implementação da Lei 10.639/2003. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador Renê Aparecido Santos, até a semana anterior a realização da pesquisa, por meio de preenchimento de formulário online a ser disponibilizado através de link aos participantes da pesquisa. Após o conhecimento das informações descritas neste documento, você poderá decidir, dentro do prazo de uma semana, se quer participar ou não desta pesquisa. Você terá o direito de desistir a qualquer momento de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo, bastando apenas informar aos pesquisadores a tomada de sua decisão.

Na sua participação, você deverá realizar uma entrevista semiestruturada, conversação e responder um formulário sobre a temática. A análise das suas respostas e dados será feita depois de finalizado cada um dos questionários, almejando identificar a descrição das manifestações da Congada, seus pressupostos enquanto movimento cultural. Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Para fins de pesquisa, estes arquivos ficarão sob a guarda e responsabilidade dos pesquisadores por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, e logo em seguida, todo o material gravado será deletado. Nesse sentido, estes arquivos serão criptografados, de modo que somente os pesquisadores tenham acesso a eles. Também nos comprometemos a divulgar os resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada (Resolução CNS nº 510 de

2016, Artigo 3º, Inciso IV). Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa. Em razão do isolamento social causado pela pandemia de COVID – 19, a realização da pesquisa será feita de forma online, da sua própria residência, não havendo custos com deslocamentos de qualquer natureza.

Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19). Os riscos consistem apenas na sua identificação, o que não é desejável, porém, caso isso ocorra, nos comprometemos a manter o sigilo absoluto de não revelar a sua identidade. Os benefícios que esta pesquisa apresenta para a sociedade é de grande importância, uma vez que buscaremos apresentar as manifestações da cultura da Congada, seus fazeres e saberes que envolvem conteúdos Etnomatemáticos. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Leandro de Oliveira Souza pelo telefone (34) 98721–2759 ou pelo endereço Rua 20, Nº 1600, Bairro Tupã, Ituiutaba/MG (Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal da UFU). Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilha no link: https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha_Direitos_Eticos_2020.pdf. Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Ituiutaba, de de 20.....

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante da pesquisa

13.2 – Roteiro da Entrevista Semiestruturada**1º Encontro**

Nome: Qual a sua idade? Qual Confraria (Congo/ Moçambique/ Marinheiro/ Catupé/ Marujos/ outros) da Congada você faz parte?

- 1) Aproximadamente há quantos anos você participa das manifestações da Congada na sua Cidade?
- 2) E como que surgiu o seu interesse em participar dessas festividades?
- 3) Qual é a sua função no terno que você é membro/participante?
- 4) Como é o funcionamento das ações realizadas pela comunidade congadeira da confraria que você está inserido?
- 5) Quais foram as principais influências que te levaram a se inserir ou permanecer nessa comunidade?
- 6) Quais ensinamentos/ saberes e fazeres são compartilhados durante as manifestações? E como que são compartilhados? Os ensinamentos que você adquiriu foram apreendidos como e onde?
- 7) De que forma você repassa esses conhecimentos para uma pessoa que deseja se inserir nessa comunidade ou que já nasce nela?
- 8) Quais valores a Congada proporciona/ proporcionou para você enquanto movimento cultural? E enquanto empoderamento?
- 9) Qual é o sentimento que é proporcionando, quando você está realizando as manifestações.

2º Encontro

- 10) Conte-me como, quando, e por quem, se deu o surgimento do terno em que você está inserido.
- 11) Descreva de forma sucinta, de que forma é realizada as preparações que antecedem as festividades em comemoração ao dia 13 de maio.
- 12) Descreva qual é o roteiro que seu terno segue no dia das festividades.
- 13) Cite três palavras que representa a Congada para você.

13.3 – Artigo

A Etnomatemática e a Congada: Simetrias nas vestimentas e nos artefatos dos congadeiros

Este artigo foi elaborado para uma revista no ano de 2024 e se encontra em processo de submissão. Em síntese, o texto do artigo trouxe a análise dos dados produzidos na proposta de atividade descrita como “Simetrias nas vestimentas e adereços dos congadeiros”, cujo o texto vai de encontro por uma educação matemática antirracista.

RESUMO

Neste artigo descreve-se o recorte de uma pesquisa em nível de mestrado que fez emergir uma proposta de ensino desenvolvida a partir de uma investigação sobre a articulação entre a matemática e as manifestações da Congada. O estudo buscou levantar conteúdos de Matemática que fazem parte das práticas históricas, culturais e sociais dos participantes durante as manifestações afro-brasileiras da Congada. O foco da pesquisa foi investigar, enquanto se promoviam ações afirmativas, o potencial educacional de uma proposta pedagógica na concepção de educação antirracista para o ensino de matemática. A análise recaí sobre o material produzido por estudantes durante o desenvolvimento da proposta pedagógica. Descrita como “Simetrias nas vestimentas, adereços e artefatos” a proposta apresentou como objetivo geral: realizar construções de figuras simétricas utilizando o conceito de simetrias de translação, rotação e reflexão. Essa proposta foi aplicada com 14 alunos do sétimo ano do ensino fundamental, e os dados coletados ao final do desenvolvimento da atividade foram: a produção dos *designs* de vestimentas feitas por estudantes; e uma reflexão escrita na qual os estudantes teceram comentários sobre a aula. Com a aplicação desta atividade foi possível verificar que a proposta tem potencial para proporcionar suporte pedagógico para trabalhar com ações afirmativas, além de propiciar aos estudantes uma aprendizagem numa perspectiva antirracista voltada para as manifestações da cultura afro-brasileira da Congada.

Palavras-chave: Etnomatemática, Congada, Manifestações, Simetrias e Educação antirracista.

13.4 – Produto Educacional

GUIA



PARA PROFESSORES DE MATEMÁTICA



RENÊ APARECIDO SANTOS LEONDR O DE OLIVEIRA SOUZA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGE/CM**



SABERES ETNOMATEMÁTICOS DA CONGADA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA ANTI-RACISTA



RENÊ APARECIDO SANTOS LEONDRÓ DE OLIVEIRA SOUZA





COLABORADORES :

- Comunidade Congadeira de Ituiutaba - MG.
- Congadeiros que participaram da pesquisa.
- Grupo de pesquisa GEMEC.

APOIO :



Universidade Federal de
Uberlândia - UFU



Programa de Pós-Graduação em
Ensino de Ciências e Matemática
- PPGECM



Centro de Estudos das Relações
de Trabalho e Desigualdades







QUERIDOS(A) DOCENTES, PESQUISADORES E FUTUROS PROFESSORES.

Este Guia é um produto educacional gerado por meio de uma pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Uberlândia – PPGECM/UFU. O produto visa contribuir para a implementação da Lei 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade de abordar o ensino de "história e cultura afro-brasileira e Africana" dentro das disciplinas específicas contidas no currículo. Nesse material é disponibilizado orientações sobre recursos, métodos e procedimentos para que profissionais da educação (professores de Matemática) possam se qualificar e ensinar conteúdos da história da cultura Africana e afro-brasileira junto com conteúdos específicos da Matemática.

Intitulada "As Manifestações da Congada e a Educação Matemática Antirracista", a pesquisa teve como objetivo compreender como a Matemática existente nos instrumentos percussivos do Congado e em outros artefatos poderia auxiliar professores de Matemática no cumprimento da Lei 10.639/03, a ir em busca por uma Educação Matemática Antirracista.







A pesquisa foi conduzida em três etapas: primeiro investigamos quais são os saberes e os fazeres que emergem das manifestações da congada na cidade de Ituiutaba-MG; depois observamos de forma participativa os encontros, leilões e ensaios dos ternos ao realizar as manifestações; e por último buscamos relações a partir das informações coletadas com estudos do Programa Etnomatemática e de estudos Decoloniais.

Para a pesquisa foram utilizadas técnicas do estudo etnográfico. Coletamos dados por meio de entrevistas semiestruturadas e observação participativa. As entrevistas foram realizadas com oito participantes que estão presentes nas manifestações da congada da cidade de Ituiutaba-MG. Todos ocupavam papel de liderança em seus ternos e tinham responsabilidades principalmente de manter viva a história por meio do compartilhamento dos saberes e dos fazeres nas manifestações. Para a análise dos dados, das narrativas e dos artefatos observados, utilizamos a técnica de análise textual discursiva, que contribuiu para identificar saberes matemáticos que emergem durante a organização e as manifestações da congada.


A partir dos dados obtidos elaboramos este produto educacional descrito como: Saberes Etnomatemáti -





-cos da Congada: Potencialidades ao cumprimento da Lei 10.639/2003. O produto é um Guia que busca auxiliar professores na aplicação de três propostas de ensino desenvolvidas mediante a análise dos dados. Articula-se a temática das manifestações da congada com a Matemática.

O material foi dividido em quatro seções. Na parte inicial apresento o contexto da pesquisa desenvolvida pelo autor, sobre os pressupostos das manifestações da Congada como movimento cultural afro-brasileiro e de resistência. Na segunda parte discuto a Lei 10.639/2003 com ênfase nos estudos sobre a implementação e aplicabilidade nas áreas de ensino. Na terceira seção conversamos sobre o contexto e as teorias do Programa Etnomatemática como fundamentação teórica e metodológica e as suas contribuições para o ensino de matemática. Na parte final apresento três propostas de atividades que podem atender aos princípios desta pesquisa. Por último, esse Guia traz os agradecimentos, as referências bibliográficas e um anexo contendo as fichas de registros e as fichas de planejamento para que professores e pesquisadores possam utilizar em suas turmas.



SOBRE OS AUTORES

RENÊ APARECIDO SANTOS



Mestrando em Educação Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática - (PPGECM), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Graduado em Matemática - Licenciatura, pelo Instituto Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP/UFU). Ex-bolsista (CAPES) no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência - (PIBID) subprojeto Matemática. Ex-bolsista (CAPES) no Programa Residência Pedagógica subprojeto Química/Matemática. Atuou como Coordenador Executivo de Assuntos Estudantis do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros - (NEAB/UFU). Atua como pesquisador pelo Núcleo de Pesquisas em Educação Matemática - (NUPEM/ICENP/UFU). Atualmente é professor no Ensino Fundamental II da rede municipal da cidade de Ituiutaba - MG, ministrando as disciplinas de Matemática e Laboratório de Matemática.

LEANDRO DE OLIVEIRA SOUZA



Pós doutorado na área de Educação, Doutor e Mestre em Ensino Ciências e Matemática, Licenciado em Pedagogia e Licenciado em Matemática. Foi bolsista CAPES (Doutorado Sanduíche) na Universidade de Auckland na Nova Zelândia no departamento de Estatística com pesquisa na área de Educação. Foi professor na Universidade Federal do Amazonas e atualmente é professor da Universidade Federal de Uberlândia (FACED). Coordena o Grupo de pesquisa Equidade na Educação Matemática, Estatística e Científica (GEMEC) produzindo pesquisas sobre formação de professores, educação em Probabilidade e Estatística, tecnologias, desinformação nas mídias e nas redes sociais com foco na educação. Orienta pesquisas nos programas de Pós-graduação em Educação (UFU) e no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (UFU). Foi membro da Diretoria Nacional Executiva da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) no período de 2016-2022. Coordena projetos de pesquisa em nível nacional e internacional.



SUMÁRIO

Conhecendo a Cultura da Congada	9
O Programa Etnomatemática	18
Os Pressupostos da Lei 10.639/2003	24
Potencialidades do Ensino de Matemática Relacionada com as Manifestações da Congada	28
Considerações aos Professores	49
Agradecimentos	50
Referências	52
Anexos	54





CONHECENDO A CULTURA DA CONGADA

PROFESSOR (A),

1ª SESSÃO DE ESTUDOS:

Ao iniciar a aula sobre as manifestações da congada sugerimos estudar um pouco sobre suas práticas enquanto movimento cultural, seus rituais religiosos e sobre sua importância para as futuras gerações. Talvez a congada não faça parte do seu contexto regional e isso não impedirá que aproveite o potencial desse material. Você poderá ter ideias a partir de outras manifestações afrobrasileiras do seu contexto regional que partilham de técnicas e saberes parecidos com os que são observados na congada, por exemplo, na capoeira, no carnaval e no frevo.

Após esse primeiro contato com as manifestações da congada você pode questionar os alunos sobre os assuntos que mais os interessam. Converse sobre a importância de manter o movimento ativo, sobre a representatividade e sobre o empoderamento que pode emergir das manifestações Afro-brasileiras.



PROFESSOR (A),

É muito bem vindo utilizar recursos tecnológicos. Solicite aos alunos que pesquisem nas plataformas de busca vídeos, imagens e materiais que mostrem a realização dos festejos da congada. É preciso que eles entendam como são organizadas as manifestações, com destaque a diversidade de cores, instrumentos e artefatos dos ternos. Esse contato visual servirá para que compreendam os aspectos históricos, culturais e políticos das manifestações. Essa compreensão é necessária para aqueles alunos que já presenciaram e também para os que nunca presenciaram as atividades dos congadeiros.



PROFESSOR (A),

Sugerimos nesse momento uma aula dialogada com a utilização de questões norteadoras que levem os estudantes a participarem e a evidenciar suas concepções sobre a cultura, seus conhecimentos prévios e os adquiridos por meio das interações feitas entre professor - alunos.

Durante a aula explique os sentidos e as idealizações trazidas pelas manifestações da congada. A importância desse movimento como ferramenta de resistência e a valorização da ancestralidade devem ficar evidentes. Assim os alunos poderão notar como as manifestações se reinventam ao longo dos anos.

Enfasê também pode ser dada sobre as tradições, as aprendizagens e aos ensinamentos que são compartilhados. Existe uma riqueza passada por meio da história oral e hierarquizada dos mais velhos para os mais novos. Além disso, existe a devoção aos Santos Padroeiros, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito que também figuram uma história importante para o movimento.

AS MANIFESTAÇÕES DA CONGADA COMO MOVIMENTO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO, COMPORTAMENTOS E CRENÇAS

De acordo com Dos Santos (2020), existem duas terminologias que se remetem as manifestações da congada, ela diz que: "Adotam-se para esta reflexão as terminologias Congado e Congada. A primeira diz respeito à manifestação cultural e religiosa em si, que representa a celebração do reinado africano no Brasil, e que se manifesta de formas variadas conforme a região. A segunda corresponde ao ritual de celebração da herança ancestral, a festa, que ocorre mediante a manifestação dos elementos dos ritos ancestrais africanos e ao mesmo tempo dos ritos do catolicismo popular" (p.17, 2020).

Em concordância, Silva (2009), aponta que essas manifestações antigamente eram tidas como festividades de origem negra, hoje, com o passar dos anos se tornou um ritual interétnico, no qual tem a presença de negros, brancos e mestiços de diferentes classes sociais, com o intuito de louvar os santos padroeiros. O autor ainda ressalta que: Esses folguedos se espargiram em praticamente todas as regiões do país difundindo a ritualização de um passado feito presente, por meio de dramatizações coreografadas nas quais as sequências de desafios, de lutas e de reconciliações são representadas nas figuras de um Rei e/ou Rainha Congos

de sua corte e de seu exército de guerreiros, em ambientes essencialmente urbanos (SILVA, p.40, 2009).

A cultura congadeira é um dos movimentos negros que envolvem a ancestralidade e os valores culturais afro-brasileiros, sendo uma das maiores manifestações de Minas Gerais. Essa cultura é mantida por gerações como uma tradição familiar originária da história de povos africanos. Segundo Nogueira (2021) a Congada é uma mistura de manifestações que combinam a cultura dos povos negros escravistas, ancestrais e religiosidade, sua estrutura nos traz música, dança, arte, cores e vida, nos contando o que é ser afro-brasileiro.

Os conhecimentos dos congadeiros estão ligados a oralidade. Esses conhecimentos são passados dos mais velhos para os mais novos, por meio das histórias, contos e cantos, que são realizados o ano inteiro por meio das ações nos quarteis. Os quarteis são espaços destinados a reuniões e encontros para cada grupo e configuram-se, de acordo com Cruz (2007), como espaços de referência identitária e de tomada de consciência socioespacial de pertencimento. Compreender a cultura da Congada foi objetivo de pesquisa dos trabalhos de Naves e Katrib (2012), Rezende (2011) e Brasileiro (2012). De modo contextualizado eles trazem uma visão nacional da cultura e tradição. Nos achados há uma valorização da produção de festividades culturais e das dinâmicas sociais que estabelecem na cons -

- trução de uma irmandade que valoriza os saberes, fazeres, memória e ancestralidade negra, com conhecimentos e saberes de África e da diáspora, conhecimentos esses trazidos mediante a imigração forçada durante o período de escravidão.

Para Rezende (2011) o Congado se constitui em espaço de resistência e de reformulação de identidades. Almeida (2008) destaca que a realização destas festividades culturais, apropriam-se do território e atribuem significado a ele. Esses territórios são marcados pelas realidades, valores que perpassam o material financeiro, onde destacam-se as marcas da materialidade e destacam-se aspectos simbólicos. Por sua vez, as manifestações organizam-se em um contexto de sociabilidade, marcado pela divisão de classes, exigindo diversas articulações e estratégias a fim de garantir sua continuidade.

PROFESSOR (A),

ACESSE AQUI !

Para saber mais sobre as manifestações da Congada, consulte nossos materiais de estudos no drive.



PROFESSOR(A),

Sugerimos na terceira sessão de estudos que a atividade seja realizada individualmente na sala de informática se for possível na sua escola. Proponha aos alunos que escolham um terno de congada para pesquisar sobre suas principais danças, músicas e vestimentas, e depois, caracterizá-lo.

3ª SESSÃO DE ESTUDOS:



No momento de busca pelos alunos, o(a) professor(a) deve atuar como mediador, principalmente atendendo aqueles que tenham alguma dificuldade em relação ao uso dos computadores. Após esse momento de busca individual sugiro pedir a cada aluno que apresente para a turma o grupo escolhido, mostre suas características, seus fazeres e seus rituais. Após todos apresentarem, a aula poderá ser finalizada pelo professor com ponderamentos mediante aos argumentos dos estudantes sobre a importância do movimento.



**UBIRATAN
D'AMBROSIO**

O PROGRAMA
**ETNOMATEMÁ
TICA**

UBIRATAN D'AMBROSIO



O Programa Etnomatemática é uma abordagem de pesquisa que reconhece e valoriza as práticas matemáticas presentes nas diferentes culturas e contextos sociais. Ela questiona a ideia de que a matemática é uma disciplina universal e objetiva, e destaca a diversidade de formas de pensar e utilizar os números, os padrões, as formas e estruturas matemáticas em diferentes comunidades.

Esse Programa realiza abordagens para um ensino que compreenda as contribuições culturais de saberes e fazeres matemáticos existentes em outras organizações sociais de grupos culturais, como povos indígenas, povos africanos, povos antigos, dentre outros. Esta teoria nasce como uma contraposição ao ensino tradicional de uma educação eurocêntrica que nega a influência de grupos não brancos.

UBIRATAN D'AMBROSIO



A etnomatemática pode ser definida como a matemática praticada pelos membros de grupos culturais distintos, que podem ser identificados como sociedades indígenas, associação de trabalhadores, classes profissionais e grupos de crianças de uma determinada faixa etária.

Ubiratan D'Ambrosio é conhecido internacionalmente como o fundador de um programa voltado para reflexão e pesquisa do desenvolvimento de ideias matemáticas nos mais diversos contextos históricos, culturais e educacionais (Gerdes, 2010). D'Ambrosio (2018, p. 191) afirma que "O Programa Etnomatemática é conceitualmente projetado como um programa de ampla investigação da evolução das ideias, das práticas e do conhecimento da espécie humana em diferentes ambientes culturais"

AS TEORIAS DO PROGRAMA ETNOMATEMÁTICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES.

Surgiu na década de 70, com as contribuições do professor Ubiratan D'Ambrosio, o Programa Etnomatemática faz abordagens para um ensino que não compreenda as contribuições culturais de saberes e fazeres matemáticos existentes em outras organizações sociais de grupos culturais, como povos indígenas, povos africanos, povos antigos, dentre outros. Essa teoria nasce como uma contraposição ao ensino tradicional de uma educação eurocêntrica que nega a influência de grupos não brancos.

Segundo Clareto (2003), a etnomatemática reconhece que os sistemas de conhecimento matemático são construídos social e culturalmente, e que, cada cultura desenvolveu suas próprias formas de resolver problemas, organizar informações quantitativas, realizar medições, estabelecer relações espaciais, entre outras práticas matemáticas. Essas práticas podem incluir, por exemplo, técnicas de contagem, sistemas de numeração, geometria indígena, métodos de divisão, sistemas de medidas tradicionais, entre outros (CLARETO, 2003).

A abordagem etnomatemática busca promover uma educação matemática mais inclusiva e contextualizada a partir da valorização do conhecimento e das experiências dos estudantes da matemática, tornando-a mais significativa

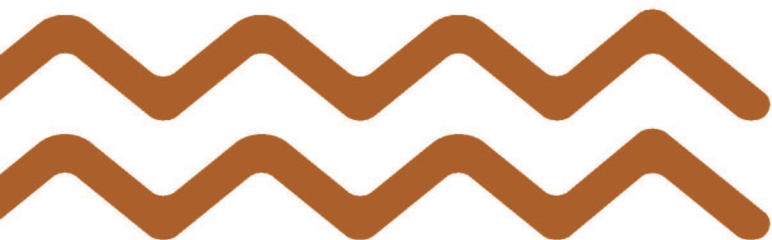
e relevante para suas vidas. Além disso, a etnomatemática tem uma dimensão crítica, questiona as relações de poder presentes na produção e difusão do conhecimento matemático. Ela busca desafiar a hegemonia de certos saberes matemáticos, muitas vezes associados a culturas dominantes, e assim promove a valorização e o respeito pelas diferentes formas de conhecimento matemático.

PROFESSOR (A),

ACESSE AQUI !

Para saber mais sobre as teorias do Programa Etnomatemática, consulte nossos materiais de estudos no drive.





OS PRESSUPOSTOS

DA LEI

10.639/03

PROFESSOR (A),

Você sabia que existe uma Lei que torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana associadas aos conteúdos específicos? Essa Lei propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da cultura africana e afro-brasileira.

5ª SESSÃO DE ESTUDOS:



Você como professor deve estar ciente que os povos africanos tiveram um papel de grande importância para a constituição do nosso país. Deve se desconstruir a ideia de relacionar o negro ao trabalho escravo. Ninguém é escravo, pessoas negras, foram e são escravizadas. Essa Lei propõe dar visibilidade aos africanos e aos seus descendentes afro-brasileiros como sujeitos intelectuais, com cultura própria, dança, culinária e religiões.



PROFESSOR (A),

DIRETRIZES - EREER

ACESSE AQUI !

Para saber mais sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais, consulte os QR code



LEI 10.639/2003

LEI 9.394/1996

ACESSE AQUI !

ACESSE AQUI !



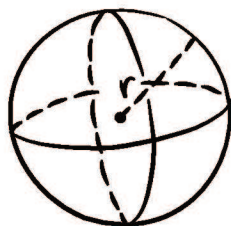
PROFESSOR (A),

Você pode planejar uma discussão sobre o surgimento da Lei, mas antes solicite aos alunos que realizem pesquisas sobre o dia da Consciência Negra que foi uma das diretrizes da Lei. Deixe que eles descubram o porquê da data que marca o dia 20 de novembro em homenagem ao dia da morte de Zumbi dos Palmares.

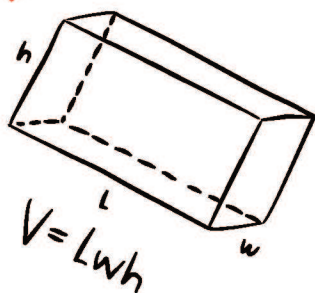


Você pode realizar uma atividade para que os alunos possam desenhar e escrever em uma folha A4 suas concepções sobre a implementação da Lei 10.639/03. Ressalte a importância dela para fortalecer uma sociedade antirracista. Finalize essa atividade com cada aluno expondo seu desenho para a sala e explicando o seu significado. Após esse momento crie um mural ao lado de fora da sala e em seguida exponha os desenhos para a comunidade escolar.

$$x = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$$

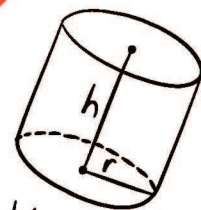


$$V = \frac{4}{3} \pi r^3$$



$$V = Lwh$$

$$ax^2 + bx + c = 0$$



$$V = \pi r^2 h$$

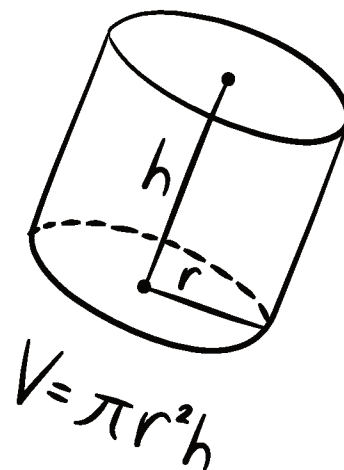
POTENCIALIDADES DO ENSINO DE MATEMÁTICA RELACIONADO COM AS MANIFESTAÇÕES DA CONGADA



PROFESSOR (A),

6ª SESSÃO DE ESTUDOS:

Nesta sessão apresentaremos três propostas de ensino desenvolvidas pelos pesquisadores na qual os estudantes farão relações entre a Matemática e as manifestações da Congada.

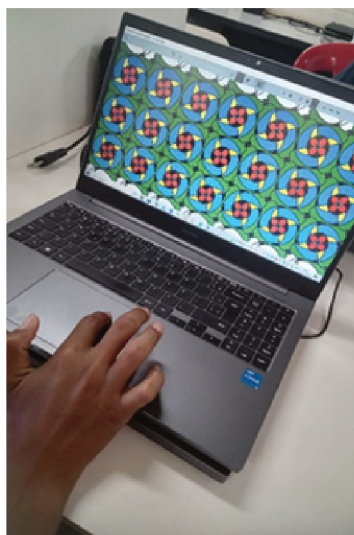


Diante da escassez de estudos desse tipo acreditamos que aplicação dessas propostas contribuirá para que professores de matemática possam melhorar suas abordagens de ensino e implementar nas aulas a Lei 10.639/2003. Nessa perspectiva as três propostas pedagógicas apresentadas são contempladas pelos conteúdos Matemáticos associados aos saberes e fazeres das manifestações da congada.



PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

E APLICAÇÕES PARA O AMBIENTE ESCOLAR



1.

**SIMETRIAS NAS VESTIMENTAS,
ADEREÇOS E ARTEFATOS**

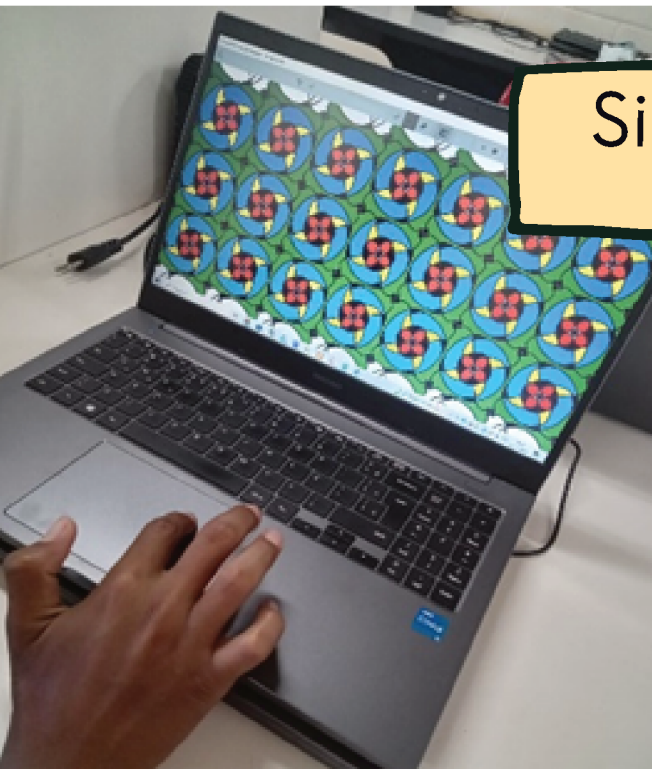
**MATEMÁTICA FINANCEIRA NOS
LEILÕES DO CONGADO**

2.



3.

**MATEMÁTICA NOS INSTRUMENTOS
PERCUSSIVOS UTILIZADOS NA CONGADA**



Simetrias nas vestimentas, adereços e artefatos

Objetivo Geral

Realizar construções de figuras simétricas, utilizando o conceito de simetrias de translação, rotação e reflexão.

Publico Alvo: Alunos do 7º ano

Habilidade

(EF07MA21) reconhecer e construir figuras obtidas por simetrias de translação, rotação e reflexão, usando instrumentos de desenho ou softwares de geometria dinâmica e vincular esse estudo a representações planas de obras de arte, elementos arquitetônicos, entre outros.

Duração
5 aulas

Objetivos Específicos

- Ø Desenvolver habilidades artísticas utilizando o conceito de simetria;
- Ø Construir diferentes tipos de simetrias utilizando o software Amaziograph;
- Ø Utilizar o conceito de simetria para construir designer que possam ser utilizados nas vestimentas e adereços dos congadeiros.

Competência Geral da BNCC

3 - Valorizar e fluir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais as mundiais, e também participar das práticas diversificadas da produção artístico-cultural;

Aula 1 e 2

O professor iniciará a aula realizando uma roda de conversa com os alunos afim de ouvi-los sobre os elementos que mais chamaram a atenção em relação as manifestações da congada. O professor mediará a conversa até que algum aluno diga algo sobre as vestimentas, adereços e a riqueza das cores. Após esse momento o professor pode apresentar aos alunos o conceito de simetria e fazer uma abordagem sobre os tipos de simetrias, enquanto faz isso compare com as figuras geométricas utilizadas nas vestimentas e nos adereços utilizados pelos congadeiros durante as manifestações da congada.

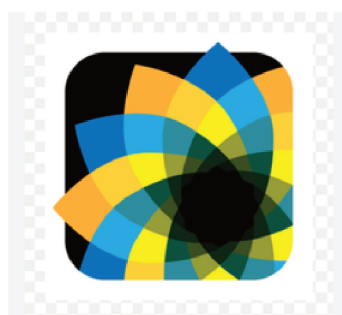
Aula 3

A terceira aula pode ser desenvolvida utilizando os recursos tecnológicos na sala de informática se sua escola possuir. Sugiro apresentar aos alunos o aplicativo Amaziograph que permite criar mosaicos e mandalas utilizando conceitos de simetria. O professor pode solicitar que os alunos realizem a construção de galerias de estampas escolhendo as cores e traços que desejarem. O aplicativo é bastante intuitivo e fácil de manusear. Após essa construção o professor pode solicitar que os alunos desenvolvam as estampas e apliquem em algum modelo de vestimenta. Essa é uma boa oportunidade para envolvê-los também com a disciplina de Artes.

O objetivo dessa aula é que os alunos desenvolvam suas estampas utilizando figuras geométricas. O professor deve entregar aos alunos uma moldura de vestimentas no estilo afro que esta presente nos anexos desse material, para que os alunos possam recriar os modelos utilizando o Design construído por meio do aplicativo.

PROFESSOR (A),

ACESSE AQUI !



Para adquirir o aplicativo Amaziograph, consulte aqui



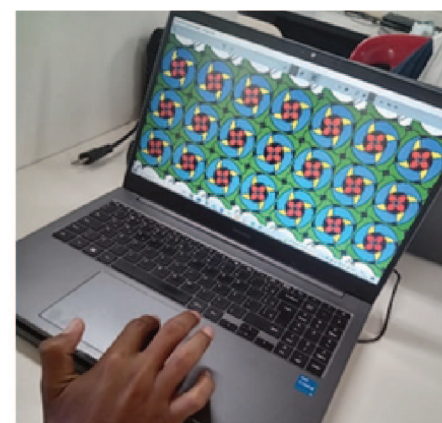
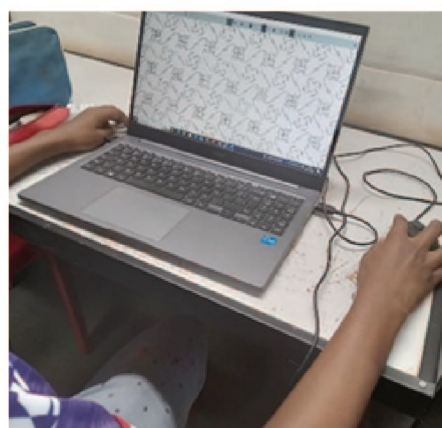
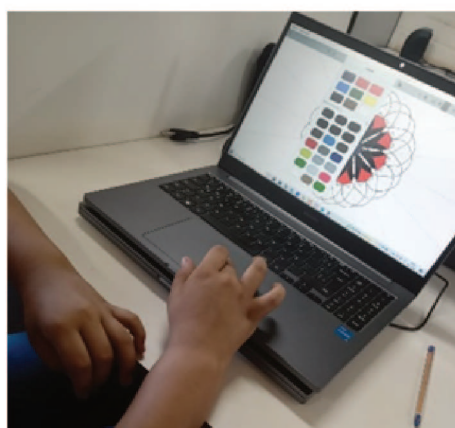
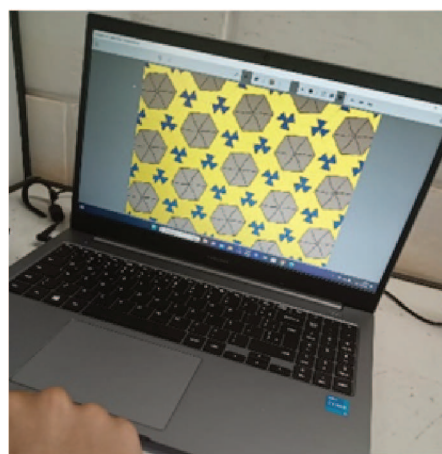
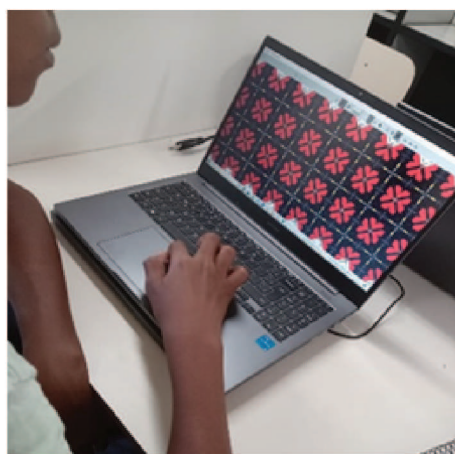
Modelos de vestimentas



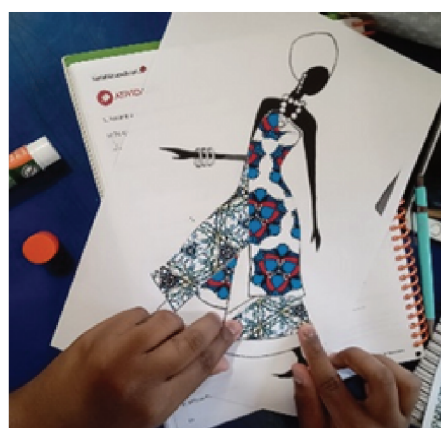
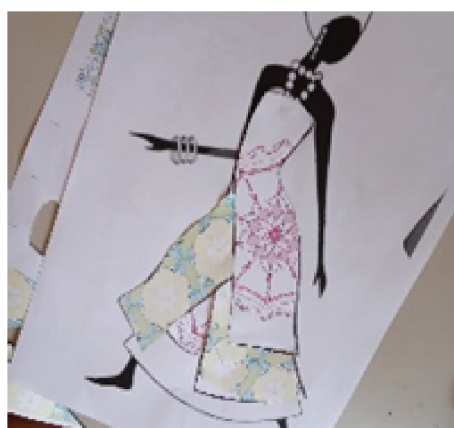
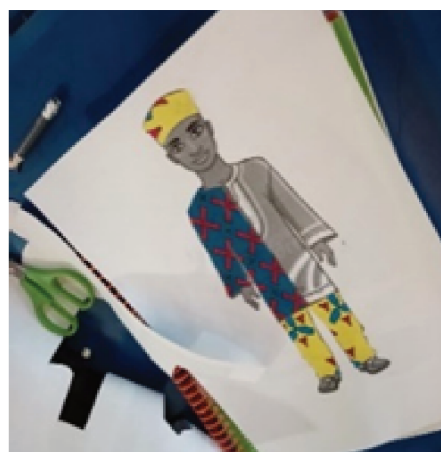
Aula 4 e 5

A quarta e quinta aula podem ser destinadas para que os alunos construam modelos de vestimentas com as simetrias desenvolvidas na aula anterior. Dessa forma, o professor poderá selecionar as estampas criadas pelos alunos e realizar a impressão em folhas tamanho A4. Posteriormente entregue à eles um modelo de vestimentas no estilo afro e suas simetrias impressas, para que eles possam recriar vestimentas dos congadeiros. Após esse momento sugiro que exponha as atividades em um mural da escola.

Alunos criando Simetrias no Amaziograph



Alunos criando os designers das vestimentas



Matemática financeira dos leilões do congado

Objetivo Geral

Utilizar elementos da matemática financeira (planejamento, investimentos e imprevistos) em situações problemas do cotidiano dos congadeiros.

Publico Alvo: Alunos do 9º ano

Habilidade

(EF09MA05A) Resolver problemas que envolvam porcentagens, com a ideia de aplicação de percentuais sucessivos e a determinação das taxas percentuais, preferencialmente com o uso de tecnologias digitais, no contexto da educação financeira.

Duração

3 aulas

Objetivos Específicos

- Ø Realizar planejamento orçamentário, montagem de planilhas e comparar gastos;
- Ø Discutir e analisar situações, visando a tomada de decisões;
- Ø Compreender a importância de poupar e se organizar financeiramente.

Competências Gerais da BNCC

9 - exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceito de qualquer natureza;

10 - Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários

Aula 1

O objetivo dessa atividade é que os estudantes aprendam a utilizar elementos da matemática financeira como orçamento, recursos, planejamento e controle financeiro. Inicie a aula apresentando alguns desafios que a comunidade congadeira enfrenta para honrar com as despesas de seu grupo. Aponte algumas formas de arrecadação de recursos que eles utilizam e apresente a quantia em dinheiro que o governo disponibilizou para auxiliar nessas despesas. Enfatize aos alunos que nesta aula, eles irão aprender sobre a importância das ferramentas de organização e planejamento. Inicie uma roda de conversa apresentando alguns questionamentos e estimule-os a participarem das discussões. Pergunte aos alunos com quais elementos eles acreditam que os integrantes dos ternos mais gastam recursos financeiros. Conduza o diálogo até que eles fiquem cientes sobre a demanda de despesas. Finalize a aula abordando a temática do orçamento.

Aula 2

Inicie a aula solicitando que os alunos se posicionem em uma roda e realize algumas perguntas para estimular que eles participem. Questione sobre o que venha a ser a palavra orçamento, se algum deles realiza esse tipo de ação, se seus familiares praticam o hábito de utilizar essa ferramenta. Após ouvir a fala dos alunos explique com suas palavras que orçamento é uma ferramenta para que possamos estimar a quantia que recebemos e o quanto gastamos em um determinado período de tempo, podendo verificar, controlar e até mesmo estruturar nossa vida financeira. Finalize a intervenção ressaltando a importância de elaborar e acompanhar o orçamento, pois essa ferramenta auxilia a gastar menos e a controlar os recursos e decidir qual a melhor tomada de decisão.

Após a discussão, diga a turma que chegou o momento de praticar, divida a sala em grupos de no máximo cinco alunos e entregue a cada grupo uma situação problema a ser analisada. As cartilhas entregues aos alunos são situações fictícias que abordaram elementos de um terno de congada, sobre despesas e arre de recursos. Cada grupo deve ter em torno de 20 minutos para analisar tal situação e adicionar um parecer. Após esse tempo entregue aos grupos uma ficha com situação de imprevista que mudará o contexto da história. A partir dela os alunos deverão tomar uma decisão.

Após todos os grupos realizarem as discussões, solicite que um representante do grupo exponha as decisões. Realize um pequeno debate sobre quais seriam as melhores tomadas de decisão e o que eles entendem por imprevistos. Finalize ressaltando a importância do planejamento.

Situação problema

1.



Situação fictícia: Os participantes do terno Congo Real receberam uma quantia de 5000 reais para auxiliar nas despesas e manutenções no terno. A Diretoria é composta por um grupo de integrantes responsáveis por distribuir a verba da melhor forma. Tales é o primeiro capitão e decidiu destinar 1300 reais para a caixaria, pois verificou que os instrumentos necessitavam de diversos reparos. Decidiu ainda que seria destinado uma quantia de 2000 reais para a alimentação dos congadeiros e visitantes no dia das festividades. Desse valor que sobrou, o capitão do terno destina parte desse recurso para auxiliar nas vestimentas das meninas da bandeira, após isso ficou com um caixa de 500 reais. Como a viagem para a festa de Romaria- MG é uma das festas mais bonita da região e o valor da passagem que os congadeiros pagam costuma ser bastante acima do preço, o capitão destinou o restante do recurso para ajudar na locação do ônibus para a viagem.

Imprevisto: Além dos recursos gastos na manutenção dos instrumentos, o terno teve um aumento de 10 novos integrantes para compor a caixaria, porém não tinham instrumentos para todos, e nem havia sobrado recursos.

Situação problema

2.



Situação fictícia: Os integrantes do Moçambique camisa Rosa pretendem realizar uma confraternização em comemoração ao aniversário do terno. Para a festa contavam com o valor que sobraria após quitar todas as despesas do terno. Os diretores informaram que os recursos somavam 6 mil reais em caixa. Ao se preparar para as manifestações o terno destinou 1200 reais para as manutenções e fabricação de novos instrumentos, com a alimentação dos componentes foram gastos 2500 reais, com adereços foram gastos 600 reais e guardaram 1200 reais para a realização de viagens. Sobraram apenas 500 reais para ajudar na realização da confraternização.

Imprevisto: Com o dinheiro que sobrou não será possível realizar a festa de aniversário. Planeje ações para auxiliar o terno a arrecadar recursos financeiros. O que poderiam fazer com os 500 reais restantes para atingir a meta?

Situações problemas

3.



Situação fictícia: Os participantes do terno Camisa Verde se preparam com antecedência para realizar as atividades do grande dia da festa, por isso, tem suas demandas bem organizadas. Com os recursos disponíveis são realizadas manutenções nos instrumentos, confecções de novas vestimentas e disponibilizada alimentação para os participantes. Com isso, os recursos já estavam todo distribuídos e alinhado com os fornecedores. Com a manutenções dos instrumentos foram gastos 1200 reais, com alimentação foram destinados 2000 reais e as vestimentas e adereços com a costureira ficou em um valor de 3000 reais, incluindo preço dos sapatos das meninas da bandeira. Com essa demanda de despesas o terno ficou sem nenhum recurso em caixa.

Imprevisto: Ao verificar a encomenda dos sapatos a costureira informou que que não conseguiria entregar mais a encomenda pois a matéria prima necessária para realizar a confecção estava em falta no mercado. Devido a essa situação a costureira devolveria apenas parte do dinheiro. O que poderá ser feito mediante a essa situação?

Matemática nos instrumentos percussivos utilizados na congada



Objetivo Geral

Utilizar instrumentos de medições para realizar cálculos de área e volume dos instrumentos utilizados pelos congadeiros.

Público Alvo:
Alunos do 7º ano

Habilidade

(EF07MA61MG) Fazer estimativas de volumes e capacidades.

Duração
3 aulas

Objetivos Específicos

- Ø Realizar montagem e desmontagem dos instrumentos e identificar seus elementos geométricos;
- Ø Realizar cálculo de área nos instrumentos desmontados;
- Ø Realizar cálculo de volume e capacidade nos instrumentos musicais dos congadeiros;

Competências Gerais da BNCC

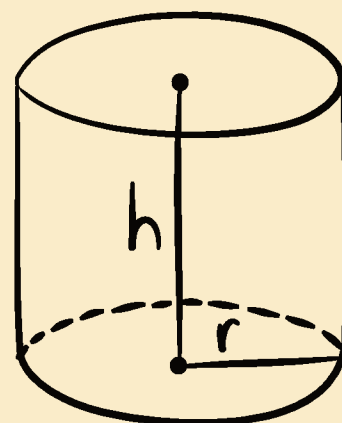
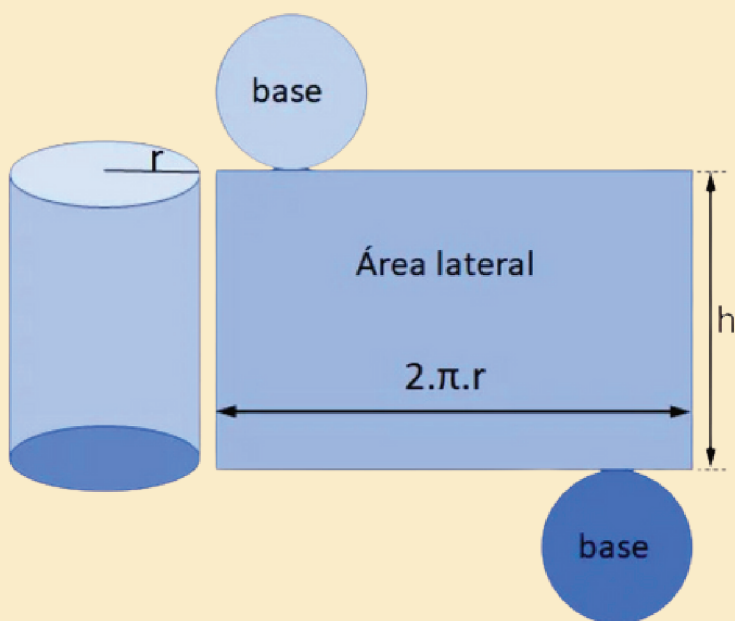
3 - Valorizar e fluir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais as mundiais, e também participar das práticas diversificadas da produção artístico-cultural;

6 - Valorizar a diversidade dos saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade

Aula 1

Para essa aula indicamos que os alunos tenham um conhecimento prévio sobre conceito de cálculo de área e volume do cilindro. A proposta em questão objetiva realizar o cálculo de área e de volume utilizando os instrumentos, no qual será possível abordar conceitos da geometria plana e espacial. Relembre o conceito de área que pode ser relacionada com a medida da superfície de um sólido podendo ser utilizada para determinar a quantidade de material a ser utilizado para a realizar a construção da figura espacial, e o volume de um sólido que representa a capacidade em uma escala de medida que este objeto possui para armazenar algo.

Aula 1



$$V = \pi r^2 h$$

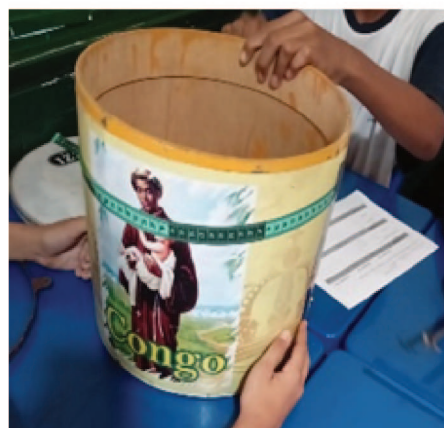


Aula 2 e 3

Após o professor apresentar o conceito relacionado ao cálculo de área e volume essa atividade pode servir para compreender o conteúdo ao desenvolver esta proposta. A atividade se inicia com o professor relembrando os alunos conceitos de cálculo de área e volume de alguns sólidos geométricos, especificamente relacionados ao cilindro que tem o mesmo formato de alguns dos instrumentos. Essa atividade é sugerida que se aplique em grupos de modo que os alunos possam manipular os instrumentos, fazer as medições corretas utilizando instrumentos de medidas e assim realizar aproximadamente os cálculos de área e volume. Será entregue aos alunos instrumentos montados e desmontados e cada grupo realizará as devidas medições e os cálculos corretamente. Deixe um período para os alunos realizarem as discussões. Finalize a intervenção realizando abordagens sobre a importância que as manifestações da congada tem para a sociedade, evidencie aqui que a matemática está em tudo, e que nas manifestações da congada não é diferente.



Alunos manipulando os instrumentos



CONSIDERAÇÕES

Com a realização desta proposta, esperamos que vocês leitores fiquem motivados para estudar e implementar em suas aulas atividades que contemplem a Lei 10.639/03. Principalmente com o foco em relacionar o conteúdo de matemática com as manifestações da congada.

Além disso, espera-se que esse material possa contribuir para o compartilhamento dos saberes e fazeres da cultura da congada, como movimento cultural e de empoderamento negro.

Além de atender quatro das dez competências gerais da BNCC, esse material contribui para o desenvolvimento pessoal dos estudantes, exercitando a autonomia, o senso de tomada de decisões, responsabilidade, valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais, argumentar com base em fatos, dados e informações, além de exercitar a empatia e o diálogo entre seus pares.

AGRADECIMENTOS

Primeiro eu gostaria de agradecer a Deus por me permitir realizar meus sonhos e me manter firme na caminhada.

A minha esposa Nayara Cristina Alves de Oliveira, por estar comigo me apoiando e me incentivando a nunca desistir.

A minha mãe Marilza Divina dos Santos por sempre acreditar em meu potencial e por estar comigo em todos os momentos, e a toda a minha família.

Agradeço ao meu orientador, Leandro de Oliveira Souza, por toda contribuição e orientação durante esses anos de estudos e ensinamentos.

Agradeço a todos os meus amigos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, em especial Igor Gabriel Santos de Sousa e Ana Roberta Amorim Barros por estarem comigo nessa caminhada do mestrado.

Agradeço, a toda a comunidade congadeira que mantém as manifestações da congada ativa para a sociedade. Agradeço ainda aos congadeiros que participaram como integrantes da pesquisa.

Agradeço as contribuições e sugestões do Grupo de pesquisa Equidade na Educação Matemática, Estatística e Científica - GEMEC, que me ajudou com as discussões durante todo o processo, desde a elaboração do projeto até o momento da defesa.

Agradeço ao Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, pela valiosa colaboração, tanto pelo incentivo financeiro durante a realização do projeto intitulado Etnomatemática, Modelagem Matemática e formação de professores: possibilidades de implementação da lei 10.639/03 no ensino de matemática no período da graduação, com um pro-labore como pesquisador, quanto pelas discussões que contribuíram significativamente para ampliar meu entendimento sobre a temática racial.

Agradeço aos estudantes que participaram da validação das propostas pedagógicas, e das contribuições para este estudo.

Agradeço as contribuições dadas dos professores Doutores José Ivanildo Felisberto de Carvalho da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE) e Cristiane Coppe de Oliveira da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) que foram membros da banca de defesa da dissertação e deste produto educacional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. de; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (Org.). Geografia e cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida. Goiânia: Editora Vieira, 2008.

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASILEIRO, Jeremias. Coexistência Cultural e Religiosa: um diálogo entre as congadas e o catolicismo popular. Revista Relicário, v. 5, n. 10, p. 35-51, 2018. Disponível em: <https://museudeartesaerauberlandia.com.br/index.php/relicario/article/view/29> >. Acesso em: 30 jan. 2023.

BRASILEIRO, J. O ressoar dos tambores do Congado: entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955-2011). 2012. 192 f. Dissertação de (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16431/1/d.pdf> >. Acesso em: 12 fev. 2023.

CLARETO, S. M. Terceiras Margens: um estudo etnomatemático de espacialidades em Laranjal do Jari (Amapá). Tese de Doutorado em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2003. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/102153> >. Acesso em 01 jul. 2023.

CRUZ, V. C. do. Territorialidades, identidades e lutas sociais na Amazônia. In: ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBERT, Rogério. Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos. p.93-122, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/1283> >. Acesso em: 19 fev. 2023.

D'AMBRÓSIO, U. Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer. 4 ed. São Paulo: Ática, 1998.

D'AMBRÓSIO, U. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. - 4. ed. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

D'AMBRÓSIO, U. Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-120, jan/abr. 2005.

D'AMBRÓSIO, U; ROSA, M. Um diálogo com Ubiratan D'Ambrosio: uma conversa brasileira sobre etnomatemática. In: BANDEIRA, Francisco de Assis; GONÇALVES, Paulo Gonçalo Farias.(Orgs.). Etnomatemáticas pelo Brasil: aspectos teóricos, ticas de matema e práticas escolares. Curitiba: CRV, 2016. p. 13-38.

DOS SANTOS, Vanilda Honória. Apontamentos de antropologia filosófica afrodiaspórica das Congadas no Brasil. Itaca, n. 36, p. 7-42, 2020. Disponível em: < <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/31776/19605> >. Acesso em: 30 jan.2023.

NAVES, F. D.; KATRIB, C. M. I. Cultura, identidade e religiosidade em Ituiutaba-MG. Horizonte Científico, Uberlândia, v. 6, n. 2, fev. 2012.

NOGUEIRA, M. V. R. Etnomatemática e Afrocentricidade: o que pensam os estudantes cotistas do curso de Matemática do ICENP/UFU. 2021. 101 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Matemática) - Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2022.

REZENDE, R. L. O congado como espaço constituinte da sociedade civil. Vozes & Diálogos. Itajaí, v. 10, n.1, set./dez., 2011. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br//seer/index.php/vd/article/view/2897>>. Acesso em 12 de fev. 2023.

SILVA, V. L. P. As Congadas em São Paulo: canções, narrativas e palavras. 2009. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em:< <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=493845> >. Acesso em: 30 jan. 2023.

ANEXOS

Para consultar as fichas de registros e os planejamentos de todas as atividades propostas neste material, consulte os anexos no nosso drive.



ACESSE AQUI !





Universidade Federal de Uberlândia - UFU

